

Universidade de Brasília – UnB  
Instituto de Artes - IdA  
Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas– PPGCEN

Natália Lins Solorzano

**ENSAIADA**  
**brincadeiras de corpos encantados nas rodas**

Brasília - DF

2022

Natália Lins Solorzano

**ENSAIADA**  
**brincadeiras de corpos encantados nas rodas**

Dissertação de Mestrado realizada dentro do Programa de Pós-graduação em Artes Cênicas da Universidade de Brasília, na linha de pesquisa Processos Compositivos para Cena.

Orientação: Prof. Dra. Rita de Cassia de Almeida Castro.

Brasília - DF

2022

Ficha catalográfica elaborada automaticamente,  
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

LN272e Lins Solorzano, Natalia  
ENSAIADA - brincadeiras de corpos encantados nas rodas /  
Natalia Lins Solorzano; orientador Rita de Cássia Almeida  
Castro. -- Brasília, 2022.  
151 p.

Dissertação (Mestrado - Mestrado em Artes Cênicas) --  
Universidade de Brasília, 2022.

1. Saia. 2. Ancestralidade. 3. Corpo. 4. Feminino. 5.  
Brincadeira Popular Brasileira. I. Almeida Castro, Rita de  
Cássia , orient. II. Título.

Natália Lins Solorzano

ENSAIADA  
brincadeiras de corpos encantados nas rodas

Dissertação de Mestrado realizada dentro do Programa de Pós-graduação em Artes Cênicas da Universidade de Brasília, na linha de pesquisa Processos Compositivos para Cena.

Orientação: Prof. Dra. Rita de Cassia de Almeida Castro.

Aprovada em 03 de agosto de 2022.

---

Profa. Dra. Rita de Cássia de Almeida Castro

---

Profa. Dra. Alissan dos Santos

---

Profa. Dra. Giselle Rodrigues de Brito

---

Suplente: Profa. Dra. Alice Stefânia Curi

## Oração

Te convido a vestir uma saia e dançar comigo:

[https://www.youtube.com/watch?v=a2IWcfwNDtI&list=OLAK5uy\\_n65vhu5p16f9Z8SqOCG5XSKpRtbgU7ufs&index=2](https://www.youtube.com/watch?v=a2IWcfwNDtI&list=OLAK5uy_n65vhu5p16f9Z8SqOCG5XSKpRtbgU7ufs&index=2) (Música 1)

Debaixo das sete saias, sete saias firma o tempo

Debaixo das sete saias sete saias firma o tempo,

Debaixo de duas saias só balança o vento,

Debaixo de duas saias só balança o vento.

RodaDa Saia Sinhá, roda pra lá e pra cá

RodaDa Saia Sinhá, roda pra lá e pra cá.

Cinco saias mexe o tempo, três saias confirma o vento.

Cinco saias, mexe o tempo, três saias confirma o vento.

Duas saias balança o tempo, uma saia faz girar.

Duas saias balança o tempo, uma saia faz girar.

Saravá Sete Saias!

Laroyê Pombogira!

Optchá

## Agradecimentos

Agradeço primeiramente à Deusa, que me ofereceu a oportunidade de refletir por meio da arte sobre as ciências dos corpos e espíritos. Agradeço ao tempo que conflui para a realização material desta escrita e ao abraço e proteção de toda a ancestralidade encantada que me garante e guia. Agradeço a Terra e em especial ao Brasil, solo sagrado que me conta sua beleza e mistérios para a costura de vidas.

Em sequência agradeço às minhas famílias. No berço de minha casa, a Corina, Edwin, Juliana, Marina e Inaê, que sempre me incentivaram, cada uma à sua maneira. A família de amigos e grupos RodaDa Saia®, Filhas de Oyá, Agbelas, Clã das Águas, Martinha do Coco, Jongô do Cerrado, Seu Estrelo, Maria das Alembanças e Teatro do Instante que me deram o sustento do brincar e continuar a rodar a sorrir, mesmo nos momentos mais difíceis da pesquisa. E também a minha linda família e lar espiritual, a Fraternidade Universalista da Divina Luz Crística, em especial a mãe Carla Costa e Seu Gira Mundo, que me deram chão, estrutura e espaço de diálogo, troca sensível e conhecimento para poder tocar e falar sobre o divino.

Agradeço muitíssimo à Universidade de Brasília, em especial ao Departamento de Artes Cênicas e ao PPG CEN, com toda equipe de professores, administradores e técnicos que trabalharam incansavelmente para o apoio e continuação das pesquisas e formações, mesmo diante de um cenário pandêmico e um governo de pouco caso com a arte. Em especial, a minha orientadora, Rita de Cássia de Almeida Castro por toda a paciência, escuta e direcionamentos.

Para finalizar, ainda dentro da pós-graduação, agradeço ao grupo de pesquisadores que tive a alegria de caminhar junto: Flávio Café de Miranda, Jemima Tavares de Medeiros, Ana Carolina de Sousa, Rivka Faria Pereira da Silva, Jorge Renan Mendes Marinho e Eduardo Fernandes Batista. Companheiros que fortaleceram profundamente minha pesquisa. Agradeço ao encontro e aprendizados de nós sete nessa caminhada de descobertas e maestrias, vida longa a diversidade e apoio das pesquisas nas artes.

## **Dedicatória**

Á memória de minhas avós e avôs,  
À toda a ancestralidade que me sustenta.

Às mulheres da minha vida,  
Gratidão pela passagem de vida.

## Resumo

O presente trabalho discute os caminhos que fiz para a criação da apresentação teatral e rito cênico *Ensaçada*, realizado em 2019. Para essa realização costurei a consciência das energias criativas dos ciclos naturais e das encantarias brasileiras como componentes fundamentais do meu ensaiar no giro das saias. Para a cena acontecer, visto a saia e costuro saberes femininos que vão para além de uma ação junto a uma simples peça de roupa. A saia aqui é vista como potencial geradora e comunicadora de corpos encantados. Uma vestimenta e divindade, corpo feminino em movimento de expressão. Trago como base minha prática dentro da cultura popular brasileira e na brincadeira feminina *RodaDa Saia*<sup>1</sup>. Para dar conta desse giro espiral de rodas também abordo minha prática religiosa dentro do terreiro universalista com fundamentos na umbanda para falar sobre o templo que roda, o meu corpo-terreiro como local de habitação e passagem de figuras, encantamentos e divindades de saias, uma vez que a criação artística aconteceu paralelamente ao meu desenvolvimento espiritual. Com foco no feminino que aflora o conhecimento, zelo e criação nos ritos da encantaria brasileira, e na conexão com a sagrada natureza, peço licença e a benção para abrir essa roda. Para falar mais do ser corpo de saia, de ser ENSAIADA.

**Palavras-chave:** Saia, Ancestralidade, Corpo, Feminino, Brincadeira Popular Brasileira.

---

<sup>1</sup> Marca registrada, direitos reservados.

## Sumário

<b>Lista de imagens</b>	10
<b>Tecido estampado</b>	15
<b>1. RodaDa Saia®</b>	
1.1 ENSAIADA – a mulher brincante das rodas	23
1.2 Ensaiamento – COcriação da pesquisa artístico energética do corpo feminino que brinca as saias	31
1.3 <i>Ensaçada</i> – apresentação de processo criativo e rito cênico	38
1.4 A Mulher cíclica – o reencontro com a divindade criadora	42
1.5 Saia – a ressignificação da história	57
1.6 E(i)xus - gradações que formam a roda das energias criativas	62
1.7 Umbigo de saia – portal de encantamento	70
1.8 Saia Brilhante – costura de sabedorias e cosmopercepções da Terra como inspiração do roteiro da <i>Ensaçada</i>	77
<b>2. Costura</b>	
2.1 Molde de saia rodada – o tecido cultural das brasilidades	84
2.2 Tecido estrelado – comer a estrela para rever o mundo pelo encanto	90
2.3 Saia para jogar – coletivo que abre rodas de empoderamento	104
2.4 Corpo-terreiro – o corpo como templo que brinca	114
<b>3. Saias</b>	
3.1 Figuras – saias encantadas da RodaDa Saia®	127
3.1 Saia Branca – o vestido e a benção de Mãe	139
<b>4. EnSaio – Reflexões finais</b>	
4.1 Acabamento – fechamento dessa roda de saias	147
<b>Lista de músicas</b>	149
<b>Glossário de palavras</b>	149
<b>Bibliografia</b>	150
<b>Videografica</b>	151
<b>Sites</b>	152

## Lista de Imagens

### Primeira Sessão

- Imagem 1: Natália Sol. – Condução de meditação em vivência do Foto: Adele Texeira, 2019. Página 15.
- Imagem 2: Diário da Saia, 2018. Foto: acervo pessoal. Página 21.
- Imagem 3: RodaDa Saia® – logo da brincadeira de ensaiamento femininos, registrada no INPI em 2021. Página 23.
- Imagem 4: FUDLC - Desenvolvimento mediúnico, 2022. Foto: acervo pessoal de mãe Carla. Página 24.
- Imagem 5: Ensaiamento feminino – colagem autoral a partir de imagens disponíveis no programa Canva. Página 30.
- Imagem 6: Vivência *Saia de Águas* oferecida para o projeto social Mãos de Flores – rumos sustentáveis – em Alto Paraíso (GO), em fevereiro de 2019. Foto: Regina Santos. Página 32.
- Imagem 7: Diagrama da ENSAIADA – criação autoral. Página 33.
- Imagem 8: Baguá simbólico, lunar e feminino da Serpente da Lua. Fonte: <https://serpentedalua.com/produto/bagua-simbolico-lunar-e-feminino/> . Página 35.
- Imagem 9: Foto de ensaio filmado na casa de Luísa - figura *Fiandeira*, brincante Nathália Sol. Acervo pessoal da RodaDa Saia®. Página 36.
- Imagem 10: Convite para o ensaio aberto da *Ensaíada*, 2019. Página 38.
- Imagem 11: *Ensaíada*, outubro de 2019 na Casa da Árvore. Foto: João Paulo Vasconcelos de Andrade. Página 39.
- Imagem 12: Criação Cósmica – Dama Brilhante, Saia Brilhante ou RodaDa Saia®, ENSAIADA – criação autoral a partir de imagens da ilustradora Chikovnaya disponíveis no programa Canva. Página 42.
- Imagem 13: Saia Branca, brincante Natália Sol. – cena do rito cênico *Ensaíada*, 2019. Foto tirada de vídeo, registro audiovisual de João Paulo Vasconcelos de Andrade. Página 44.
- Imagem 14: Tabela das fases – criação autoral. Páginas 47 e 48.

- Imagem 15: Tao – representação da integração yin e yang na filosofia taoísta, China. Fonte: <https://www.scelgobenessere.it/it/articoli/larmonia-perfetta-dello-yin-e-dello-yang-secondo-il-taoismo> . Página 53.
- Imagem 16: Rosa Cigana, brincante Natália Sol. - ensaio fotográfico *Instantes de mulher*. Foto: Flávio Carvalho, 2018. Página 55.
- Imagem 17: Maria Molambo brincante Natália Sol. – reencantada na RodaDa Saia®, ensaio fotográfico com as saias da *Ensaíada*, 2020. Foto: Tatiana Reis. Página 58.
- Imagem 18: Molambo, brincante Natália Sol. – reencantada na RodaDa Saia®, ensaio *Instantes de Mulher*. Foto: Flávio de Carvalho, 2018. Página 62.
- Imagem 19: Desenho dos Eixos Encruzilhados – criação autoral. Página 65.
- Imagem 20: Encruza da ENSAIADA – criação autoral. Página 67.
- Imagem 21: Mover de enCRUZ-espíral, criação autoral. Página 69.
- Imagem 22: ENSAIADA, brincante Natália Sol. – dança no rito cênico *Ensaíada*. Foto: João Paulo Vasconcelos de Andrade, 2019. Página 70.
- Imagem 23: Mergulho no umbigo da saia, criação autoral. Página 71.
- Imagem 24: Corpo-saia feito árvore, colagem autoral. Página 72.
- Imagem 25: Cabocla Amaralina, brincante Letícia Coralina – Espetáculo Solares Brincantes, 2019. Foto: Tatiana Reis. Página 73.
- Imagem 26: Símbolo astrológico da Terra - fonte: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Earth\\_symbol.svg](https://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Earth_symbol.svg) Página 76.
- Imagem 27: Sistema Solar ou Saia Brilhante com seus anéis planetários. Dança cósmica de eixos em giros. Fonte: <https://escolakids.uol.com.br/geografia/sistema-solar.htm> . Página 78.
- Imagem 28: Movimento espacial no sistema solar no universo – criação autoral. Página 79.
- Imagem 29: Rosa dos Ventos – fonte: <https://brasilecola.uol.com.br/geografia/os-pontos-cardeais-suas-subdivisooes.htm> . Página 80.
- Imagem 30: Roda medicinal do hemisfério sul – fonte: <https://www.xamanismo.com.br/o-que-e-a-roda-medicinal/> Página 81.
- Imagem 31: Roda dos ciclos da RodaDa Saia® - criação autoral da costura das múltiplas referências das rodas, luas e eixos femininos que mapeiam o roteiro da *Ensaíada*. Página 82.

- Imagem 32: Oficina de dança do RodaDa Saia® no Espaço Renato Russo, 2019. Foto: Lua Castro. Página 83.

## Segunda Sessão

- Imagem 33: Desenho do passo a passo dos cortes para costura de saia rodada do tipo godê completo – criação autoral. Página 85.
- Imagem 34: Coração de Roseirinha - detalhes de figurino feito por Natalia Solorzano para a *Ensaíada*, 2020. Foto: Tatiana Reis. Página 86.
- Imagem 35: Izabé, Caninana – figura encantada de Seu Estrelo, circulação da quarta Roda. Foto: Tatiana Reis, 2016. Página 92.
- Imagem 36: Família Estrelada na Reinação Candanga, Salvador - BA, dezembro de 2016. Página 94.
- Imagem 37: Véia Tiroiá - figura encantada de Seu Estrelo que tira o mau-olhado. Primeira foto retirada de vídeo da Reinação Candanga em Lagoa de Itaenga, 2016; e a segunda Foto de Pedro Rocha, 2013. Página 98.
- Imagem 38: Ensaio fotográfico *Corpo Mente* – Caninana brincando no galpão da Cia Nós no Bambu. Foto: Júlia Salustiano, 2015. Página 104.
- Imagem 39: Família jongueira – viagem cultural do Jongo do Cerrado com outros grupos de jongs e com mestre Jefinho Tamandaré, Catalão (GO), acervo pessoal, 2018. Página 105.
- Imagem 40: Roda de jongo do grupo Jongo do Cerrado no Beco, Taguatinga (DF), 2016. Página 107.
- Imagem 41: Umbigada de Natália e Regina e dança na roda de jongo do encontro de jongueiros, Catalão (GO), 2019. Página 110 e 111.
- Imagem 42: Tambores do Jongo do Cerrado: tambú (grave), caxambu (mediano) e candongueiro (agudo). Foto do acervo do grupo. Página 111.
- Imagem 43: Vivência de Jongo com Jongo do Cerrado na Fraternidade Universalista da Divina Luz Crística, 2018. Foto: João Freire. Página 113.
- Imagem 44: Flyer da primeira oficina da RodaDa Saia®, 2017. Página 114.
- Imagem 45: (Imagem 39) Roseirinha, brincante Natália Sol. – encantada da RodaDa Saia®, 2020. Foto: Tatiana Reis. Página 116.

- Imagem 46: Catatumba, brincante Natália Sol. – encantada da RodaDa Saia®. Foto: Tatiana Reis, 2020. Página 119.
- Imagem 47: Trupe Cigana da *Ensaçada* – músicas, brincantes e diretora, 2019. Foto: João Paulo Vasconcelos de Andrade. Página 123.
- Imagem 48: ENSAIADA, brincante Natália Sol – giro de saia no ensaio fotográfico Instantes de Mulher, da RodaDa Saia na UnB, 2018. Foto: Flávio de Carvalho. Página 126.

### Terceira Sessão

- Imagem 49: Saia Branca, brincante Natália Sol - Foto retirada de registro de vídeo da apresentação da *Ensaçada*, brincante Natália Sol., 2019. Página 130.
- Imagem 50: Fiandeira, brincante Natália Sol. - Foto retirada de registro de vídeo da apresentação da *Ensaçada*, brincante Natália Sol., 2019. Página 131.
- Imagem 51: Roseirinha, brincante Natália Sol. – ensaio fotográfico das Saias da *Ensaçada*, 2020. Foto: Tatiana Reis. Página 132.
- Imagem 52: Catatumba, brincante Natália Sol. – ensaio fotográfico das Saias da *Ensaçada*, 2020. Foto: Tatiana Reis. Página 133.
- Imagem 53: Rosa Cigana, brincante Natália Sol. – ensaio fotográfico das Saias da *Ensaçada*, 2020. Foto: Tatiana Reis. Página 134.
- Imagem 54: Nathália, brincante Natália Sol. – Chá das flores, encontro de celebração da cegada do verão na RodaDa Saia®, 2019. Foto: Adele Texeira. Página 135.
- Imagem 55: Molambo - Reencantada na RodaDa Saia®, ensaio fotográfico das Saias da *Ensaçada*, 2020. Foto: Tatiana Reis. Página 136.
- Imagem 56: Das Almas, brincante Natália Sol. - Reencantada na RodaDa Saia®, ensaio fotográfico das Saias da *Ensaçada*, 2020. Foto: Tatiana Reis. Página 137.
- Imagem 57: Rosa, brincante Natália Sol. - Reencantada na RodaDa Saia®, ensaio fotográfico das Saias da *Ensaçada*, 2020. Foto: Tatiana Reis. Página 138.
- Imagem 58: Navalha, brincante Natália Sol. - Foto retirada de registro de vídeo da apresentação da *Ensaçada*, 2019. Página 139.
- Imagem 59: Saia Branca, brincante Natália Sol. – foto retirada de vídeo da *Ensaçada*, 2019. Página 140.

- Imagem 60: Minha mãe carnal, Corina, no dia de seu casamento com meu pai. 1984. Foto de álbum. Página 141.
- Imagem 61: brincante Natália Sol. experimentando o vestido da Saia Branca, outubro de 2019. Página 142.
- Imagem 62: Eu experimentando o vestido da Saia Branca após alterações. Detalhe de aplicação de renda ao decote ababadado do vestido, 2019. Acervo Pessoal. Página 143.
- Imagem 63: Saia Branca, brincante Natália Sol. – figura da RodaDa Saia®. Foto de vídeo do rito *Ensaçada*, 2019. Foto: acervo pessoal. Página 145.
- Imagem 64: Lavanda/Bela-flor, brincante Natália Sol. - figura da RodaDa Saia®, 2020. Foto por Adele Texeira. Página 147.
- Imagem 65: Rosa, brincante Nathália Sol. – figura da RodaDa Saia®, 2020. Foto de Tatiana Reis. Página 148.

## Tecido<sup>2</sup> Estampado

Bem-vinda! Estávamos te esperando para (re)começar a roda.

Sente-se e respire profundamente com a barriga. Serene o coração e silencie a mente. Delicadamente toque um pedaço de sua pele. Sinta a temperatura e textura desse tecido que te envolve e reflete seu interior. Agora eu te convido a pensar em uma flor, a primeira que vier a lembrança. Carinhosamente, chame-a para mais perto e observe. Como ela chega para você? Como são suas cores, sua forma, seu cheiro? Apenas acolha. Permita que a essência dela se espalhe por toda a extensão de sua pele, num generoso abraço. Deixe que essa sutil presença te abençoe com sua pele-pétala de proteção nessa roda!

Ouçã a Chamada das flores:

[https://www.youtube.com/watch?v=4l6Xskw4NHU&list=OLAK5uy\\_n65vhu5p16f9Z8SqOCG5XSKpRtbgU7ufs](https://www.youtube.com/watch?v=4l6Xskw4NHU&list=OLAK5uy_n65vhu5p16f9Z8SqOCG5XSKpRtbgU7ufs) (música 2).

Inspirando e expirando, volte a sentir a ponta dos dedos de sua mão em sua pele. Volte, com essa força e benção floral, para a sua presença e corpo.

**Imagem 1: Natália Sol<sup>3</sup> – Condução de meditação em uma vivência do RodaDa Saia®, 2019.**



**Fonte: Adele Texeira.**

---

<sup>2</sup> Tecido ao longo desse trabalho será dito como sinônimo de pele. Seja como o tecido que cobre o corpo humano ou o tecido que se faz as roupas. Um local de porosidade, trânsito e troca de informações, mas também filtro.

<sup>3</sup> Abreviação de meu nome Natália Solorzano.

Esse trabalho é um respiro de vida em reencantamento e coexistência com a natureza<sup>4</sup>, que compõe e troca afetos com meu corpo. Um canto de amor a grande Mãe.

Com a benção e licença das mais velhas e mais novas, inicio por me apresentar, dizer de onde vim para melhor conduzir os diálogos, descobertas e compreensões sobre o território das saias encantadas, que vou percorrer na presente dissertação. Chamo-me Natália Lins Solorzano. Sou uma mulher, branca, de classe média, universalista e macumbeira<sup>5</sup>, nascida e criada no cerrado de Brasília, brincante, atriz, artesã, costureira, figurinista, arte-educadora e terapeuta integrativa<sup>6</sup>. Acredito que o olhar para a junção de talentos pessoais – artísticos, terapêuticos e espirituais – me possibilita a abertura para o encontro com os conhecimentos das umbigadas<sup>7</sup> e brincadeiras populares, que naturalmente, nascem desde minha linhagem familiar. Brasileira, mestiça e latina, trago em meu sangue a mistura de Brasil e El Salvador. Minha mãe, Corina, é goiana criada em Minas Gerais. Já meu pai, Edwin, é de São Salvador, na América Central. Os avós paternos são também de El Salvador. Desse lado da família ainda tenho um bocado a descobrir. Já os avós maternos são do nordeste brasileiro. Vovó Apolônia é de Soledade na Paraíba e vovô Waldênio de Recife em Pernambuco. Nessa costura de solos nasci.

---

<sup>4</sup> Compreendo natureza como inteligência viva, matéria e material que dá corpo aos seres viventes na Terra, como os seres humanos, árvores, rios, etc.; princípio ordenador da consciência divina que organiza os ciclos de vida de todos os seres no universo. Como aprendo e pratico em meu terreiro, a Fraternidade Universalista da Divina Luz Crística.

<sup>5</sup> Macumbeiro: definição de caráter brincante e político, que subverte sentidos preconceituosos atribuídos de todos os lados ao termo repudiado e admite as impurezas, contradições e rasuras como fundantes de uma maneira encantada de se encarar e ler o mundo no alargamento das gramáticas. O macumbeiro reconhece a plenitude da beleza, da sofisticação e da alteridade entre as gentes.

A expressão macumba vem muito provavelmente do quicongo *kumba*: feiticeiro (o prefixo “ma”, no quicongo, forma o plural). Kumba também designa os encantadores das palavras, poetas.

Macumba seria, então, a terra dos poetas do feitiço; os encantadores de corpos e palavras que podem fustigar e atazanar a razão intransigente e propor maneiras plurais de reexistência pela radicalidade do encanto, em meio às doenças geradas pela retidão castradora do mundo como experiência singular de morte.” (SIMAS e RUFINO, 2019, nota introdutória)

<sup>6</sup> Terapia integrativa segundo Kelly Rabello Rangel na revista virtual Saúde: “A proposta com as terapias integrativas é amenizar ou dissipar o sofrimento de ordens físicas, mentais e emocionais, assim proporcionando ao indivíduo uma harmonia em todo o seu ser. Assim como na medicina integrativa, as terapias integrativas olham o indivíduo como um todo. Elas não funcionam separadas da medicina tradicional, muito pelo contrário, é a união da medicina convencional com as técnicas e práticas das terapias integrativas, e que proporcionam uma qualidade de vida melhor para a pessoa.” Revista - <https://rsaude.com.br/ponta-grossa/materia/o-que-e-terapia-integrativa/19667>

<sup>7</sup> Umbigada é o termo que caracteriza as danças populares brasileiras, encontradas nas comunidades de heranças afro-brasileiras. Chama-se assim por ter como ponto importante dentro do jogo que se estabelece na roda o encontro de umbigos ou sua projeção corporal.

Para celebrar a vida artística após a graduação em artes cênicas, na Universidade de Brasília, e meus mergulhos na cultura popular brasileira, escolhi a saia como a vestimenta para habitar, comunicar e caminhar no transitar pelo mundo material, dimensões encantadas e espirituais. Esse tecido estampado em retalhos com cores e formatos diversos que me compõem, como as pétalas das flores. Veste que me leva ao constante retorno e reflexão sobre a natureza, as artes e a espiritualidade. Com ela danço e descubro os mistérios do feminino no meu corpo e expressão de mulher, através do olhar brincante aprendo e vivencio as manifestações culturais brasileiras. Aprendo a ser natureza e poesia, me reencanto – no sentido de vivificar meu corpo e ação - como corpo-natureza. Partindo da compreensão do corpo, segundo aprendo no terreiro, como composição alquímica dos elementos naturais e matérias da Terra, sendo assim, sou parte dela, reintegro-me a ela e a suas diversas formas de manifestar e comunicar. A partir dessa perspectiva, também me relaciono de maneira mais respeitosa e amorosa com os encantados, os ritos de encontro, comigo mesma e com todos os seres viventes da terra. Uma desenvoltura que pratico nos ritos de celebração, as rodas de terreiro e na vida.

Aos deuses o mais belo, pois ao axé – poder-de-fazer-as-coisas acontecerem (Thompson, 2011) – estão ligados princípios de beleza desta lógica cultural em que o ser não se liga ao divino, mas é parte dele, compondo espirais do tempo (Martins, 2002) como princípio de movimento tido como a perfeição, ou o/a próprio/a deus/a em diversas culturas. (SILVA, 2019, p. 18)

Seguindo essa lógica de pertencimento e o princípio da beleza como manifestação da integração com o divino trazida pela professora doutora Alissan Silva, e me inspirando na natureza, percebo as saias, como as flores, trazendo um rico detalhamento de escolhas e combinações de formatos que evocam a beleza espiritual em uma matéria, um corpo. Ao costurar uma saia que logo irá dançar em um quadril, lavo e fricciono o tecido, defumo com incensos, rezo, canto, recorto e enfeito esse material. Dou forma e encanto a saia em pétala feminina, e enalteço a mulher como uma flor – fruto do tempo, ciclos e passagens de sua natureza. Assim, nessa dissertação me volto a elas para lembrar de abrir espaço na mente e dançar com o tempo para ser, simplesmente pertencer e expressar arte com natureza. Vestida de saia integro o ciclo de vida e recriação, reafirmo-me sagrada – como vida criada por uma energia divina/Deusa/Deus – feminina e mulher, para logo costurar novas pétalas e recomeçar a espiral, que vira história e cena.

Com esse pensamento na cabeça firmado, piso os pés desnudos no chão. Ouço o grande tambor que bate em meu peito chamar para as danças e terreiros da cultura popular brasileira. E na roda eis que meus quadris não param de dançar cadências de afetos, balançando retalhos de histórias, vivências minhas e encontros com outras irmãs por meio das danças de umbigada. Sempre vestida de beleza (não apenas a que os olhos ou padrões esperam), ao rodar com as saias longas, evoco encantos e mistérios. Assim nasceu a vontade de escrever sobre aquelas que pacientemente me ensinam, a costurar suas sapiências nessa dissertação. Aqui falarei sobre a potencialidade que a saia e sua costura despertam, ao me vestir dela, ao me integrar e ser ela, sobre me (en)SAIAR, e por ela (re)olhar o mundo. Pois necessito transbordar e articular os atravessamentos das rodas, abrindo diálogos sobre elas a partir da perspectiva de quem as faz e veste, de estar dentro, ser brincante das saias, ser ENSAIADA. Como afirmou, em outras palavras, a doutora Alissan Silva (2019), em sua pesquisa de doutorado sobre as saias de axé, ao dizer dentro de sua construção e praticar terreiro "Sou uma saia, não a busco ser"<sup>8</sup>.

Assim, esse trabalho discute sobre o ser SAIA, não analisando apenas a vestimenta como um objeto inanimado, mas sim como um ser vivo, que aflora as potências do feminino na mulher com seus símbolos, ritos, mitos e histórias. Pela via da cultura popular brasileira juntamente ao ato da costura, pratico o despertar e potencializar o feminino, sagrado e ancestral por natureza. Destaco para essa discussão os conceitos de roda, corpo, feminino<sup>9</sup>, saia e encantamentos encruzilhados que apresentarei ao longo do trabalho.

Também trago aqui a presença ancestral, de minha linhagem familiar e da religião (universalista com base na umbanda<sup>10</sup>), que pratico junto à Fraternidade Universalista da Divina Luz Crística (FUDLC), para conseguir falar sobre a ciência das rodas e encruzas, sem precisar reinventá-las. E assim conseguir compartilhar os saberes que a saia, no movimento circular e espiral, vem me despertando a cada giro e encontro de direções.

---

<sup>8</sup> Fala de Alissan em apresentação da sua pesquisa sobre as Saias de Axé no Seminário de Estudo da Encenação possível/ Outro Teatro, realizado virtualmente em 2021: <https://www.youtube.com/watch?v=L6gxyvTk65A&t=10s> .

<sup>9</sup> Feminino como aspecto, polaridade, parte do ser humano.

<sup>10</sup> Universalista, pois compreende e dialoga com os diversos saberes e divindade de diversas culturas. E umbandista pois também trabalha dentro dos fundamentos e com as divindades (orixás) e linhas de trabalho voltadas para a caridade (caboclas, pretas velhas, ciganas, pombagiras e exus, entre outras divindades). Destrincharei mais sobre essa prática dentro de meu terreiro ao longo da primeira sessão.

Mas por que saia? Para que sublinhar a relação da saia com o feminino e com a mulher se há menos de quarenta anos, nós mulheres, conseguimos vestir calças e falar sobre a libertação dos corpos e pensamentos femininos? Por que saia longa, se por tantos séculos ela foi local de “esconder a vergonha” e aprisionar a mulher? Para fazer desses questionamentos trampolins de reflexão, vou costurar compreensões das práticas e danças de tradições e heranças afrodescendentes, ensinamentos do povo cigano, pensadoras do Teatro das Origens<sup>11</sup>, e o estudo das ciências das macumbas e da pedagogia das encruzilhadas, junto a compreensões de feminino no universalismo.

No diálogo do corpo que se reencanta e encanta o espaço junto a essas sabedorias, ilumino como ponto focal o rito cênico *Ensaçada* (2019), para ilustrar e refletir sobre o meu renascer mulher brincante no umbigo da saia. Para articular os conhecimentos que me passam, utilizo a imagem da rosa com o seu formato petalar como um ponto central para a escrita e apresentação da dissertação, e a costura para emendar a poesia da escrita. Afinal foi na costura que realmente me coloquei a fazer e estudar minhas próprias saias e de outras mulheres, transformando tecidos e matérias primas em reza, bênção, firmeza e conhecimento. Entendi que costurar, vestir e habitar o centro da roda é de muita força, escolha que me atravessa profunda e visceralmente. Pois essa espiral de ações me conduz à ininterrupta (re)descoberta, cocriação e comunicação de quem sou, enquanto mulher, atriz, brincante, costureira, figurinista e ser. Fazendo da constante mudança e amadurecimento, meu florescimento no fluxo da vida com arte, abro espaço também à reflexão do que esse meu movimento de usar, costurar e levar saias para oficinas, rodas e apresentações traz para os coletivos por onde transito, como reverberam socialmente nas mulheres e retorna, pois sempre é uma troca. Respostas que muitas vezes vejo na ação coletiva das rodas, no fortalecimento do apoio e solidarização entre mulheres, no olhar e disposição corporal das participantes, nas catarses, choros, acolhimentos, risadas e outras vezes em depoimentos de agradecimento (ligação ou mensagem) que recebo depois, falando sobre como aquele encontro ajudou ela(s) a perceber(em) ou fazer(em) a mudança que ela(s) tanto buscava(m). Em recíproca também aprendo com esses encontros (rodas de dança, palestra, oficina de costura e encomenda de saia), cresço e me fortaleço com elas.

---

<sup>11</sup> Termo criado por Zeca Ligiéro para abraçar o teatro e performances afro-ameríndias.

Para essa costura e dança, dialogarei com as inspirações afro-brasileiras acerca da cosmovisão espiralar das rodas e saias, embasada pelas autoras e autores: Alissan Silva, Zeca Ligiéro, Tiganá Santana, Luiz Simas, Luiz Rufino e Juliana Manhães; que me auxiliaram a compreender racionalmente o caminho do retorno a comunhão, com a natureza e com os valores da comunidade, como formadores da possibilidade de COcriações de rodas e trânsitos de conhecimento, junto aos ensinamentos das entidades divinas do terreiro (FUDLC) e do diálogo e entrevistas realizadas com minha mãe de santo Carla Costa. De maneira a maturar e aprender mais com as vivências dentro das rodas e brincadeiras da cultura popular, que já havia vivenciado, destacando os grupos Seu Estrelo e o Fuá do Terreiro e Jongo do Cerrado. Assim, abrindo espaço e tempo para ampliar e compreender o universo que reinvento a partir da brincadeira e movimento feminino RodaDa Saia®.

Costuro a esses referenciais teóricos as falas, retiradas de entrevistas realizadas para essa dissertação, dos mestres e das mestras: Tico Magalhães, criador da brincadeira cerratense Seu Estrelo e o Fuá do Terreiro; Luciana Meireles, palhaça, brincante das Alembanças e pedagoga griô da Casa Moringa; e Maria Villar, doutoranda do PPGCEN - UnB, figurinista e costureira no Caminho da Formiga Cortadeira. Brincantes importantes em minha caminhada que tive a alegria de conhecer nos últimos sete anos, durante encontros, imersões, danças e vivências nas rodas de jongo, cavalo-marinho, maracatu nação, samba-duro, samba pisado, e também dentro dos terreiros de umbanda e candomblé em Brasília e Recife. Bebendo das rodas e manifestações populares da cultura brasileira como escola de (re)educação corporal, que apontam caminhos expressivos, discutirei minha caminhada de experiências e descobertas até me colocar como brincante das saias, ENSAIADA.

A esse rico solo de muita brasilidade, somo as múltiplas inspirações do trabalho de campo dentro do RodaDa Saia®: anotações e registros audiovisuais das oficinas de dança, teatro e costura com diversos grupos femininos em Brasília (DF) e Alto Paraíso (GO), que ministrei ao longo de quatro anos com a RodaDa Saia® (2017 a 2021); além dos diários de bordo, ensaios filmados da montagem cênica *Ensaçada* (2019) e de registros do diário da saia, um diário que passou de mulher em mulher sendo escrito juntamente ao uso de uma saia que poderia receber intervenções criativas (2018 a 2021), que registra

experiências de várias mulheres com a saia. Rastros da caminhada que apareceram por imagens e trechos narrativos ao longo da costura do texto.

**Imagem 2: Diário da Saia, 2018.**



**Fonte: acervo pessoal.**

Para escrever sobre essa dança ensaiada, ao longo das sessões brinco com a língua portuguesa, reescrevendo as palavras de uma maneira brincante – destacando em caixa alta e entre parênteses as palavras dentro das palavras – para ressaltar novos olhares sobre nosso rico vocabulário e abrir espaço para meu poetizar. Junto a essa brincadeira estão links de músicas autorais gravadas e trechos do ensaio aberto da *Ensaíada* que aconteceu em 2019, para ajudar no giro da leitura, desfrute.

Dito isso, te convido ao mergulho na espiral petalar dessa roda. Na primeira sessão da presente dissertação apresentarei meu reencantamento como ENSAIADA, apontando as linhas e eixos fundamentais da pesquisa, encruzilhadas que me levaram a refletir e habitar a saia como um território de criação e vida em ciclos. Unindo os tecidos artístico, pessoal e espiritual para o encontro com a espiral umbilical da ancestralidade na cultura popular brasileira de saia. Sem deixar de fora o jogo vivo da beleza divina corporificada e dos desafios sociais e históricos de ser uma mulher que brinca de saia, caminho que me levou a criação da apresentação teatral e rito cênico *Ensaíada*.

Na segunda sessão abro o tecido e explico sobre a costura para apontar o entorno da saia para se chegar a seu umbigo. Traçando a linha da roda da saia, como encontro histórico e cultural de diversos povos que compõe o legado cultural brasileiro, que aprendo no cruzar das escolas brincantes e espirituais; seguindo para a compreensão dos valores comunitários que sustentam um brincar; até chegar a necessidade física, individual e comum, como corpo que alonga os trânsitos de rodadas para dançar. Compreendo a espiral da borda até chegar ao umbigo da saia, o corpo como templo que vela e releva ancestralidades e artes, o corpo-terreiro.

Na terceira sessão adentro mais especificamente a roda da *Ensaçada*, descrevo sobre as representatividades das saias como seres criados e homenageados na narrativa performática. Faço uma breve apresentação das principais Saias da *Ensaçada* e aprofundo sobre a cocriação da figura Saia Branca, tecendo sobre sua importância na brincadeira das saias e no reverberar pessoal.

Finalizo com uma síntese dos encontros e aprendizados nas rodas populares e religiosas, vendo-as como variedades de nutrições que me levam a brincar como ENSAIADA. Entendo como os diálogos são extremamente necessários a construção artística prático-reflexiva. Arremato a escrita como um primeiro firmamento para as próximas rodas.

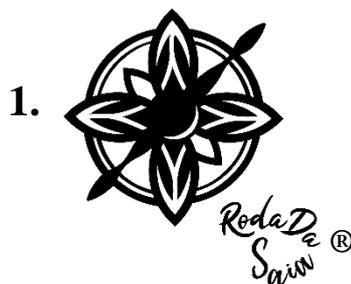


Imagem 3

### 1.1 ENSAIADA - a mulher brincante das rodas

A presente pesquisa tem como umbigo a encruzilhada do meu ser brincante das saias, no recorte da criação do rito cênico *Ensaíada*<sup>12</sup>, realizado em 2019, dentro do movimento feminino RodaDa Saia® - brincadeira e espaço de expressão feminina que fundei em outubro de 2017 e CONduzo com artistas convidadas oficinas, palestras, rodas, pesquisas e encontros artísticos e terapêuticos para mulheres. Antes de explicar os termos e apresentar as reflexões dessa pesquisa (que farei de forma petalar ou seja, com o centro na saia que liga o olhar para as várias pétalas/lugares e inspirações que a formam como uma flor), descrevo meu cenário. Escrevo após três anos de intenso trabalho de campo e performances em rodas populares, 2016 a 2019, seguidos do ingresso no mestrado e três anos de reclusão por conta da pandemia da COVID-19. Contexto que me levou a uma pesquisa emocional, psicológica e energética profunda junto a reflexão da construção cênica anterior. Digo isso porque a cena vivida entre 2020 e 2022 foi a do convívio familiar e dentro do terreiro religioso, lugares onde encontrei refúgio, reflexão e amparo para alinhar a pesquisa junto à memória da experiência artística, registros escritos e audiovisuais. Assim, os diálogos desse trabalho falam sobre o corpo e a saia na fricção da criação cênica *Ensaíada*, vivida no ano de 2019, e de três anos de mergulho dentro do terreiro em que trabalho semanalmente, a Fraternidade Universalista da Divina Luz Crística (FUDLC).

A FUDLC é uma comunidade religiosa e terreiro universalista com fundamentos na umbanda fundado em 2009, situado na Chácara Aruanda no Parkway, em Brasília. Dirigido por Carla Costa (Mãe Carla de Iemanjá)<sup>13</sup>, os trabalhos da casa abrangem vários

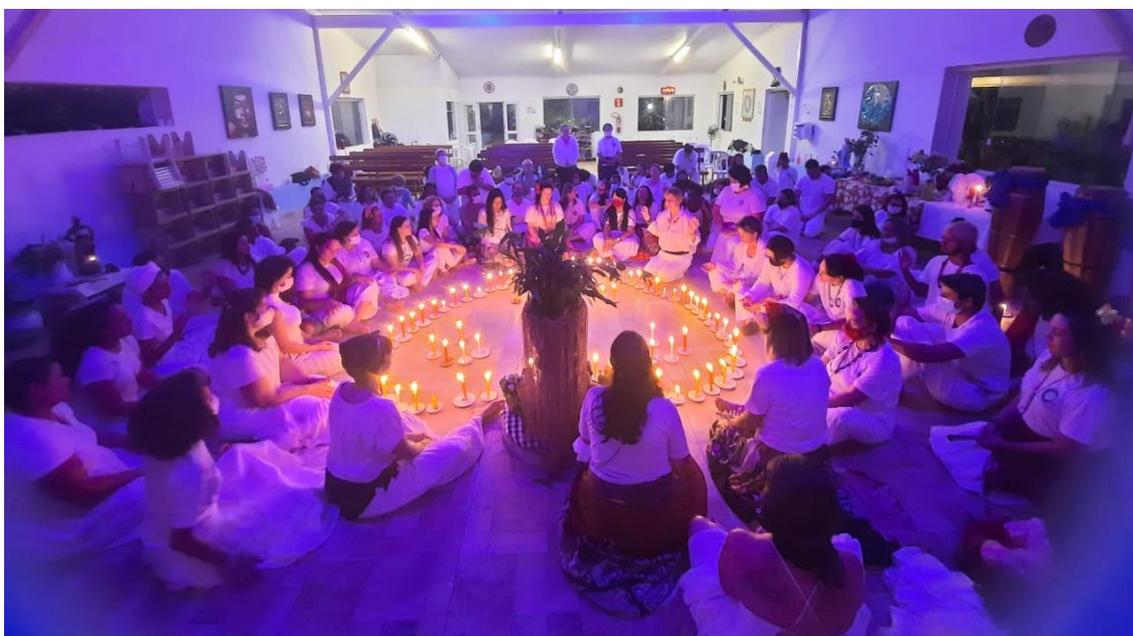
---

<sup>12</sup> Vídeo de trecho do ensaio aberto de 2019: <https://youtu.be/IOE63ODp660>

<sup>13</sup> Carla Costa é engenheira química formada pela PUC-RJ, pós-graduada em física nuclear, educadora, terapeuta integrativa, palestrante e ativista dos Direitos Humanos há mais de 25 anos. Membro do Comitê Distrital de Diversidade Religiosa – CDDR e da Iniciativa das Religiões Unidas – URI. Dirigente do Instituto terapêutico Shamballa.

braços de apoio, lutas e cultura de apreço a humanidade e dignidade de educação espiritual dos seres; alguns deles: os desenvolvimentos e estudos mediúnicos, as giras de caridade, os trabalhos assistências a comunidades carentes, palestras terapêuticas e cursos de capacitação em terapias integrativas. No contexto dos desenvolvimentos e giras da umbanda na casa, tenho a alegria de trabalhar meu aprendizado e aprimoramento por meio da curimba – núcleo responsável pela parte musical, que traz o axé dos pontos cantados e tocados para a harmonização e condução das giras – e como médium de incorporação, sendo corpo e canal de entidades de luz para o atendimento caridoso às pessoas que buscam auxílio espiritual.

**Imagem 4: FUDLC - Desenvolvimento mediúnico, 2022.**



**Fonte: acervo pessoal de mãe Carla.**

A costura das pétalas dessa pesquisa está justamente no encontro da cena artística com a espiritual, pois a *Ensaíada* é fruto do estreito contato com minha ancestralidade, o meu me encontrar e reconhecer como corpo-terreiro e corpo-saia, que discorrerei mais adiante. Digo isso pois fui chamada para compor o elo de trabalhadores da FUDLC no mês seguinte a apresentação da *Ensaíada*. Desde então, por conta da pandemia da COVID-19 ainda não pude voltar a desenvolver a cena artística, mas me deparei com várias das Saias/figuras de “criei” para a performance, girando suas saias como entidades dentro dos trabalhos religiosos. De forma que vejo o contínuo e reverberares das cenas artísticas também no terreiro religioso. E com o devido cuidado de compreender os

objetivos e funções de cada trabalho, distinguindo o território da arte e da religião, aprender e escutar mais sobre as histórias e sabedorias das saias que estão a todo tempo conectando mundos e culturas, dobrando e desdobrando, revelando seus mistérios de vidas, divinas.

E nessa força e delicadeza de ser um corpo e Saia que ocupa funções e espaços diversos nas rodas da vida, artísticas e espirituais, digo que minha caminhada pela espiritualidade vem desde menina, passando por diversas religiões, estudos e desenvolvimentos espirituais. Mas também se aflorou nos pulsares dos terreiros das encantarias e brincadeiras populares que muito contribuíram tanto para a construção cênica da *Ensaçada*, quanto para seus desdobreres, reflexões e reverberações corporais em meu encontro com a família da FUDLC.

Diante desse cenário me apresento em florescimento para continuar o mover da roda, apresentando o significado do meu primeiro nome, para chamar sua potência. Natália em latim significa nascimento ou renascimento; na linhagem cigana se traduz como aquela que traz uma revelação, novidade ou descoberta incrível. Eis aqui, um revelar-me pelo renascimento ou parto de mim mesma ou (re)encantamento dentro da RodaDa Saia®<sup>14</sup> - encantamento segundo Luiz Antônio Simas e Luiz Rufino no livro *Encantamento, sobre política de vida*: “Nas bandas daqui a noção de encantamento vem sendo ao longo do tempo trabalhada como uma gira política e poética que fala sobre outros modos de existir e de praticar o saber.” (SIMAS e RUFINIO, 2020, p. 7). Renomeada de maneira artística: ENSAIADA, a que foi iniciada pelas saias e veio dançar seu feminino em rodas.

Para o estudo e habitar das saias encantadas, o centro dessa pesquisa, reflito sobre a necessidade pessoal de compreender a roda de minhas energias criativas cíclicas (despertadas pelos ciclos menstruais, lunares e terrestres) e as aplicar na construção de uma rotina artística de criação. A necessidade de integrar os ciclos energéticos lunares, as estações do ano e as mudanças que ocorrem em meu corpo no decorrer do ciclo menstrual, deram o ponta pé para esse renascimento pessoal, artístico e energético, culminando na construção de um rito cênico, iniciação e marco dessa mudança de perspectiva e ação no modo de pensar e trabalhar, integrado ao meu ciclo menstrual e fase de vida, a roda de

---

<sup>14</sup> Local de brincadeira e expansão artística de corpos terreirizados.

meu umbigo. Assim exercitando uma melhor fluência no trabalho artístico de maneira natural<sup>15</sup>.

Para adentrar esse fluxo, fundei em outubro de 2017 o movimento feminino RodaDa Saia®, que me despertou muitas inquietações, que resultaram no rito cênico *Ensaçada* (2019) e continuam a pulsar em pesquisa: o que é ser mulher? Qual ou quais os ritos de passagem que marcam, caracterizam uma nova fase social, biológica e psíquica? Para que serve e como vivenciar inteligentemente a multiplicidade de papéis sociais e estares de uma mulher? Qual a vibração energética ressonante do meu corpo no agora? Em que lua estou? Em que contexto estou? Quantas e quais faces femininas compõem o meu ser mulher? Quais as qualidades do feminino? Qual a minha energia do momento? Como usar todas essas informações em fluxo de criação equilibrado e desapegando de um resultado?

Estou ciente que esses questionamentos não são resumíveis em uma só resposta, que não há uma verdade única e que com o tempo tudo vai mudar com a chegada de novas maturidades e compreensões. Mas para ter um chão para realizar o giro das saias, enraízo minha construção de ser mulher no meu corpo que menstrua, unicamente para o recorte da pesquisa caber dentro dessa dissertação. Porém faço uma ressalva, reconheço que o ser mulher é independente e vai muito além do fato biológico de ter um corpo que menstrua ou já menstruou, se amplia a múltiplas construções e contextos, por isso, peço licença a todas as mulheres para aqui escrever sobre a ótica de compreender e refletir por meio da experiência e afetos do meu corpo.

Outro ponto a ser dito desde já, é que acredito que todos os seres e corpos são compostos da complementariedade de feminino e masculino, energias integradas que coabitam e coexistem, não há uma sem a outra.

Na verdade, os pares são complementários e assim se comportam por força da coesão que tanto prezam. A coesão é uma força de unidade. Acontece, entretanto, que a unidade não é uma síntese, mas um coabitar de forças díspares e até opostas (ímpar-par, macho fêmea, acima-abaxio, esquerda-direita). A unidade é, pela via Dogon, uma coexistência equilibrada entre fatores diversos. A Unidade faz coabitar as diversidades, e isto pela geração da vida da comunidade [...].(OLIVEIRA, 2009, p. 6)

---

<sup>15</sup> Compreendendo natural como a forma de vivência que integra os ciclos naturais da terra (as estações dos anos e os giros de vida-morte-vida que compõem a existência regenerativa da vida), em que a menstruação faz parte, de forma a dignar e permitir a fluência das diversas formas de expressão das energias criativas da Deusa pelo corpo. Entendendo o corpo humano como parte integrante do corpo vivo da mãe Terra.

Estas são polaridades de equilíbrio de ação e recepção, luz e sombra, que trazem a diversidade e riqueza dos corpos. Mas aqui escrevo para exaltar a expressão do feminino na mulher. E, somando a essa perspectiva, transpareço a crença que todo corpo é sagrado por ser criação da Deusa/Deus, independente da forma como escolhe mover sua existência e expressão, e por isso deve ser respeitado.

O fundamento dessas afirmativas e reflexões acerca do feminino e da mulher estão dentro de minha formação e vivências pessoais a partir de estudos e práticas matrifocais nas rodas de jongo, coco, grupos percussivos, samba pisado e samba de roda da cultura popular brasileira do DF e de Recife; em rodas de sagrado feminino; dentro de casas feministas do DF, das ciências das macumbas dentro de terreiros de candomblés e umbandas de Brasília e Recife, junto a visão universalista que aprendo dentro de minha prática religiosa na FUDLC em Brasília, além de minha formação e profissão como artista cênica. Um complexo vocabulário, pétalas, que venho apreendendo a costurar na RodaDa Saia® por meio dos estudos sobre a cultura popular brasileira, entrevistas com mestras e brincantes, e na escola espiritual e centro religioso no qual trabalho.

Aqui tenho a alegria de pedir a benção e presença do diálogo com minha mãe de santo e dirigente da FUDLC, Carla Costa, que pacientemente tem me oportunizado o fortalecimento e compreensão do feminino dentro da ótica universalista, que estará presente ao longo de toda a escrita. Partilhando sobre o universalismo em entrevista, ela me descreveu que não se trata de uma religião ou abertura a espiritualidade, é uma filosofia de vida e abrange todas as áreas, é uma forma de ver a vida, buscar o sagrado e a manifestação do divino nas formas de pensar, crer, viver, sentir, numa visão de cultura em que tudo é respeitável e agregador.

Assim, a arte que me toca e atravessa exalta esse sagrado e a vida cíclica, uma costura que expresso por meio da linguagem das brincadeiras populares brasileiras e dos terreiros multiculturais. De forma que na prática do quarteto característico dos teatros das origens descrito pelo professor doutor Zeca Ligiéro<sup>16</sup>, percebi na realidade a necessidade de acrescentar o elemento COMpor como cocriação de novas expressões contaminadas

---

<sup>16</sup> Zeca Ligiéro é PhD pela New York University e pós doutor em História da Arte pela Yale University. Coordena o Núcleo de Estudos das Performances Afro-Ameríndias (NEPAA) na UNIRIO e foi curador do Acervo Augusto Boal de 2009 a 2011.

positivamente pela multiplicidade de influências culturais para além do já contemplado pelas narrativas, moveres e expressares no brincar do quarteto, formando o quinteto compor-cantar-contar-dançar-batucar. Pois em minha caminhada, vejo que a cultura popular brasileira, que tem uma fé e espiritualidade fundante, é também uma grande escola onde a esperança e realização dessa reintegração com a natureza e com o respeito pela diversidade de expressões de vidas, e por isso tão divina. Afinal, os festejos e fazeres populares celebram justamente os momentos de partilha de bens e benção da Terra, por meio de míticas, santos e Saias que a representam como uma cultura, mas não apenas como unidade, mas como universalidade de compores e entendimentos da expressão humana em universos, unir versos/poesias, poetizar costuras de saberes, encantamentos de palavras, pensamentos e ações.

Desse ponto de compreensão e composição da arte, fiz-me brincante das saias. Olhando, vestindo e sendo atravessada por elas, o palco passou a ser todo chão que encanto como um terreiro de brincar, como explica o professor e mestre Luiz Antônio Simas<sup>17</sup> em sua aula sobre a *Epistemologia da Macumba*: “Quando digo Terreiro não estou me referindo a um espaço religioso, de convívio religioso, nada disso, o terreiro é o espaço praticado. Quando você pratica o espaço, mediante procedimentos de encanto, você terrorizou aquele espaço”. Assim, sempre que me preparo para dançar como ENSAIADA, ritualizo e preencho de significado o espaço com o meu ser artista férvorosa no mundo. Por essa dimensão do invocar, chamar para, celebro a vida em todo lugar que a saia tiver ou fizer abertura para rodar. Com o cuidado e expertise de entender o grau de ritualização necessário a cada roda e troca que vou fazer. Como bem disse em entrevista a brincante e pedagoga Luciana Meireles<sup>18</sup> – uma mestra em minha caminhada – cada magia em sua devida gradação e em seu devido lugar. Mas me aprofundarei sobre esse tema mais adiante.

---

<sup>17</sup> Luiz Antônio Simas é mestre em história social pela UFRJ, professor de história no ensino médio e babalaô no culto de Ifá. Tem diversos livros publicados sobre as escolas de samba do Rio de Janeiro e suas comunidades.

<sup>18</sup> Luciana Meireles é nascida e criada na cidade de Ceilândia-DF, há 15 anos atua no movimento cultural como brincante, contadora de histórias e educadora em processos criativos e vivências da Pedagogia Griô. Atualmente trabalha com a figura “Maria das Alembraças”, coordena o empreendimento cultural Caravana das Alembraças e integra a coletiva Casa Moringa.

Esse encantar o mundo pelas saias é meu performar, teatralizar, brincar a união do sagrado com o comum, ordinário e profano que há em mim. Aprendi com o estudo dos *corpos encantados* de Simas (2019) e pela ótica de minha religião que o tempo todo estamos dançando com o sagrado e o profano, a luz e a sombra, o espiritual e o material, pois não se dissociam, um revela e potencializa o outro, é um canal só, manifesto em diversas dimensões energéticas pelas nossas corporeidades. Na prática, essa cisão em partes, vinda do pensamento católico, europeu, branqueado, capitalista e patriarcal apenas atrapalha o celebrar a vida pelo corpo, que precisa de consciência e cuidado para poder exercitar os diversos transes, no sentido de transitar de estados e lugares, disponibilizar-se para o giro COMUnitário.

Essa perspectiva me fez aprender e desenvolver procedimentos de ritualização e reencantamento da vida, por exemplo, todos os preparos e cuidados que procuro fazer cotidianamente para meu corpo estar saudável e em sua plenitude energética, respeitando as nuances cíclicas (altas e baixas de disposição) – alimentos que vou ingerir, qualidade dos materiais que uso, meu sono e descanso, banhos de ervas, rezos e cânticos, atividades físicas que pratico, atenção aos pensamentos e emoções, etc. – e que se estende a cada detalhe de uma saia que costuro. Todas as escolhas e caminhos de estudos e práticas me preparam para um “simples” momento de vestir uma saia e ir dançar em uma roda.

Nesse me dispor a cuidar e aflorar meu sagrado como rotina de integração, também evoco meu reencanto, abro meu corpo para uma outra forma de entregar e expressar meu ser feminino. O palco é o local que encanto em terreiro para dar espaço à cena, o espaço que traço e invoco no formato da roda, que também é o local que evoco, de dentro para fora, para dar vasão, parir ou renascer de vidas, encantamentos e figuras, por meu corpo. Assim, nesse movimento de fora para abrir um dentro e do dentro para expressar fora, abro frestas na realidade e festejo a prática de terreiros pelas saias de roda. Porque, como fala Simas, dançando nessa dimensão o terreiro não se limita a geografia, ele pode ser o próprio corpo, a roupa que se está usando, o chão que se pisa e a dança que o corpo faz.

Para invocar, encantar um espaço para a cena da brincadeira chamo a roda, ferramenta da natureza que sintetiza os ciclos de vida-morte-vida, do tempo, da evolução e das relações, como observo nos encontros femininos, nas rodas populares e no terreiro religioso. E como símbolo desse evocar o encanto no meu corpo, escolhi as flores, em

particular a rosa, pela abertura de suas pétalas ser dar em espiral e sua proteção ser em espinhos que se lançam por seu caule. Assim, percebo e vejo as saias que costuro para os umbigos das mulheres dançarem, como as pétalas que nascem das pontas dos umbigos das plantas. Nesse caminho, a RodaDa Saia® passou a ser uma brincadeira de mover os círculos do encantamento dos espaços e seres, para o aflorar de femininos, uma brincadeira de ensaiamento. E a saia que carrega em si a roda, ao ser vestida no corpo da mulher é a matéria para ela brincar e despertar a potência de ser ENSAIADA.

**Imagem 5: Ensaio feminino.**



A brincadeira, porém, também não trata apenas de belezas, mas do jogo de equilibrar a dura realidade e construção da consciência do ser mulher dentro do Brasil Oficial, pátria amada e projeto colonial de aniquilação de corpos que devem ser apenas instrumentos de trabalho e reprodução, como aponta Simas no livro *O Corpo Encantado das Ruas*. Ela trabalha na dimensão da reinvenção conjunta da dignidade e permissão de ser, na costura de diversidades para dar espaço ao encontro das diásporas culturais dos vários povos que compõem a riqueza simbólica e mítica da cultural brasileira. Assim, ao abrir uma roda para a brincadeira, a fronteira do território geográfico, histórico e contextual se quebra, dissolve-se, o chão – seja o quintal, a encruzilhada, o terreiro, o teatro, a sala ou a praça – vira palco para o trânsito dos seres reencantarem a vida e o espaço. Brincar é uma forma de lutar contra o sacrifício de vidas, da diversidade e do respeito. É de uma responsabilidade e clareza de consciência, que só com muito gingado, gargalhada e giro para conseguir dançar com graça. Para mim, vestir, costurar, conversar, conviver e trabalhar de saia é viver na brincadeira, lembrar de habitar e praticar o umbigo de meu corpo, saia de flor, é vivificar minha existência com *axé* e *agbara* – que em yorubá

significam alimentar a espiritualidade fortalecendo e mantendo a vida junto a valorização da força física que o corpo tem.

## **1.2 Ensaio – COcriação da pesquisa artístico energética do corpo feminino que brinca as saias**

O centro de meu umbigo de ENSAIADA está situado numa criação coletiva, vinda de diversas inspirações de grupos, lugares e pessoas que cruzaram meu caminho entre 2012 e 2022 – Seu Estrelo e o Fuá do Terreiro e todos os seus brincantes, mestre Tico Magalhães, Grupo de Carimbó Sancari (PA), Mestre Lucas Bragança, Mamulengo Fuzuê e seus brincantes, Boi de Seu Teodoro e seus brincantes, Casa Moringa e todas as mestras e aprendizes griô, Maracatú Estrela Brilhante do Recife (PE), Rainha Marivalda, o Terno de Mestre Salustiano (PE), Casa da rabeça (PE), Ilê Axé Oyá Bagan e a todos e todas irmãos de santo com quem pude conviver e aprender, Mãe Baiana de Oyá, grupo percussivo Filhas de Oyá, Nação de Maracatú Leão da Campina, Mãe Nádia, Mestre Hugo Leonardo, Mestra Ana Agrício, Zenga dos Encantados, Lirys Catarina, Mestra Martinha do Coco, Júnia Cascaes, Jongo do Cerrado e toda a família jongueira, Jongo da Serrinha, coletivo Agbelas, Clã das Água, Estudos das Máscaras da Comédia Del Arte, Lume Teatro, Departamento de Artes Cênicas da Universidade de Brasília, prof. doutor Fernando Villar, prof. doutora Márcia Duarte, prof. doutora Giselle Rodrigues de Brito, prof. doutora Rita de Almeida, grupo Teatro do Instante, professora Jéssica Ramos, grupo de dança Cigana Esmeralda, Mestra Isabel Couto, Fraternidade Universalista da Divina Luz Crística e todos os irmãos de santo, Mestra e Mãe Carla Costa, irmã Andréia Diniz, a brincante e pesquisadora doutora Maria Villar, todas as mulheres da minha família, as mães sagradas, entre outras infinitas inspirações - que me levaram a fundar e continuar as coriações do movimento feminino RodaDa Saia® desde outubro de 2017.

Todas essas inspirações me ensinaram a costura de sabedorias vivas na abertura das rodas que a saia rodada que visto dá, artesanaria de mãos ancestrais que dançam ao passar a linha na agulha que une o tecido dos corpos a suas sutilezas, para mover umbigos e fortalecer corações. Esse é o caminho que escolhi tecer para poder logicamente construir uma rotina flexível de criação e composição, pessoal e nos coletivos por onde passei e formei, o “ponto nathália” de recriação. Ao longo dos últimos cinco anos em especial venho anotando, sentindo e compreendendo as passagens das fases energéticas lunares

(cheia, mingunte, nova e crescente) no meu corpo. Juntamente a auto-observação, facilitei entre 2017 e 2021 oficinas de dança e costura para mulheres em diversas situações sociais e lugares em Brasília e Alto Paraíso, para celebrar as estações do ano e nossos corpos femininos.

**Imagem 6: Vivência *Saia de Águas* que facilitei para o projeto social Mãos de Flores – rumos sustentáveis – em Alto Paraíso (GO), em fevereiro de 2019.**



**Fotos: Regina Santos.**

Esse trabalho de campo com a RodaDa Saia® me trouxe tantas histórias, perspectivas de vidas e formas de dançar com a saia, que senti a necessidade de costurar

um pouquinho de tudo o que já tinha vivido em uma roda cênica, pois estava com saudade de brincar em apresentação e poder trocar afetos de Saias e corpos com outros olhares. Assim, em janeiro de 2019 comecei meu processo de ensaiamento, a *Ensaçada*.

Para essa criação chamei as queridas amigas, artistas e macumbeiras: Bárbara Ramalho para me codirigir e Patrícia Tavares Gomes da Silva para tocar os tambores e agbê na condução e jogo das percussões com o corpo nas danças e cenas. Naquele momento, eu já havia entendido a fricção e amparo da espiritualidade nos trabalhos com o feminino nas vivências da RodaDa Saia® – a grande roda de onde nasce a performance da *Ensaçada* – de forma que em todas as rodas que me propunha a fazer eu montava um pequeno altar com os quatro elementos da natureza (terra, fogo, água e ar) representados em objetos para ancorar a presença divina. Para a montagem cênica não foi diferente, pois acredito que trabalhar com as saias e mover os mistérios do feminino é olhar e cuidar da ancestralidade, e nesse terreno eu peço *agô* – palavra em yorubá que significa pedir permissão, licença e proteção – para poder adentrar e me mover. Assim, na construção da *Ensaçada* a rotina se dava na montagem do altar, vestir a saia branca – saias base que costurei para dançar nas rodas populares – e juntamente a Bárbara e Patrícia fazíamos uma oração de abertura, assim como no fim do ensaio uma oração de fechamento e agradecimento.

**Imagem 7:**



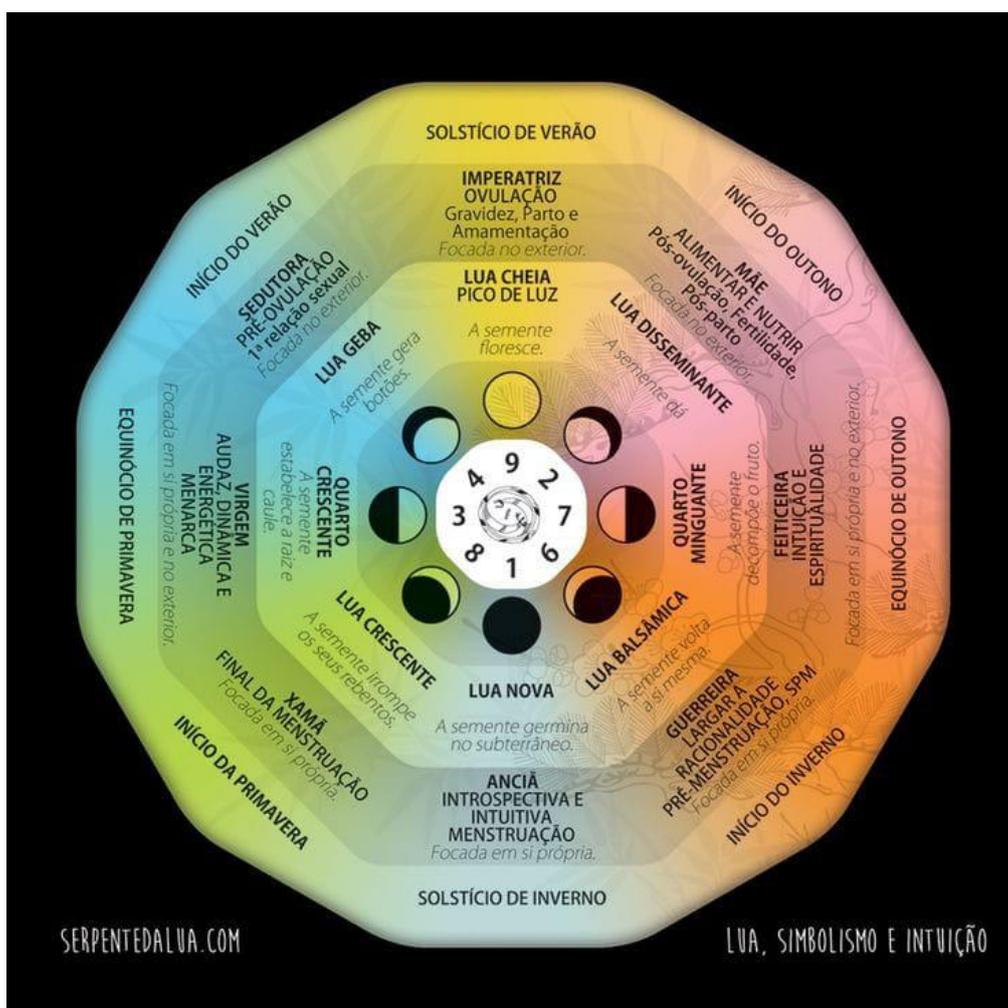
**Fonte: Criação autoral**

Com o altar firmado, conversávamos brevemente sobre como eu estava me sentindo naquele dia e o que passava em minha vida. Assim, seguíamos para a prática

corporal. Ao som do tambor eu me aquecia e alongava dançando e sentindo como meu corpo estava. Consciente de qual período do ciclo menstrual eu me encontrava, a fase da lua que estava no céu e a estação do ano que vivíamos, permitia que meu corpo contasse sua história ou sensação. No fim desse momento de preparo e disponibilização do corpo, Bárbara, observava como estava minha disposição energética (com base no meu período menstrual e no estado mais ou menos energético do corpo) e dava as indicações de qual energia, dentro das imagens arquetípicas do feminino (filha, mãe, feiticeira, avó) e a qual dos quatro elementos (terra, fogo, água e ar) eu mais me ligaria para trabalharmos naquele momento. Sempre vinha pela dança e movimentação corporal o encontrar dessas indicações que logo se expandiam em falas, cantos e diálogos que registrávamos por vídeo ou em diário de bordo. Assim, ao longo de um ano de montagem e auto estudo, cada ensaio foi um encontro com uma energia que eu vivia em meu ciclo, florescendo figuras de saia que se revelava em um encantamento, pois reuniam minha história pessoal, ecos de outras mulheres que conheci e entidades femininas das macumbas.

O roteiro guia dessa cocriação foi a minha mandala lunar - ferramenta de autoconhecimento dos ciclos menstruais que propõe a ligação das fases da lua, estações do ano e energias dinâmicas do feminino, estudo que tive acesso pelo livro *Lua Vermelha* de Miranda Gray – e o baguá simbólico – imagem da designer Sofia Batalha, criadora do projeto Serpente da Lua – que amplia a ligação das luas com as energias dinâmicas no corpo da mulher, junto a imagens arquetípicas e as estações do ano terrestre, importante dizer que não utilizamos a parte numérica do baguá. Cada semana, junto ao meu ciclo pessoal experimentei dançar a verticalização da costura de cada direção. Dançava percebendo as intenções, direções, tónus musculares e imagens que se apresentavam, logo vinha uma fala, ressoar, gemido, canto, choro, gargalhada. Cada ensaio era um turbilhão, um aproximar de uma energia minha que se colava a uma referência e aspecto divino das deusas e entidades de saia que se recriavam em expressividades em meu corpo. Mergulhando no meu rio subterrâneo de memórias ancestrais fui lembrando e descobrindo pelo prazer da dança, o tanto que meu corpo sabe se expressar, sem dor, mas consciente da passagem do fluxo de emoções e sentimentos. Assim, unindo os diversos movimentos aos poucos identifiquei as maneiras de mover o corpo que caracterizam cada saia, criei motrizes (Ligiéro, 2019, 198) de movimentação corporal.

Imagem 8: Baguá simbólico, lunar e feminino da Serpente da Lua.



Os ensaios foram descobertas pessoais, limpezas de memórias, aproximações divinas e sintetizações encantadas em saias. E nas dobras das saias escutei os segredos que meu corpo guarda, treinei a evocação e o tornar-me, virar-me em elementos da natureza e brincar de moldar e dissolver meu corpo pela movimentação com a saia. Jogar junto com as imagens arquetípicas e elementos da natureza me abriu mais possibilidades de nuançar as luas do céu e suas influências no meu corpo, e minha própria roda dinâmica de luas – no sentido que nem sempre a lua que está no céu é a energia que estou vivenciando, a fase lunar de meu ciclo, por vezes elas se encontram, por exemplo quando menstruo na lua nova, mas a natureza é criativa e seu tempo não-linear. Possibilitando-me encruilhar o fluxo de energia potencializado pelo magnetismo de uma lua no céu, com a lua/fase/período que vivia em meu corpo. Isso porque nem sempre menstruo junto a baixa das águas e a chamada energética para a introspecção da lua nova, como

exemplifica o baguá simbólico (imagem 8), embora esse seja o ideal de equilíbrio junto aos ciclos da Terra. Mas acolher a dinâmica de uma vida e sociedade construída para corpos que não menstruam ou honram os ciclos da natureza em sua localização correta, é um exercício de flexibilidade e compaixão com a minha vida dentro da realidade do Brasil Oficial<sup>19</sup>. Essa fricção entre sentir a disponibilidade lunar da guerreira e virginal de ir para as ações e concretizar na matéria enquanto meu corpo pede recolhimento, por exemplo, é verdadeiramente uma arte feminina. Nesse ponto libertei a crença – mais uma cisão dual que silenciosamente nos postulam – de que as coisas devem ser “branco no preto ou preto no branco”, quando o que vejo e vivo são rastros de luz constantemente compostos e sobrepostos. Entendi minha atração pelo prisma de cores do arco-íris estampado em combinações surpreendentes nas pétalas das flores, era meu corpo constantemente me mostrando que a vida é COmposição – diversidade de compor poesias – afinal, a Deusa que tudo cria e rege fez a vida uma constância de transições, ciclos em espiral.

**Imagem 9: Foto de ensaio filmado na casa de Luísa - figura *Fiandeira*, brincante Nathália Sol.**



Acervo pessoal da RodaDa Saia®. Trecho da noite de ensaio: <https://youtu.be/rS1ETXSS7ow>

---

<sup>19</sup> Termo usado pelo professor Simas em seus livros e aulas para circunscrever a realidade colonial, patriarcal, racista e aniquiladora de corpos e das multiplicidades culturais, que caracteriza a forma de estrutura e pensamento do governo brasileiro desde sua formação colonial até a atualidade, interFERINDO e favorecendo o repasse da história, a cocriação de corpos e vidas brasileiras embasadas em óticas brancas e europeias.

Reencantei-me durante os vários ensaios em dezoito figuras ao longo daquele ano: Saia-Branca, Cabocla-Jobóia, Fiandeira, Roseirinha, Rosa Cigana, Catatumba, Trapilha, Das Almas, Navalha, Molambo, Caveira, Vó Lama e Nathália – além das outras que não soube nomear. Mas para a apresentação escolhemos nos dedicar a dez delas: Saia-Branca, Fiandeira, Roseirinha, Catatumba, Rosa Cigana, Nathália, Molambo, Das Almas, Rosa e Navalha; falarei mais sobre elas na terceira sessão da dissertação. Foi uma longa travessia de muita guiança divina para dançar as primeiras oito figuras de minha roda, pois durante o meu ensaiamento, treino de saia, minha mediunidade também se apresentou, de forma que ao mesmo tempo que a montagem acontecia eu começava a entender o que era cena, estória e o que era guiança e acompanhamento de mentoras espirituais.

Acredito que essa fricção e abertura só foi possível devido ao fato de em paralelo aos ensaios, eu ter: firmado meu rezo junto a roda de sagrado feminino chamada Sara – sara eu, tu, tudo<sup>20</sup>; regido pela força da padroeira do povo cigano Santa Sara Kalli; ao início de frequentar e logo ser chamada a (re)começar meu desenvolvimento teórico e prático junto a FUDLC. Esse amparo de rodas, mulheres e seres foi fundamental para chegar sã ao rito público. A convivência no terreiro e o aprendizado com as entidades, encantadas femininas: caboclas, ciganas, malandras, pretas velhas, sereias, boiadeiras, pombogiras, eréias, entre outras, abriu minhas percepções para ver como cada uma delas trabalha com uma ligação ao mistério da vida, elementos da natureza e vibração no corpo. Aprendi que ninguém trabalha e pratica suas artes só, que também faço parte da sabedoria divina que elas trazem e me aguçam as sensibilidades corporais. De forma que nos ensaios e pesquisa das saias passei a ouvir internamente, ver mentalmente, sentir mais precisamente a transformação das energias e matérias por meu corpo. Uma caminhada que resultou num reafirmar com elas minha união com o divino, mesmo dentro do território das artes.

Assim, pela criação artística e amparo espiritual, a cena foi o local onde peguei a agulha e as linhas que descobri ao longo de meu ensaiamento para costurar a investigação, materialização e criação das Saias como figuras encantadas, cruzadas a elementos da natureza, sabedorias ancestrais, histórias e percepções pessoais. Tudo isso para entender

---

<sup>20</sup> Roda de sagrado feminino composta por: Bárbara Ramalho de Souza, Adele Texeira, Luísa de Magalhães Cerqueira, Patrícia Tavares Gomes da Silva e Natália Lins Solorzano.

mais sobre o ser mulher, as energias que me atravessam e transbordam e do ser brincante das saias rodadas, para exaltar e ampliar o olhar sobre meu feminino e sua multiplicidade de aparição em formas de saia, para exercitar o decolonializar a manifestação das energias cíclicas no corpo da mulher. E uma vez atravessada pelas saias, desperta em meu potencial criativo alinhada à minha ancestralidade feminina, as costuras, histórias, composição de músicas, falas e poesias não tiveram fim.

### 1.3 *Ensaíada* – apresentação de processo criativo e rito cênico

Foi no cruzar dos caminhos, no aprendizado com Exu, a boca que tudo come para trazer novos caminhos (SIMAS), que digeri e me repara pelos aprendizados das inspirações e energias ao longo dos anos de RodaDa Saia®. Para fazer nascer debaixo dessa grande saia cigana e afro-ameríndia, brasileira (o legado da nossa cultura de fontes múltiplas) diversos trabalhos artísticos, pedagógicos, terapêuticos e espirituais. Dentre as várias frentes de atuação desse movimento, surgiu a parte teatral que vem se revelando como brincadeira de roda, que teve início com o processo de criação da *Ensaíada*. Peça, roda, apresentação e rito cênico que teve a primeira abertura de processo criativo em outubro de 2019 na Casa da Árvore<sup>21</sup>, em comemoração aos três primeiros anos da RodaDa Saia®.

**Imagem 10: Convite da *Ensaíada* de 2019.**



**Fonte: criação autoral.**

<sup>21</sup> Avenida das Nações, 813 Sul, Vila Cultural.

Foram duas noites de apresentação e partilha com os convidados ao final. Um momento precioso na minha carreira artística, em que usei todo o meu aprendizado da escola popular das brincadeiras e da formação em artes cênicas pela UnB. Fui atriz/brincante, compositora e diretora da banda - que se formou com amigos e brincantes de longa data em minha estrada – roteirista, figurinista, costureira, produtora, faxineira e muito mais. Toda a força do meu ser estava para essa partilha. Reconheci e confiei em minha potência, sabendo que esse solo foi adubado e energizado por muitas mãos, corações e vidas. Eu absolutamente não estava só. Ao meu lado, fisicamente estava Bárbara, que tive a alegria de ter como diretora e doula de meu florescer. Junto a nós também estava Luísa de Magalhães Cerqueira, artista e terapeuta macumbeira que abriu as portas de sua casa para toda semana ensaiarmos em sua sala; Adele Texeira que tanto me ouviu e ajudou a confiar em minhas sensíveis composições. E no embalo desse ano de 2019 o reencontro, apoio e arte de meus amados irmãos: Alex Oliveira, Isaac Nunes, Brenda Gabrielly Xavier Silva, Djallys Dietz Ferreira e Rayane dos Santos Pereira. Juntas formamos minha – como uma maneira carinhosa de dizer – amada Trupe-cigana da RodaDa Saia®. Cada um desses artistas foi fundamental para me encorajar a encontrar meu espaço e energia para dançar e ser minha escolha de florescer de Saia, ser ENSAIADA.

**Imagem 11: *Ensaiaada*, outubro de 2019 na Casa da Árvore.**



**Foto: João Paulo Vasconcelos de Andrade.**

A aparição pública da ENSAIADA foi resultado de um ano de auto-reconstrução artística e profunda escuta, onde encantei, com o auxílio espiritual e da direção de Bárbara, memórias autobiográficas mescladas a criação poética, que geraram as cenas. A partilha de processo criativo se constituiu num rito também, pois foi o momento em que senti minhas energias cíclicas, junto ao lado artístico e espiritual alinhados de maneira intencional e consciente, não apenas pelo meu desejo somente, mais pela força de muitas outras mulheres e femininos que passei a representar, camadas em uníssono. Essa foi a primeira vez que fiz algo e percebi que levaria e aprenderia não apenas para o autoconhecimento ou para a cena, mas que seria um fruto que poderia conversar com outras histórias e pessoas por onde quer que eu passasse, pois fui tocada, iniciada e atravessada pelo mistério das saias. Um processo de costurar sabedorias vivas, ponteadas por dedos que ramificam diversidades de ligações, mas que estão em um só caminho, pétalas de uma mesma flor. O rito da *Ensaçada* me fez ENSAIADA, pois encontrei meu caminho artístico com um de meus propósitos divinos. Consegui fazer atentamente o ato de fidelidade comigo mesma e com minhas inventivas intuições criativas: confiei, entreguei, aprendi e me realizei em cada etapa da construção. Relembrei que é sobre o caminho a caminhada, as chegadas e fins, são passagens. E a partir desse ponto, passei a exercitar o continuar a traçar o caminho consciente do fluxo feminino em todas as criações de minha vida, flexibilizando, escutando, firmando e movendo.

A *Ensaçada*, então, além de uma performance que reuniu as várias vivências e oficinas que ministrei em parcerias com projetos e pessoas foi também me juntar ao fluxo de compreensão de minhas energias pessoais artisticamente, foi um marco, um rito de casamento comigo mesma, uma declaração de autoamor, autoaceitação e enraizamento da permissão de ser diversas em uma só. Casei comigo mesma e com toda a minha espiritualidade, que sempre me transbordou e cuidou, aceitei me ser. Dancei a partilha desse primeiro ritual aberto para marcar minha transformação no modo de viver pelo encanto, para me reunir, integrar a luz e a sombra, lembrar da costura divina do consciente e inconsciente, para me perdoar por todas as situações de abandono a que antes eu tinha me colocado e vivido, e para meu corpo inteiro dali em diante saber que meu maior e melhor amor sou eu mesma, e por isso jamais estarei só. A saia foi e é a minha aliança comigo mesma, aliança de cintura que me toca o corpo inteiro ao dançar, simbolizada externamente no umbigo de meu corpo e internamente por meu ventre.

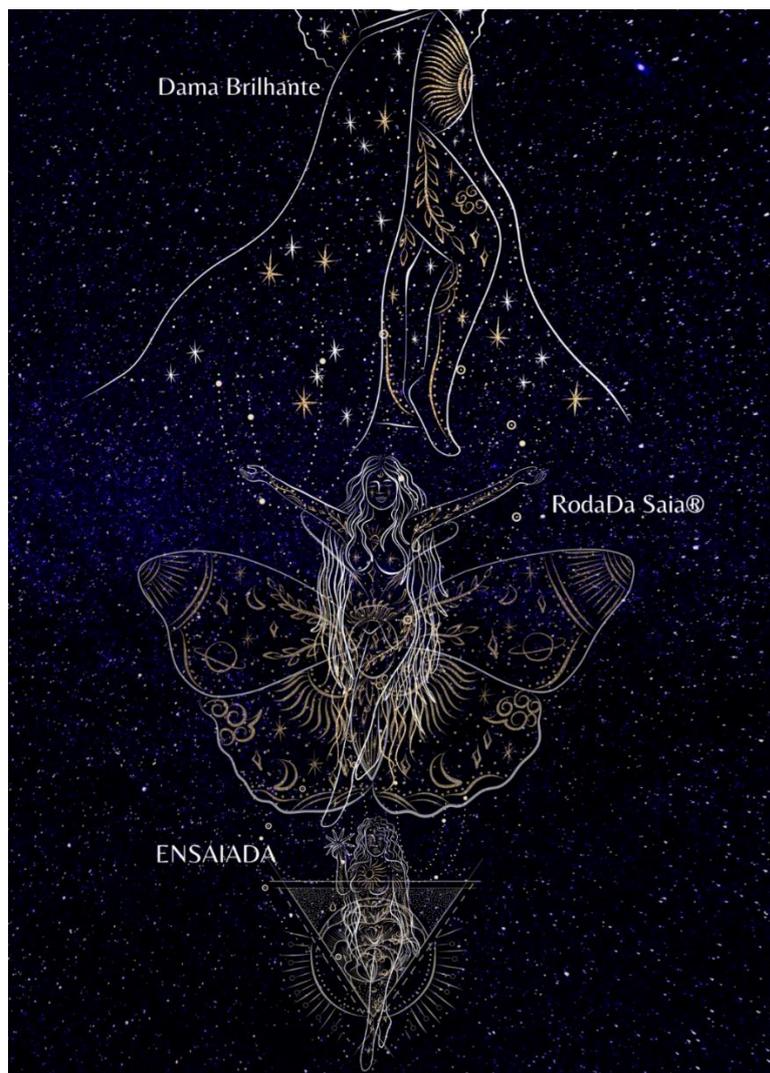
Mas como a criação não tem fim, o aprendizado desse casório continua diariamente, pois as saias caminham comigo sempre como vozes intuitivas de meus diversos trabalhos, sendo a *Ensaçada* o espaço cênico que elas vêm para serem vistas e brincar. Na partilha pública do processo de criação do rito cênico, dancei 10 (Saia Branca, Fiandeira, Roseirinha, Catatumba, Rosa Cigana, Nathália e as moças: Molambo, Das Almas, Rosa e Navalha) das 18 figuras que surgiram ao longo de ensaios e oficinas de saia. Detalharei mais sobre uma delas, a Saia Branca, na terceira sessão, pois para chegar lá, preciso primeiro contar a costura de seus caminhos de pétalas. Mas para ninguém ficar de fora, apresentarei registros fotográficos e citações das Saias ao longo da escrita, trazendo a relação de coerência das fotografias delas com os devidos aprendizados que descreverei. Um detalhe importante sobre elas é que algumas foram criações do processo teatral e outras são homenagens a entidades que tive a permissão de reencantar na RodaDa Saia®.

A criação cênica foi pausada pela ocorrência da pandemia da COVID-19, mas continuou em pulso pela escrita desta dissertação. As criações da RodaDa Saia®, porém, não pararam, em outubro de 2020 lancei meu primeiro EP<sup>22</sup> com músicas autorais: Prelúdio de Saia; que trouxe para banhar sonoramente essa escrita e leitura. Em breve a saia voltará a rodar em novos palcos e espaços, trazendo as míticas e arquétipos ensaiados do feminino. Mas agora, antes de continuar a leitura, te convido a ouvir o comecinho dessa história, a nascente mitologia das saias, pelo Aviso da Dama Brilhante: [https://www.youtube.com/watch?v=UjPRgcqOjy0&list=OLAK5uy\\_n65vhu5p16f9Z8SqOCG5XSKpRtbgU7ufs&index=5](https://www.youtube.com/watch?v=UjPRgcqOjy0&list=OLAK5uy_n65vhu5p16f9Z8SqOCG5XSKpRtbgU7ufs&index=5) (música 3).

---

<sup>22</sup> Álbum musical com 5 faixas.

**Imagem 12: Criação Cósmica da ENSAIADA.**



Fonte: colagem autoral do acervo do RodaDa Saia®

#### **1.4 A Mulher cíclica – o reencontro com a divindade criadora**

“Como acontece com a Lua e as estações, uma mulher também flui de um aspecto do ciclo para outro, mudando e se transformando em sintonia com a natureza. Soberania, sendo a própria Terra, inspira a humanidade, oferecendo-lhe sua generosidade, reprova sua inação e suas ações erradas e transforma a nossa maneira de ser.”

Miranda Gray

Por esse encantar e vestir o atravessamento de pétalas que rodam, a saia, entro na pesquisa pessoal e brincadeira de ensaiamento. Procuo compreender as *energias criativas* do feminino em meu corpo-terreiro<sup>23</sup> para costurar e dançar as saias, segundo o

---

<sup>23</sup> Dedicarei o quarto ponto da segunda sessão para discutir esse conceito.

estudo de Miranda Gray em seu livro *Lua Vermelha*, sobre as energias de ação e recolhimento disponíveis no corpo da mulher ao longo de seus ciclos menstruais<sup>24</sup>. Dessa maneira aprendo a dançar as qualidades e imagens ou faces da Deusa criadora: “As energias menstruais encontram sua expressão nas variadas faces da natureza criativa de uma mulher” (GRAY, 2017, p. 28). Somando a essa compreensão e vivência em meus ciclos, observo pelo universalismo a forma de cultuar as Deusas de diversas culturas – como Yemanjá, Hécate, Lakshimi, Hator, Kuan Yin<sup>25</sup> etc. – como as múltiplas personalidades da face feminina do sagrado. Compreendo que cada Deusa é uma força em si, íntegra na natureza, manifesta e que suas imagens reúnem símbolos para a compreensão de seus talentos, virtudes e energias, como ensina Mãe Carla na FUDLC. Entendi isto ao estudar, rezar e meditar na energia de Maria de Nazaré, imaculada **mãe**, a senhora que carrega o manto da misericórdia. Mas que sua história em si também revela outras faces e fases femininas: ela também é **filha** de Santa Ana; **feiticeira** por meio de sua fé e reza que tudo transforma em compaixão; e **sábua** por escutar a sua intuição e pedidos divinos que apontaram seus caminhos e de seu filho Jesus. Assim, toda Deusa é completa em si por sua roda de sabedoria, sendo todas as faces (filha, mulher, mãe, feiticeira, sábua) em uma só. Inspirada nas imagens das Deusas costurei na *Ensaída* as Saias (personagens) como releituras criativas dessas energias divinas juntamente a histórias pessoais para a brincadeira. A Saia Branca, por exemplo, é uma junção do aspecto materno de Maria, de Yemanjá, de minha mãe carnal Corina e da minha decisão de casar comigo mesma, uma costura e brincadeira de ser a noiva do mar, ressignificandp

---

<sup>24</sup> Compreendendo a visão do “termo “menstrual” é usado para tratar questões pertinentes a todo o ciclo mensal, não só o período de sangramento” (GRAY, 2017, 27).

<sup>25</sup> Deusa femininas reunidas e referidas no Oráculo da Deusa de Amy Sophia Marshinsky: Iemanjá – orixá africana das águas. “Deusa do mar das culturas africana e caribenha, que dá à luz catorze orixás ou espíritos. Originalmente conhecida como Ymoja, a mãe do rio, na cultura ioruba da África ocidental, ela é cultuada também no Brasil.”; Hécate – deusa grega, “é considerada por algumas pessoas como a Deusa trácia da Lua, e por outras como uma antiga Deusa pré-grega das parteiras, do nascimento, da fertilidade, do lado escuro da Lua, da magia, da riqueza, da educação, das cerimônias e do Inferno. Adorada nos locais onde as estradas se cruzavam...”; Lakshimi – deusa hindu. “Ela é considerada a força animadora ou Shakti de Vishnu, o Preservador. Seu animal sagrado é a vaca, símbolo da abundância e da plenitude.”; Hator – Deusa egípcia. “Embora tenha sido representada de várias formas, foi principalmente associada à vaca alada da criação. Como Deusa do nascimento e da morte, recebeu o crédito de ter criado o corpo para que o espírito imortal habitasse nele. Como criadora do corpo, ela também governava todos os prazeres corporais: som, música, canto, arte, amor e toque.”; Kuan Yin – “aquela que ouve os lamentos do mundo, é o bodhhisatva da Compaixão no budismo chinês. Ela vive na sua ilha paradisíaca de P’u T’o Shan, onde, diz-se, ouve todas as preces. Ela é tão poderosa que a simples menção do seu nome alivia o sofrimento e as dificuldades.”.

também o fim traumático de um casamento e o encontrar o antigo vestido de casamento de minha mãe Corina que herdei.

**Imagem 13: Saia branca, brincante Natália Sol. – cena do rito cênico *Ensaçada*, 2019.**



**Foto tirada de vídeo, registro audiovisual de João Paulo Vasconcelos de Andrade.**

A poesia das histórias divinas e humanas são minha inspiração, o ponto cruzado que me ensina a ser mulher e artista a criar e materializar compreensões de transformação da realidade em Saias. Para isso, mergulho no aprendizado corporal do terreiro para compreender sobre as faces e passagens das Deusas na Terra. Pesquiso e convivo com as diversas energias das Deusas em minha prática religiosa, escuto e leio as histórias delas de quando foram mulheres encarnadas, vivas em corpos semelhantes ao meu, suas passagens difíceis, belas, dolorosas e inspiradoras. Aprendo com elas os diversos caminhos possíveis para alcançar as virtudes divinas pela fé e COcriAção com a energia criativa divina, iluminando as sobras e a dor, diante os momentos de tormenta e escuridão. Aprendo que tudo está sempre passando e me atravessando, sobre a importância do vivenciar as passagens, para aprender e ser COcriadora da minha e de outras histórias. Com elas consigo sair da ilusão de que tudo é sempre lindo e que a vida termina em um certo ponto da juventude, e quebrar a crença do caminho da felicidade ser apenas possível com o casamento dos sonhos com um príncipe sem defeitos, como ensinam os

contos de fadas que muito ouvi quando menina e ainda se repetem disfarçados em livros, filmes, comerciais e séries. Com o esvaziamento dessas falsas expectativas de histórias como modelos de vida a serem seguidos ou replicados em novas histórias, permito-me ouvir sem culpa a frase: sou “imagem e semelhança” da Deusa. Para pouco a pouco, com autopaciência e autocompaixão conseguir limpar os rastros das memórias doloridas, acolher minhas birras e entender que as lágrimas são sagradas. Compreender que esse é um trabalho de autoaceitação e melhoria de uma vida inteira, preciso apenas confiar e continuar, conseguindo perceber que nunca estou só ou desamparada. Nutrir a fé em sagrado ofício que toda dor, um dia também irá passar.

Para ser essa força o estudo contínuo das Deusas e de suas histórias em passagens de vida e legados culturais por suas imagens arquetípicas do sagrado, na polaridade do que compreendo como feminino, costuro minha história de deusa em humanidade, olhando minhas passagens de vida como escolhas e dedicação, de aprendizado, resiliência, arrependimentos e melhorias, buscando minimizar a herança social patriarcal da culpa por não ser apenas a “boa moça”. Ao praticar o conhecimento delas, pelo observar mulheres que para mim representam as virtudes divinas no terreiro, nas brincadeiras populares e em casa, consigo me aproximar e compreender as energias das Ancestrais ou Deusas – Maria de Nazaré, Yemanjá, Kali, Iansã, etc. Reconheço o sagrado não apenas como uma imagem, mas como natureza viva, como o praticar a vida em todas as suas fases. E consigo crer em sua existência e manifestação, pois também vejo a Deusa ao encontrar o olhar no rosto de Mãe Carla, no acolhimento de Martinha do Coco, na doçura de vovó Apolônia, no amor incondicional de mãe Corina, e tantas mulheres, amigas e irmãs que convivo. Percebo que a Deusa está por e entre nós, somos todas as suas pétalas.

Inspirada por essa compreensão, danço e costuro firmando a esperança na realidade de minha vida, tenho forças para chamar a potência, o talento de uma divindade diante um desafio, pois sei que a estou evocando em mim, através da minha natureza viva. Nesse fortalecimento me sinto mais completa, amparada e autorizada para ser e buscar minha melhor versão a cada dia, como minhas mestras fizeram também. Consciente das fases miúdas, de cansaços e doenças que fazem parte. E por esse exercício de vitalidades, alimentando essa mesma força divina, olho minhas irmãs de caminhada, as mulheres com quem convivo e trabalho no terreiro, nas práticas artísticas, na família, e aprendo com

suas histórias, sabendo que são nossas diferentes manifestações que fazem o mundo mais rico, no exercício de dissolver a competição e o julgamento, pois somos todas humanas deusas. E nesse exercício constante de desconstrução, me abro para costurar outras Saia. Afinal é na diversidade que mora a riqueza da vida, Como me contou Mãe Carla em entrevista:

[...] por isso hoje a gente faz esse trabalho bem intenso aqui na casa, com o feminino. Seja numa figura amorosa, compassiva, como Maria de Nazaré, Mãe Kuan Yin, as várias figuras. Porque ser universalista é isso, você não escolhe uma, você abraça todas. Isso é o que eu acho legal no universalismo, você vê o valor em tudo. Você vê um jardim desse (estávamos sentadas no quintal), tudo é diversidade, e nisso você vê uma planta aqui, outra ali, um pé de café, uma planta do sabiá, um pau-ferro, uma bananeira, um boldo e tudo isso, essa diversidade é que dá a riqueza e a beleza. Entende! É diferente do “tem que ser assim” ou “é só isso, só pode trabalhar com energia de” pombogira, ou de mãe Maria, ou de tal coisa. Não. Por isso a gente chama todas as manifestações. Nessa casa, no dia de Nossa Senhora Aparecida, a gente traz a imagem de Nossa Senhora, faz um trabalho lindo com toda a força mariana. No dia de Wesak, a gente trabalha com a energia de Buda. No dia de Yemanjá, a gente faz o culto a Yemanjá. No dia do Sabaat de Yule a gente traz a força das bruxas. (COSTA, entrevista realizada por mim no dia 4 de junho de 2021)

Seguindo esse pensamento de diversidade e riqueza cultural, reconecto-me também a lua e suas fases, que mostram a gradação energética refletida nos humores e disposições corporais da mulher, por vezes introspectiva e outras mais extrovertida. Dentro dos estudos sobre o sagrado feminino, dispostos por Miranda Gray, reconheço o circular das nuances das fases da lua em associação as energias criativas e as faces da Deusa, que é justamente o ponto de diálogo das diversidades femininas, o encontro e forma de expressar, viver suas fases. É também pela circularidade de informação, educação de vida pelos exemplos vividos, que as rodas – de duas ou mais pessoas – se abrem.

Trazendo para minha prática espiritual, por exemplo, as Yabás<sup>26</sup> ou mães ancestrais: Nanã, Yemanjá, Oxum e Iansã muitas vezes vem trazendo ensinamentos similares, porém com suas várias formas de expressões posso aprender mais profundamente sobre o ensinamento passado. Lembrando que todas são completas em si, são forças da natureza que atuam integralmente, porém, cada uma tem uma qualidade mais a florada, um modo de se manifestar. Nanã é mais associada ao arquétipo da anciã, é senhora da lama e da criação, regente dos mangues e das nascentes onde se encontram água e terra. Yemanjá é a senhora das cabeças, regente dos lares e da misericórdia, mãe da humanidade. Oxum é

---

<sup>26</sup> Deusas, mais conhecidas como Orixás Africanas. Mães divinas que compõe as religiões afro-brasileiras.

mais conhecida como o aspecto do autoamor, do se autovalorizar, por isso também da beleza, saúde e paciência. Iansã é a guerreira valente, a força de ação para se enfrentar as batalhas pessoais e coletivas, mãe atenta e grande feiticeira. Dessa forma, quando percebo que estou precisando de mais cuidado ou paciência para ter êxito em um desafio posso chamar a sabedoria ancestral de Nanã, a misericórdia de Yemanjá, a paciência de Oxum ou a determinação de Iansã. Todas atendem e conduzem um bom caminho no propósito do aprendizado. O que não significa, porém que as outras forças de ação não venham a contribuir. Pois quando me disponho a fazer algo não vou apenas com uma parte do meu corpo, vou com ele inteiro, assim como cada uma dessas forças ancestrais não atua isolada na natureza. Todas trabalham circularmente com suas virtudes para o bem maior, em colaboração. Nessa mesma lógica, ao criar as cenas na *Ensaiada*, cada uma das Saias vem cenicamente mostrar, falar sobre uma força e ensinamento, por isso as vejo como pétalas do umbigo da criação divina.

Para compreender mais didaticamente o exemplo dessas energias ancestrais que também compõem meu corpo – pois a estrutura material é feita de natureza – e me inspiraram as Saias, associo-as as fases da lua e seus direcionamentos energéticos. Nessa visão, digo que Nanã é como a lua nova; Yemanjá como a lua cheia, Oxum como a minguante e Iansã como a crescente. Porque cada uma das fases lunares conduz e magnetiza naturalmente as energias das águas<sup>27</sup> – como elemento em nosso corpo, o sangue, a linfa, etc. mas também como a parte emocional – dos corpos na terra a uma disposição. Para facilitar o entendimento, fiz a tabela das fases, juntando o direcionamento das energias criativas de Miranda Gray com as quatro principais fases da lua, aos estudos sobre as Yabás em meu terreiro e algumas Saias – que detalho na terceira sessão:

**Imagem 14**

Tabelas das Fases				
FASE DA LUA	IMAGEM ARQUÉTIPICA	DIREÇÃO ENERGÉTICA	MOVIMENTO NATURAL	DEUSA

<sup>27</sup> E que na tradição cigana é representado pelas saias.

<p>Nova</p> 	<p>sábia, anciã, avó, bruxa</p>	<p>Introspectiva, recolhimento</p>	<p>fim de ciclo, aterramento, depurar de aprendizados, descanso, contato estreito com dimensões mais sutis, intuições, limpezas do corpo, plantio de novos sonhos</p>	<p>Naná, Catatumba, Rosa.</p>
<p>Crescente</p> 	<p>virgem, filha, menina, donzela, guerreira</p>	<p>pontear para o externo, mas ainda com a força de concentração no interior</p>	<p>inícios, externalizar a força masculina de ação, determinação</p>	<p>Iansã, Roseirinha, Navalha</p>
<p>Cheia</p> 	<p>mãe, geradora, nutridora</p>	<p>para fora, auge da extroversão</p>	<p>beleza e autoestima, cuidados e partilhas com outros corpos e seres, compreensão e compaixão</p>	<p>Yemanjá Saia Branca, Rosa Cigana, Das Almas</p>
<p>Minguante</p> 	<p>feiticeira</p>	<p>caminho para a introspecção</p>	<p>meditação, observação e distanciamento social, despedida daquilo que não seguirá para o próximo ciclo, poda e filtro de potenciais transformações e autocuidado</p>	<p>Oxum, Fiandeira, Nathália, Molambo</p>

**Fonte: Tabela autoral.**

A aproximação de cada movimento e fase da lua com uma Deusa, é uma forma didática para compreender a energia em associação a uma imagem arquetípica da Grande Deusa – segundo a prática universalista na FUDLC, aprendemos que todas são irradiações, manifestações de uma mesma energia criadora. Assim como a lua que é sempre uma só, mas ao girar no eixo da terra e na dança com o sistema solar faz a dinâmica das energias nuançarem. Esse é um mistério divino no qual estamos inseridas: somos parte de um todo e ao mesmo tempo um todo composto por partes. Em outras

palavras, somos a expressão divina como um complexo corpo que é em si um universo, um espelhamento individual de parte da Terra que está dentro do sistema solar. Esse fractal dos corpos no espaço-tempo em espelhamentos é infinito, mas nunca se repete, pois dentro do mistério da evolução, história e matéria nunca se manifestam da mesma forma, pois segundo essa chave de cosmo percepção, a Deusa ou o princípio da vida é a pura energia criativa da criação. Como afirma o professor dr. Eduardo Oliveira<sup>28</sup>:

Nesse caso falamos do Princípio de Integração onde cada parte está ligada ao todo e o todo é o conjunto de cada parte (mas a soma de cada parte com as outras não é o todo) ao mesmo tempo em que cada parte é um todo em si mesmo na totalidade da singularidade. (OLIVEIRA, 2009, p. 5)

Para a dança do princípio de integração, o constante (re)parir de vidas, o movimento circular que traça rodas no espaço é chamado, pois é preciso um portal para se chegar a vida. Mas na realidade, a roda como um espaço circunscrito é uma visão momentânea, uma foto do movimento universal que espirala. Assim como o caminho dos ciclos na vida da mulher e o maturar de suas formas de expressar seu feminino. A cada ciclo e tempo ela vive, morre e renasce ininterruptamente enquanto viver. O corpo da Mulher cíclica é a própria espiral de criação de vida e seu útero, o pulso vivo das suas memórias ancestrais a se transformar.

Afinal de contas, é disso que se trata a dança do Sagrado Feminino – um processo transformador para superar o ego e aquietar a mente racional, desbloqueando o caminho e possibilitando nossa conexão com a fonte. Assim conectadas – com a ajuda das visões e mapas das grandes mestras, entramos em nosso próprio estado de ser ressonante. Aqui nossas percepções expandem na direção do Infinito até nos unirmos com a dança do Cosmos, que é o fluxo infinito da luz que nos preenche e nos utiliza como instrumentos da beleza que cura tudo ao seu redor. Essa cura é o Elixir que integra e traz uma totalidade sagrada, não só para os indivíduos, mas para suas comunidades. E o cálice que oferece esse Elixir é a mulher. (BLANTON, 2016, p. 19)

Entendendo-se a mulher na perspectiva de manifestação divina na matéria e sua conexão com a natureza como o elixir de autocura e cura coletiva. Ao dançar e recriar as histórias ensaiadas, dou passagem para curar e brincar com meu sagrado feminino pessoalmente e nos círculos comunitários que convivo. Desta maneira, encontro no

---

<sup>28</sup> Eduardo David de Oliveira é filósofo e professor doutor em educação, é especialista em Culturas Africanas e relações inter-étnicas da educação brasileira. Trabalha principalmente nos seguintes temas: ética, filosofia latino-americana, filosofia contemporânea, antropologia social, educação e movimentos sociais populares, cosmovisão africana, filosofia afrodescendente, estudos afro-brasileiros, história e cultura africana e afro-brasileira, literatura africana e ancestralidade, desenvolvendo ainda assessoria junto aos movimentos sociais populares, na área de negritude, educação popular e economia solidária.

autoconhecimento a chave de acesso as percepções e compreensões das energias do próprio corpo-mulher para melhor usufruir de minhas potências. Ao parar de brigar contra o fluxo natural, permito-me acolher e compreender o poder feminino de transformação e portal para a criação de realidades de vida, aprendo a dançar com minha própria existência. Abraço-me e danço meu próprio tempo de luz em expansão e sombra de acolhimento, reintegro-me ao invés de ser escrava do calendário oficial, de origem na *Calenda*<sup>29</sup> medieval. Saber o momento de trabalhar e de descansar é retomar a harmonia com o giro da terra e suas estações, por essa vertente é sair do giro do relógio e perceber que nada é mais urgente do que o fluxo natural da vida, pois ele se encarrega de trazer todas as situações, desafios, celebrações e pausas para as reais conquistas individuais-coletivas posso dançar com meu tempo. Assim, posso ser atuante na Cohistória da Deusa criadora e criativa, confiar que esse é um roteiro em construção e que o caminho é de reencontro ao respeito e amor. Para a partir desse ponto construir e reconstruir as rotinas de criação ao longo da vida.

Na construção dessa prática integradora na parte artística, os ensaios da *Ensaçada* estavam intimamente ligados ao ritmo de meu ciclo menstrual e disposição corporal. Quando estava mais introspectiva a dança vinha acompanhada de uma história ou memória para ser transformada na condução de Bárbara. Outras vezes, eu nem dançava, nos sentávamos e conversávamos sobre as saias e as divindades, meditávamos, líamos cartas, poesias, escutávamos pontos e músicas e um texto vinha. A constante era que nos reuníamos, eu montava o altar, vestia a saia e disso víamos o que e a que estávamos disponíveis no dia. Por vezes me encontrei dançando como guerreira, outras vezes como tronco de árvore passando pelas várias estações, fui o mar e senti todas as vidas que alí habitam, outras vezes fui um trapo de tecido, muitas, infinitas formas reveladas pelo corpo em cenas me levaram a reencontrar com muitas partes de mim e ecos de histórias de outras mulheres. Percebi que as nuances e encontros de energias realmente não tem fim. Mas, graças a Deusa, tive o juízo de chamar Bárbara para me ajudar a aterrar e trazer essas diversas experimentações como cenas, circunscreve-las e registrar no corpo e na memória a sensação do encontro com cada uma que reencantamos em Saia.

---

<sup>29</sup> Instrumento medidor de impostos medievais que chapou as nuances naturais da passagem de tempo para caber em uma repetição de quantidades.

Para esse alcance, porém, o que me cabe enquanto mulher brincante é justamente o desafio da confiança nesse movimento de outros tempos no corpo, que muitas vezes passa despercebido aos olhos durante os corres da vida, e por conta do germe capitalista da doença da produtividade como uma constante invariável. Mais ainda, na confiança em mim mesma, em minhas capacidades de lidar com as situações de vulnerabilidade, atropelos, competição, violência, aniquilação de corpos e memórias da sociedade machista que busca impor que “a história da mulher não é válida ou suficiente” e que nossos corpos devem ser adestrados a uma ou outra forma de ser. Muitas vezes chorei, quase caí de cansaço, pois para a ciclicidade voltar e ser realidade e prática é muitas vezes necessário olhar a sensação de querer apenas sumir no mundo ou encontrar uma resolução mágica para questões estruturais na forma que aprendemos a viver socialmente. Porém pela fé, continuidade e amparo de minhas COMadres fui além. CONstruimos um espaço seguro para os atravessamentos da expressividade corporal circular. Percebi e experimentei nos ensaios a liberdade expressiva que pulsa em meu corpo e o quanto gostaria que mais mulheres pudessem se sentir assim, pudessem experimentar e escolher se libertar das poucas caras que aprendemos socialmente que devemos fazer. Esse machismo arraigado é que adoce toda a sociedade, desmembrando-a em indivíduos não pertencentes a seus próprios corpos, a infinidade de expressões e manifestações de sabedorias, e a compreensão que somos uma só comunidade, seres terrestres. Fato que acontece muitas vezes pelas instituições de (des)educação oferecidas pelo Brasil Oficial, que ainda em maioria, contam que somos pequenas, que para ser alguém é necessário se encaixar nas boas maneiras católicas e crer em uma história contada pelos homens brancos, os “heróis” da pátria amada, que nossos corpos não devem sentir prazer, mas devem reproduzir, independente da dignidade do como isso acontece e servir ao prazer, com roupas ditadas pela indústria da moda e sentadas elegantes em cadeiras, de pernas fechadas. Com o latente esquecimento de quem foram e são as vidas e úteros que parem os agentes da história. E que seus corpos conhecem as outras partes da história.

Por outro lado, como mulheres, ainda carregamos uma sabedoria tão enraizada no corpo-natureza que mesmo escutando e vivendo em ambientes hostis, sempre trazemos dentro uma inquietação, que popularmente se chama intuição, uma curiosidade que a leva, cedo ou tarde, para outros caminhos de aprendizado e lembrança. São nossos ciclos, passagens de energias e humores, mesmo que inconscientemente sabemos que nenhuma

história é unilateral e que é impossível chapar a experiência social e histórica de um país enorme e com tanta diversidade em sua cultura em um só modo normativo de viver, pois não somos apenas uma face da história e cada vida nela importa. Afinal, o que é ser normal? Como natureza somos diversas seres cíclicas a levar a se movimentar para o encontro e costura das outras partes das histórias. Ou acabamos completamente desreguladas emocionalmente, medicadas e mais uma vez devastadas pelo caminho estritamente racional, em combate ao próprio corpo, fazendo o grande desfavor de entrar em ciclos de autodestruição com comportamento desestruturastes psicologicamente, emocionalmente e físicos, não apenas para si, deixando de si Ser.

Para conseguir esse giro de autoconfiança e fé na Deusa que se expressa pela natureza cíclica costurei Saias que iluminam a escuridão dos medos, ensinam a enfrentar os desafios com olhar gingado para as desconstruções. Elas são muito inspiradas, por vezes releituras, nas Deusas e divindades da morte, das ceifadeiras, feiticeiras ou bruxas que fizeram a travessia pela própria sombra até se ascenderem, elas vêm iluminar o meu crescimento feminino em cada ciclo e fase, e são muito necessárias e bem-vindas na brincadeira espiral de rodas. A elas também sou grata, na *Ensaiada* elas são: Catatumba, Molambo, Das Almas, Rosa e Navalha. Senhoras, moças e damas guardiãs das travessias. São elas que me ensinam – por meio de intuição, conversa e encontros nos terreiros religiosos e no próprio revelar das cenas, que as escolhas e criações vão além de boas e ruins, elas falam sobre intenção e consciência do poder do inconsciente, sobre ser a sabedoria e expertise inclusiva das encruzilhadas. Falarei mais sobre suas graças no próximo ponto dessa primeira sessão.

A sabedoria da mulher, fundada no princípio feminino de expressão nasce justamente no “temido” encontro com o silêncio aos ouvidos e desta escuridão aos olhos do corpo físico, o encontro com a contemplação interna. A sabedoria taoísta<sup>30</sup> do *Yin* no oriente. Por sermos portadoras da sapiência da morte<sup>31</sup>, silêncio ou ápice da introspecção

---

<sup>30</sup> O Taoísmo é uma filosofia de vida e uma religião chinesa milenar, na qual o ser humano deve viver em harmonia com a natureza, pois faz parte dela. Dessa forma acredita que, quando tomamos a natureza como referência em nossas vidas, atingimos o equilíbrio, ou o “Tao”. Fonte: <https://www.todamateria.com.br/taoismo/#:~:text=O%20Taoismo%20%C3%A9%20uma%20filosofia,%20C%20ou%20o%20E2%80%9CTao%20E2%80%9D>.

<sup>31</sup> Compreendendo pelos ensinamentos de meu terreiro que a morte é uma passagem e não um fim. Ela compõe os ciclos de vida e tem sua beleza e valor, quando vivenciada de maneira natural, integrada a vida.

feminina, o encontro com a escuridão regeneradora da potência que é a menstruação, é que estamos sempre a renascer e parir. É por sermos muito bem costuradas pela Deusa e mensalmente mergulharmos no inconsciente (escuridão) para buscar (iluminar) novas formas de fazer a vida – na descida do fluxo sanguíneo e no magnetismo da lua nova – que continuamos a criar, regamos de vida vermelha e fluida os sonhos da terra. O ciclo menstrual e suas energias criativas são uma dádiva para o corpo da mulher, pois nos oferecem a autoreciclagem de acolher as potências que estão na escuridão, e não estão lá à toa. E aqui relembro que não há separação ou demonização da escuridão ou da sombra, elas são parte fundamental das potências evolutivas, como muito escuto na convivência no terreiro, aspectos muitas vezes desAmados que aguardam seu momento de subida e a consequente mudança ou transformação da mulher.

**Imagem 15: Tao - representação da integração complementar dos aspectos dinâmicos do yin e yang, feminino e masculino na filosofia taoísta.**



O ciclo menstrual feminino é um despertar para a realidade da parte socialmente taxada como “feia” da história e corpo da mulher, por ser indomesticável e incontrolável por qualquer homem ou sistema que queira viva a natureza em equilíbrio. O que nas rodas femininas falamos como o resgate e aceitação da integralidade junto a mulher selvagem, não apenas a seus aspectos de “pureza” virginal, mãe luminosa e sábia avó. Por meio da dor natural e do sangue da vida somos iniciadas a aprender a acolher a feiticeira, a bruxa, a sacerdotisa e xamã que todas somos em potencial. Resgatar das fogueiras, dos clausuros, dos abusos e da fragmentação nossos corpos, seres e memórias para ter paz e dissolver as experiências violentas e dolorosas. Ao fluir as criações artísticas junto as energias cíclicas acendo minha vela interior e ilumino a escuridão do abandono para dar espaço para recriar o mundo. O sangue, bendito, que flui para fora do corpo, pelo chamado da gravidade terrestre, também é limpeza das vivências que muitos antepassados afro-ameríndios

derramaram para proteger memórias, culturas, famílias, sabedorias, pertencimentos e formas de existir no mundo. Ele é o meio que nutre uma vida e faz alquimias para o ser se desenvolver e se curar. Ao menstruar me dou conta que o corpo da mulher não é apenas um recipiente de reprodução de filhos, mas sim um corpo completo de vida, um círculo inteiro de sabedorias, um corpo digno, de respeito, carinho e amor, uma fonte. Dentro do ventre de cada mulher, seu útero é repleto geneticamente da memória de todas as suas e seus ancestrais diretas – mãe, pai, avós, bisavós, etc – e indiretas. Assim, cada mulher tem dentro de si um rio de memórias ancestrais, uma biblioteca de saberes e histórias. E a cada vez que derramamos nosso sangue morremos para algo que já não serve, que naturalmente segue seu fluxo em direção a terra que tudo transforma. Para também renascemos depois da limpeza de nossas entranhas e reforcamos nosso ser, estarmos mais leves e prontas para continuar a dança da vida. Menstruar jamais será apenas sangrar, um machucado que joga sangue para fora, pois se trata de uma ciência e sabedoria corporal milenar, ancestral, é sobre soberania e poder por ser natureza.

Não bastasse sermos imagem, semelhança e a potência da criação em vida da Deusa, ainda possuímos o magnetismo das fases da lua no decorrer dos ciclos. Podemos aprender com a observação da lua no céu. Ou seja, sabemos por natureza nos relacionar com fidelidade, a nosso momento energético, com os outros seres e ambientes. Temos a chave e somos a porta da libertação para estar e transitar no mundo em harmonia com o fluxo da vida, em uníssono com os tempos. Mesmo quando teimamos em ir na correnteza da produtividade linear, mensalmente temos mais uma oportunidade de entrar e aprender as dinâmicas de nossas energias, com as fases da lua, e com o tempo entender o que cada período tem de potência para fluir nas ondas da vida cotidiana de compromissos sociais, e reinventar nossas rotinas e dias de cada mês. Pois o tempo todo nos é dada a oportunidade de estarmos compondo a música do tempo. Temos a chance de entender como estamos, poder reorganizar os compromissos da agenda, os tempos de criação escrita, física, de aquisições e repouso para fazer o balanço de tudo. Um desenvolver que comecei a exercitar ao unir o cronograma do processo criativo da *Ensaíada* com o desenho e observação da minha mandala lunar, compreendendo o tempo que necessito para criar cada etapa de uma apresentação, conseguindo equilibrar os prazos com um resultado prazeroso e belo.

**Imagem 16: Rosa Cigana, brincante Natália Sol. – ensaio fotográfico *Instantes de mulher*, 2018.**



**Foto: Flávio Carvalho.**

Nenhum desses movimentos, porém, são fáceis, pois exigem que eu SAIA das zonas de conforto. E pedem ainda mais, a transmutação da crença da culpa, seja ela por não conseguir produzir o que idealmente é suficiente, pela imensa dificuldade do descanso, pelo receio de ter que pedir ajuda quando algo está demasiado para ter que dar conta só e acabar me sentindo arrogantemente insuficiente, etc. Essas inseguranças bailam como vozes agourentas que ecoam historicamente, socialmente e por vezes até dentro de casa. Mas a cada vez que essas crenças são mortas, dissolvidas pelo meu exercício da autoescuta e autoamor, mais consigo limpar a necessidade constante de ser super-heroína – outra ilusão criada na sociedade moderna – salvadora e sustentadora invulnerável do meu lar e da sociedade. Esse caminho de autolibertação me leva a autopermissão da experiência do aprendizado e vivência no instante presente, renasço para reencontrar a paz e o espaço para uma nova visão de mundo, então me disponho a caminhar e criar por ele. Nessa lógica posso reencantar minha vida e abrir espaços para a

construção artística e sensível do meu corpo, vivo, como explicou Simas em sua palestra<sup>32</sup> sobre a Epistemologias das macumbas:

Mais ainda, a encantaria alarga a própria noção do humano, a encantaria coloca em xeque o próprio cojicto cartesiano, porque se a gente imagina o cojicto “penso, logo existo”, a encantaria trabalha a existência na dimensão do “vibro, logo existo” na dimensão do “danço, logo existo”, na dimensão do “bato tambor, logo existo” e, pasmem, as umbandas, o catimbó e as encantarias, “morro, logo existo”, pois muitas vezes a condição fundamental da existência é exatamente a morte. Porque todos os saberes afro-ameríndios têm um elemento em comum: a grande dualidade que existe não é a dualidade entre morte e vida, não é essa a questão chave para a encantaria, para a jurema, para a umbanda, para o candomblé, para todos esses saberes. A morte e a vida, a morte como um fenômeno fisiológico e tal, não é isso. A grande dimensão onde operam esses saberes é a dimensão do encanto e do desencanto. Nesse sentido, o morto, por exemplo, ele pode estar mais vivo do que alguém que biologicamente esteja vivo. [...] Porque se você está desencantado, você está morto. E tem morto que está muito vivo. (SIMAS, palestra gravada por Márcio Melges no dia 11 de dezembro de 2018).

Assim, para conseguir continuamente a sai(a)ir do lugar de (des)conforto de meu corpo e poder traçar trajetórias, costuro, canto, componho, batuco, conto histórias e danço, como também fala a prof. Dra. Juliana Manhães<sup>33</sup> em sua tese (2014), coloco meu corpo em jogo. Para fazer aflorar uma movimentação de estilo pessoal, não uma dança com um nome ou códigos definidos, mas a dança que meu corpo quiser dançar na relação com a saia, seja movendo apenas os olhos ou ocupando o espaço em rodopios. Para isso experimentei e experimento ocasionalmente aulas de dança contemporânea, contato e improvisação, cavalo-marinho, cirando, samba-pisado, cigana, do ventre, balé, afro, entre outras inspirações corporais, mas não para estabelecer passos para minha dança pessoal, mas para aumentar e diversificar as formas de mover o corpo. Pois é nesses preciosos momentos que me entrego a mim e ao todo, posso me esquecer do perfeccionismo e das expectativas para estar apenas estar comigo. Deixar que a expressão do meu corpo me mostre como estou e me mova para onde preciso ir. Danço porque assim existo, saio do

---

<sup>32</sup> <https://youtu.be/ciQLWs7xVCw>

<sup>33</sup> Performer, brincante, dançarina, coreógrafa e pesquisadora. Professora Adjunta do Departamento de Interpretação do curso Atuação Cênica, da Escola de Teatro da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro/ UNIRIO (2018). Professora e pesquisadora do Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas, PPGAC/UNIRIO. Possui graduação em Educação artística, Licenciatura Plena em Teatro pela UNIRIO (2000). Mestrado em Artes Cênicas com a pesquisa Memórias de um corpo brincante: a brincadeira do cazumba no Bumba-Boi Maranhense (2009). Doutorado em Artes Cênicas na UNIRIO, com a linha de pesquisa Estudos da Performance e a tese. Um convite à dança: Performances de Umbigada entre Brasil e Moçambique (2014), realizando o doutorado sanduíche pelo CNPQ em Moçambique, na Escola de Comunicação e artes na Universidade Eduardo Mondlane (ECA/UEM). Faz parte dos seguintes grupos de pesquisa: Laboratório Artes do Movimento, Laboratório NEPA (Núcleo de Estudos de Performances Afro-Ameríndias), na Escola de Teatro.

lugar para dar espaço de reexistência para meu ser no mundo, como explica Simas ao falar da lógica do afeto na corporeidade, para a disposição ao transe nas culturas da brasilidade – o Brasil ordinário e extraoficial, as realidades recriadas pelas culturas de diáspora. Ao praticar minha dança pessoal, me aqueço e alongo, preparo-me para direcionar uma cena ou para me colocar a serviço do que uma saia que está me chamando. Para então ir umbigar com outras mulheres e seres, para reinventar o mundo e pertencer a roda dos aprendizados e sabedorias corpo-orais, mas somente depois de me escutar. Pois assim posso ser gente, e a partir daí me abro para brincar o mundo com as saias.

### 1.5 Saia – a resignificação da história

“ É Dona Saia,  
O que trazes pra mim?  
Um bailado, rodado  
Uma proteção sem fim  
É Dona Saia,  
Estou em você e você em mim.  
Mas nem sempre foi assim  
O Jongo e a sagrada Ayauasca  
Me levaram para a mata  
E me abriram os camin’s  
Agora com você em minha cintura,  
Me sinto mais segura.  
Me livro das amarguras  
Que algum dia pousou em mim.  
Gira, gira, gira saia  
Sua barra como navalhas  
Corta tudo, nada faia...  
E abençoa nossa  
Caminhada.”

Registro de Rayane Mutante no Diário da Saia, 2018.

Nessa dança de ser mulher brincante, porque de saia e ainda por cima longa e rodada? Dentro da lógica da cultura popular brasileira, que trabalha com a subversão dos símbolos e signos, fui escolhida pela saia e a escolhi também, dentre as várias vestimentas possíveis do guarda-roupas cultural brasileiro. Não apenas pela beleza, movimentação e mistérios que a saia naturalmente dispõe a quem a veste, mas por ser um símbolo feminino com história milenar, como a mulher, a menstruação, a criação e a roda, como me ensinam as entidades que guardam esse mistério, as Pombogiras<sup>34</sup>. Escolhi a saia e faço dela não

---

<sup>34</sup> Segundo Simas: “A pombogira é resultado do encontro entre a força vital do poder das ruas que se cruzam, presente no inquite dos bantos, e a trajetória performática de encantadas ou espíritos de mulheres que viveram a rua de diversas maneiras (a corte das pombogiras é vastíssima), tiveram grandes amores e expressaram a energia vital através de uma sensualidade afluada e livre. O corpo pecador não faz o menor

apenas uma roupa para dançar, mas um objeto de poder e uma afronta a toda história machista, que faz de um tudo para reduzir ela a um símbolo da mulher submissa, pecadora e indigna de manifestar a sua natureza.

**Imagem 17: Maria Molambo, brincante Natália Sol. – reencantada na RodaDa Saia®, 2020.**



**Foto: Tatiana Reis.**

Durante os últimos 5 anos (2017 a 2022), nas oficinas de dança e costura de saias e na passagem do diário da saia da RodaDa Saia® ouvi e li muitas histórias de mulheres que ao longo da vida foram obrigadas a usar saia, simplesmente por terem nascido mulher. De que mulher não podia vestir calça, não deveria jogar capoeira, que saia era um trapo para tapar a “vergonha de ser mulher”. Além dos absurdos e abusos históricos com a discriminação racial com os povos africanos e indígenas que piorou muito a situação, desde a invasão a Pindorama (nome original do Brasil) pela branquitude europeia escrota que ditou quem podia vestir o que, que corpos eram considerados corpos humanos ou objetos, quem era digna de vestir saias de renda ou se cobrir com sacas de ração amarradas. A história das saias tem muitas camadas, dobras e nuances, que trazem seu peso e importância como local de revolução e reivindicação de poder para as mulheres em

---

sentido para as donas da rua, muitas delas Marias: Maria Padilha, Maria Molambo, Maria Navalha, Maria do Porto, Maria Quitéria...”. (2019, 10)

E como aprendo e pratico no terreiro, as pombogiras são a polaridade feminina e complementar dos Exus.

diversos locais na sociedade – que só fui conhecer no contato e vivências com as mestras e mestres da cultura popular e perceber as diversas realidades das mulheres no Brasil. Essas e muitas outras histórias, falas, pensamentos e ações machistas ao longo da trajetória da mulher a afastaram da potência libertadora de usar uma saia, independentemente de seu tamanho, sem medo de algum tipo de violência. Pois muitas vivem em locais precários e quase sem oportunidade de melhora e crescimento para ser. A saia para muitas ainda traz a latente memória da vulnerabilidade de ser um corpo aberto, de ter na memória ancestral de suas mães, avós, bizas a sequela da violência, como a Pindorama invadida. Essa mancha de palidez mortuária e fúnebre que se herda junto a lembrança, também calada, da aniquilação e apagamento dos ritos e celebrações de ser vida, características de nossos povos originários, ainda faz emergir muita raiva e competição. Ainda faz com que inconscientemente desgostemos não somente da saia como pétala cujo centro é o umbigo e ser mulher, mas a própria genitália e toda sabedoria que carregamos em nossos órgãos de poder que também se apresentam como flores.

Mas o que também aprendi com as moças – como carinhosamente chamamos as pombogiras dentro do terreiro – e na inspiração da observação das flores na natureza é que mesmo em um cenário denso, tenso e complicado, onde há uma flor viva sempre há o perfume divino cuidando e os ciclos naturais restaurando o equilíbrio. Jamais as manchas serão uma marca de sujeira ou impureza. Pois na realidade a parte suja, vergonhosa, aprisionadora, invasiva e destrutiva foi a ação de embrutecimento do pensamento humano, a construção minuciosa de sociedades desumanas, a demonização, o desrespeito, o desamor e a aniquilação dos corpos junto a cisão dos valores da vida em prol do falso poder, da ilusão da posse de algo que oprime nossa história, não somente a das mulheres. O que, em um olhar mais amplo, representa a ação social de uso desmedido dos recursos naturais e o lixo gerado que tanto impacta no planeta terra, que a milênios insistimos em reproduzir. Quando na realidade tudo o que temos nesse mundo físico, é empréstimo da Terra. Suas terras, águas, ar e fogo nunca foram sujos, somos nós, enquanto sociedade patriarcal capitalista, que interferimos e imprimimos a sujeira nessa história, mais ainda, nesse local: o corpo-terra.

Quando negamos a integridade de sermos vidas dinâmicas, constituídas de sombra e luz do planeta que nos dá corpo, da natureza, das mulheres e de todos os seres, adocemos

e maldizemos nossas entranhas, entramos em negação de nossos próprios corpos e da diversidade do tempo e das formas de manifestação divina de vida. Com esse adoecimento se alimenta a cisão, a ilusão de um pensamento dominador e da padronização das manifestações criativas. Por isso vejo as saias como uma oportunidade de levantar dos corpos em lutas pela (re)apropriação natural e direito de sermos corpos livres e podermos expressar, de podermos transitar de estados e pensamentos, evoluir e aprender segundo perspectivas diversas, podendo ser unidade e pertencer, COcriar comunidades integradoras, para reflorescer no planeta.

Nesse caminho, percebi que a mulher é um retrato social da Pindorama, da Terra e de seu dinamismo cíclico natural, a própria encruzilhada, o ponto de encontros das “pontas soltas”. Pois se somos a Deusa, em todos os seus aspectos, e carregamos a qualidade de nos reciclarmos com os ciclos menstruais e as estações, acredito que toda dor, acúmulo ou violação pode ser curada, toda história de VIDA pode ser exemplo de TRANSformação e transmutação pela insistente revolução e atos de amor. Toda e cada mulher que partilha sua história em roda, que gira seu mundo pelas saias é uma vida que se levanta. Acredito que são todos os pequenos e grandes encontros femininos, todos os movimentos que socialmente conseguimos gerar que giram e dão força aos ciclos naturais. Ao abrir os olhos para a vida e para a possibilidade de construirmos, que seja por um dia, uma roda, um instante uma realidade de amor e respeito, nosso trabalho já se realiza, resgata vidas, é sagrado. Essa é minha fé, sim, por um olhar insistentemente misericordioso, pois sem isso não seria possível mover. Todo esse giro se trata do poder do acolhimento feminino. O que somente nós podemos nos oferecer, para então crer e partilhar essa qualidade com outros úteros e mundos.

Essa é a tão temida volta que a roda dá e que a mulher faz em seus ciclos, e que na realidade todos os seres terrestres e lunares vivem em seus corpos. Um dos ensinamentos que as moças, as senhoras guardiãs das encruzilhadas, nos mostram ao tocar e cuidar de nossos corações. Ao se fazerem exemplo de acolhimento e força em corpos que magnetizam a sensualidade, elas nos ensinam a não temer as vulnerabilidades, as passagens pelas sombras e a nos amarmos mais, para sermos livres. Conhecimento que compreendi após ser muitas vezes atendida por elas em diversos terreiro de umbanda e

Candomblé de Brasília e Recife; nos trabalhos como cambona<sup>35</sup>, curimbeira e como médium de incorporação na FUDLC.

A energia pulsante das entidades cruzadas, como se o domínio delas já não fosse as encruzilhadas, é libertadora, mas nunca descontrolada. Ela é sempre controlada pela própria potência do poder feminino e se manifesta em uma marcante característica da entidade: a pombogira é senhora dos desejos e manifesta isso em uma corporeidade gingada, sincopada, desafiadora do padrão normativo. (SIMAS, 2019, p. 10).

Trabalhando com as saias resgato minha pulsação livre e libertadora, cuidadora e zelosa da terra, danço o giro da liberdade para todas as minhas irmãs e irmãos também o fazerem. Andar com uma saia pelo quintal e terreno do mundo com essa consciência é aprender e praticar o que as pombogiras me ensinam. E continuo a escutar os ensinamentos no terreiro e ritos sagrados, momentos de maior proximidade a essas ancestrais, para saber andar com e pelo meu corpo, honrar o ser Terra. Sabendo que nem sempre é a beleza do brilho da roupa a que tenho que vestir, há o momento do mostrar-me e do velar-me, caminhando com e pela natureza dos ciclos de renovação criativa. É assim, com esse divino respeito, que ousou usar uma saia longa no tempo atual, sabendo que afronto toda a história que um dia manchou, rasgou e desfigurou seu poder de ligação com o feminino, e conseqüentemente com suas guardiãs, as mulheres. Resignifico e terreirizo o mundo pela saia, para ter o privilégio de dançar livre da obrigação de usar uma saia. Uso a saia por prazer. Uso e me encanto em Saia, ENSAIADA, para celebrar a vida e força do meu corpo feminino que aflora meu útero nas pétalas de uma genitália livre. Recrio toda a história, por ser mulher e poder parir e gerar as minhas escolhas. Lembrando que não apenas ponho para fora, mas também sei sugar para dentro o conhecimento que quero. Cuspo sangue limpo<sup>36</sup>, do meu corpo de pétalas limpas, de pele porosa sensível, seda livre para o trânsito de afetos. Gargalho de saia para transmutar todo horror que ousou tocar minha história, de minha ancestralidade e de minhas irmãs. Uso saia para lembrar que posso usar o que eu quiser para me expressar, não apenas a saia, porque ela, a roda e portal que é, está em tudo, pois o feminino está em tudo, e jamais

---

<sup>35</sup> Dentro do terreiro existem várias funções, designadas pela mãe ou pai de santo da casa espiritual, segundo a melhor forma de servir ao sagrado e trabalhar os talentos dos médiuns. Assim como no teatro há quem cuide da luz, do cenário, do som, dos figurinos, dos atores, etc. Nas giras de caridade ou trabalhos espirituais existem aquelas que auxiliam as entidades incorporadas, elas são as cambonas. As que cantam e tocam os pontos, músicas que trazem a frequência dos trabalhos espirituais, são as curimbeiras ou ogãs.

<sup>36</sup> Biologicamente falando, o sangue menstrual é limpo por ser puro nutriente, matéria que sustentaria uma vida nova, um ser, mas também por compreender o sangue como rio que corre e nutre meu próprio corpo, naturalmente purificado por outros mecanismos do corpo (como a urina, por exemplo).

poderá morrer ou ser morta enquanto vida houver. Como aprendo com todas as entidades femininas – Pombagiras, Caboclas, Pretas Velhas, Ciganas, etc. – em meu terreiro e brinco na RodaDa Saia. Afinal, a saia vira e desvira a história.

Nessa lógica inversa, do corpo da mulher e da saia como instrumento de poder feminino, sigo caminhando no autoempoderamento guiado pelas saias. Como descreveu Simas ao falar da filosofia das moças/pombogiras sobre a forma de conduzir o corpo:

Bombogira, pombogira, sabe exatamente o que fazer com o corpo: tudo o que quiser fazer. Nós que na maioria das vezes somos ensinados a ver no corpo o símbolo do pecado, é que não temos a mais vaga ideia sobre como lidar com ele. As pombogiras gargalham para as nossas limitações, enquanto dançam na rua. (SIMAS, 2016, p. 18)

**Imagem 18: Molambo, brincante Natália Sol. – reencantada na RodaDa Saia®, ensaio *Instantes de Mulher*, 2018.**



**Foto: Flávio de Carvalho.**

### **1.6 E(i)xus – gradações que formam a roda de energias criativas.**

“[...] a encruzilhada não é mera metáfora ou alegoria, nem tão quanto pode ser reduzida a uma espécie de fetichismo próprio do racismo e de mentalidades assombradas por um fantasma cartesiano. A encruzilhada é a boca do mundo, é saber

praticado nas margens por inúmeros seres que fazem tecnologias e poéticas de espantar a escassez abrindo caminhos. Exu, como dono da encruzilhada, é um primado ético que diz acerca de tudo que existe e pode vir a ser. Ele nos ensina a buscar uma constante e inacabada reflexão sobre os nossos atos. É por isso que nosso compadre é tão perigoso para esse mundo monológico e para uma sociedade irresponsável com o que se exercita enquanto vida. Nessa esquina me cabe dizer que hoje o espírito colonial se expressa em pleno vigor, cada vez mais "cruzadista", tacanho, tarado pelo terror e pelos assassinatos. Exu, ao contrário disso, é o radical da vida, que nos interpela sobre a capacidade de nos inscrevermos como beleza e potência. A sua face brincante, transgressora, pregadora de peças, é o contraponto necessário a esse latifúndio de desigualdade e mentira. Dono da porteira do mundo é ele a força vital a ser invocada para a tarefa miúda de riscar os pontos da descolonização." (RUFINO, 2019)<sup>37</sup>

Brincar as saias é iluminar o visível pelo reencantar o mundo. A saia gira refletindo luz em cima e girando as sombras embaixo. Mas quem dá a força do giro é o corpo que brinca em estar atravessado pela roda, e quem faz encontrar as pontas é corpo de encruzilhada, como também ensinam as guardiãs das encruzilhadas (Exus e Pombogiras). E digo logo que quem costura as criações divinas são elas, os E(i)xus femininos que mantem as travessias da vida. Fazendo das rodas encontros que marcam centros de encruzilhadas, mais uma vez como local de questionamento, escolha e consCiência, comUnitárias de travessias vivas. Como discute Érico Oliveira<sup>38</sup> sobre a pesquisa do professor Armindo Bião sobre o termo encruzilhada:

[...] Bião (2009b, p. 54-56) traça uma discussão sobre sua trajetória ("encruzilhada pessoal") na "encruzilhada cultural globalizada", referindo-se às suas pesquisas sobre o cordel. Em seguida, este autor complementa sua noção como uma "encruzilhada dos sentidos e dos discursos [...] ideia de um cruzamento de caminhos, que permite múltiplas opções" (2009b, p. 59), arrematando: "E lugar da dúvida é a encruzilhada". (2009b, p. 61)

O que é interessante perceber aqui é o trânsito existente e multifacetado que Bião propõe, ao assumir academicamente a expressão encruzilhada, como uma noção fluida e transgressora, isto é, potencial da dúvida, da busca e da investigação. (OLIVEIRA, 2014, p. 5)

Nesse local de encontro e questionamento é que se potencializam e encontram os saberes femininos, onde o umbigo da saia – o corpo encruzilhado de saberes da mulher –

---

<sup>37</sup> Nota introdutória do livro *Pedagogia das Encruzilhadas*, de Luiz Rufino.

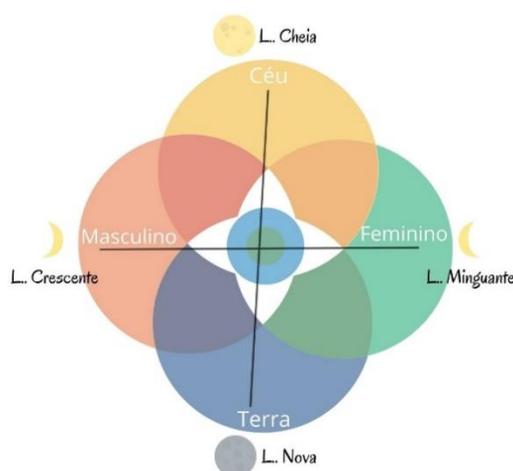
Luiz Rufino é carioca, filho de pai e mãe cearenses, pedagogo, doutor em Educação pela UERJ, pós-doutorado em Relações étnico-raciais, aprendiz de capoeira e curimba. É professor e autor de "Histórias e Saberes de Jongueiros" (Multifoco, 2014), "Pedagogia das encruzilhadas" (Mórula, 2019) e dos livros "Fogo no Mato: a ciência encantada das macumbas" (Mórula, 2018) e "Flecha no Tempo" (Mórula, 2019) em parceria com o historiador Luiz Antônio Simas.

<sup>38</sup> Érico Oliveira é professor pós-doutor em História da Encenação pela Université Paris 3 – Sorbonne Nouvelle em Paris (2007-2009). É autor do livro: *A roda do mundo gira: um olhar sobre o Cavalo Marinho Estrela de Ouro* (Condado-PE), pelo SESC – Pernambuco e organizador do livro *Tradição e Contemporaneidade na Cena do Cavalo Marinho*, pelo PPGAC-UFBA.

marca a linha curva, circular, na união das pontas da cruz dos eix(u)s. Pelas forças de integração com os trânsitos é que circula a vitalidade do ser em gradações energéticas. São nos aprendizados com os moveres das encruzilhadas que costuro as pétalas de perfumes femininos, nas esquinas do corpo elas me ensinam a girar para manter os ossos da coluna de pé, as curvas das vias que fazem o sangue continuar a fluir e que desdobram feridas em regeneração. Percebi no praticar terreiros com a criação da *Ensaíada* e trabalhar no terreiro religioso, o quanto que a coluna se move distintamente na dança de cada Saia, mas também move algo dentro de mim, toca outras partes de uma nova maneira, num encontro de cruces, espirais e sabedorias que chamo de *enCRUZ-espiral*. Mais uma vez, pelo desconforto e deslocamento de meu eixo ereto é que despertei para brincar com as energias de ação e recolhimento do corpo na brincadeira. Um conhecimento que passa batido no ensino formal, como uma informação sem muita profundidade, mas que ao dançar desenhando invisivelmente no chão a rosa dos ventos nos aquecimentos dos ensaios me abriu a percepção. Os E(i)xus são as várias estradas de um caminho, entre uma escolha e outras infinitas possibilidades no entre. Mas aqui vou falar, como nas luas, sobre as quatro bases da cruz que movem meu eixo corporal, sabendo que o ponto central é meu umbigo encCRUZilhado. Sul, Norte, Leste, Oeste. Sendo esses os quatro principais pontos cardeais, e sendo eles relativos dependendo de aonde se está no mundo, disponho essa cruz na imagem do corpo, com ponto central no umbigo, para mais encontrar as energias de expansão e retração com suas gradações.

Retomo as quatro luas e suas energias, para aprofundar e olhar por outro ângulo suas nuances, percebo os eixos: céu-terra e masculino-feminino na corporeidade, segundo os ensinamentos da física e do terreiro.

**Imagem 19: Desenho dos Eixos Encruzilhados.**



O primeiro é o eixo céu-terra, onde está a lua cheia e a nova, trazendo respectivamente os pontos auge de expansão, abertura de luz e o ponto máximo de contração, contato com a escuridão. Esse eixo compõe a integralidade dos seres, de maneira que não existe melhor ou pior, nem luz sem sombra. Com o advento mensal do ciclo menstrual percebo os pontos máximos de doação e disposição energética de meu corpo, que na linguagem do sagrado feminino, segundo Miranda Gray, nomeia-se **mãe** – aquela que cuida, gera, oferece, entrega e nutre para o externo aquilo que em seu ápice de recepção e escuridão, a face **anciã**, ela recolheu, aprendeu, ressignificou, filtrou, sonhou e escutou de dentro de si.

Esse eixo é também o contato com a manifestação divina da natureza, a energia criativa da realização de cada ser verticalizado (espírito-matéria), que dita o próprio movimento cíclico em roda. É o E(i)xo que nos eleva e ancora ao mesmo tempo, possibilitando o trânsito sagrado das elevadas inspirações sutis da beleza e também das necessidades de troca com a densidade e profundidade da escuridão negativa, como o tronco de uma árvore que flui energia da ponta das folhas até as raízes e das raízes as folhas.

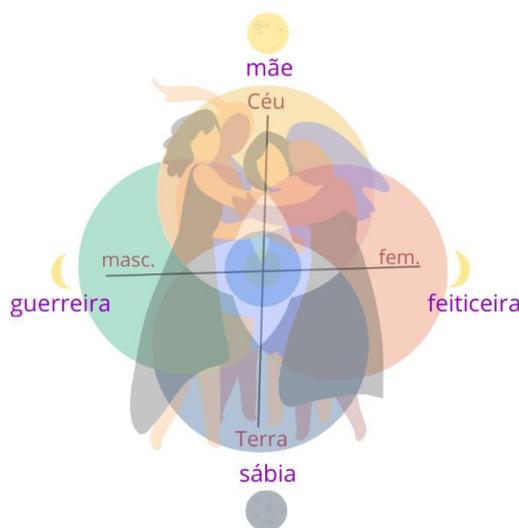
Mas como a vida é relação e o universo manifesto necessita da horizontalidade para existir em harmonia com todos os outros seres – conforme a filosofia espiritual que pratico – percebo no segundo eixo um espelhamento do primeiro. O traço masculino-feminino vem como a polarização para a energia circular da luz à sombra e da sombra à luz, como um dimerizador. É importante fazer a observação que o lado esquerdo,

normalmente associado ao feminino está situado no universo do corpo físico manifesto, matéria densa, mas ele existe anteriormente invertido nas esferas, mas sutis do universo, no espírito ou mente divina. Como o cruzamento do lado esquerdo do cérebro que rege todas as partes do lado direito do corpo, e o lado direito do cérebro rege o lado esquerdo do corpo. Esse eixo também traz o movimento do relógio analógico, movimento de manifestação, adensamento, do masculino para o feminino, como coloquei no desenho acima, em sentido horário. Mas em nossos corpos físicos também o fazemos girando no sentido anti-horário, sutilizando as ações, ascendendo a energia. Lembrando que todos os seres têm feminino e masculino, essas energias complementares são nosso equilíbrio, uma não existe sem a outra. Aprendi com Mãe Carla, Exu Giramundo e com a Pombogira Sete Saias que esses giros se aplicam nas rodas do pensamento, nos fluxos energéticos dos corpos, nas ações corporais e na dança. Ao retomar os registros da *Ensaiada*, percebi que meu corpo já fazia esses movimentos nas danças, dependendo da fala e energia da Saia em ação, ela girava em uma direção ou variava nas duas. Constatei que organicamente ou intencionalmente direcionando a movimentação com as saias, realmente se pode mudar a energia de um local e das pessoas.

Neste mover a horizontal da Cruz energética, elevando e aterrando, entram mais duas faces arquetípicas, a da **virgem** – também chamada de donzela ou guerreira – no lado da lua crescente, que traz a energia de externar ou o masculino. E na ponta oposta, a lua minguante, a **feiticeira** que vai fazer o trajeto da luz em direção a escuridão, o receber ou o feminino. Essas quatro principais energias movedoras (virgem, mãe, feiticeira e anciã) são a expressão da natureza ou Deusa. Com esse conhecimento aplicado a auto-observação, a mulher que vive sua dinâmica energética com fluência de aprendizado em ser natureza cíclica se integra a seu ser sagrado, como já disse anteriormente. Ao despertar sua potência divina de criação consciente, passa a viver a presença e atravessamento de sua própria verticalização em comunhão à horizontalidade nas relações. Assim, dançar no centro das saias, sendo o umbigo da cruz que impulsiona o giro, ilumina a potência criativa de brincar com as energias conscientemente. Podendo, então, delimitar e compreender melhor o pulsar giratório que cada Saia naturalmente conduz. Ou seja, exercitar na roda a frequência trazida por uma figura é, em minha experiência, o unir cada detalhe da roupa, movimentação do corpo e registro energético para o melhor transitar de meu estado de aquecimento ao estado de presença da Saia que dança.

Como mulher brincante, estou situada dentro desses eixos, no cruzamento de informações de cada um deles como *enCRUZ-espiral*. Amplio e duplico ainda mais essa cruz – aqui apenas como local de encontro de pontos distantes no espaço – ao me vestir de saia e girar o nuançar das energias conscientemente. Pois a saia, tradicional vestimenta popular que conduz as brincadeiras e umbigadas femininas, tem o importante papel de recolocar o ser em seu centro de equilíbrio dinâmico. Quando estou de saia, sempre estou no ponto certo, no meu centro, no umbigo na roda, na junção das quatro pontas da cruz de minha coluna e bacia, no ponto de disposição para o presente. Ali ao mesmo tempo sou o ponto neutro e sou a força que direciona o novo, que muda a perspectiva e faz a roda girar e transformar todo o meu mundo. A saia rodada é o local do encontro com a *enCRUZilhada* dos E(i)xus. Local físico onde a brincadeira popular é sempre bem-vinda, geograficamente localizada nas ruas, terrenos e territórios brasileiros, que traduzo corporificados nos eixos de minha coluna, músculos, veias e sangue a pulsar ciclos de troca e abrir espaços para as metamorfoses da vida existirem e se encontrarem. Aprendizados dinâmicos que me fazem perceber o quanto de inspiração e ciência há nas encruzilhadas, como aponta Luiz Rufino (2019) ao falar da pedagogia das encruzilhadas. Vestida com essa saia, meu quadril é por ela abraçado, direciona a força de geração e sobrevivência de meus órgãos genitais e chakra básico para a terra, que me equilibra, dá chão e sustento para fazer a roda voar e me iluminar. Assim, de minha bacia, útero, caldeirão de águas de lua e flor, atrevo-me a encantar o mundo como ENSAIADA, faço de meu corpo-terreiro encontro de sabedorias *enCRUZilhadas*.

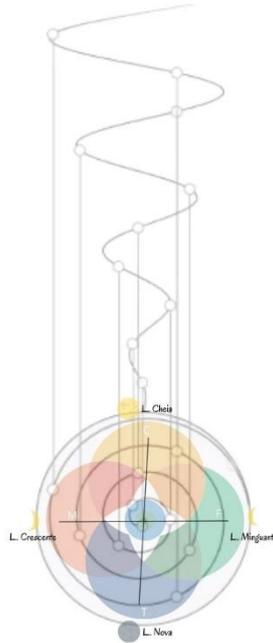
**Imagem 20: Encruza da ENSAIADA**



Essa potência inclusiva do encontro dos eixos, a *enCRUZ-espiral* expressa em meu corpo, traz a sabedoria vital que reforça minha integração com a dança cíclica do Cosmos, espirala espelhos fractais de e(i)xus. Ela figura o útero criador de vida e espelha sua capacidade de criação manifestando suas faces, sua composição poética de estares. Sendo inteira para mim e para as comunidades que pertencem, sou canal de cocriação com a Deusa. Como a divindade está dentro de tudo e todos, afinal, acredito que vida é um ato sagrado de coexistências, aí está a chave de minha própria reinvenção, uma vez que crio juntamente a uma diversidade de referências e construções de nós, posso ainda recriar femininos no resgate ou parir de novas imagens arquetípicas pelas saias que costuro e uso, em reencantamento do mundo. E ainda transbordar admiração por outras e outros seres que também o fazem de múltiplas maneiras.

Na brincadeira de mudança constante com os tempos e durações de cada uma dessas energias, percebo meu ciclo durante 28 dias, uma semana, um dia, um segundo e a cada micro instante como movem as reverberações dos movimentos espirais das ondas energéticas pelo mundo. Compreendo que tudo é frequência, vibração, composição, música, e a cada passo, olhar e intenção, faço uma dança. Viver nessa consciência me permite encontrar e dar a mão ao tempo, aprendendo a ouvir meu coração e desautomatizar os outros sentidos – tato, paladar, visão, olfato, sinestesia, intuição, etc. – para ritmar os pulsos da vida e escutar as histórias que os vários ritmos populares contam. Reconheço o tempo como uma força em contínua ação a mover no espaço os corpos, sociedades, planeta e universos. Em sua maestria de promover espaço de memória para os corpos acontecerem e cruzarem seus umbigos de eixos *enCRUZ-espirais*, que viram uma espiral que traça círculos infinitos:

**Imagem 21: Mover de *enCRUZ-espiral*.**



Como nessa imagem, o movimento dos vários eix(u)s no giro das saias espirala tempos de encantamento no eixo de quadris e coluna no corpo humano. Uma maneira figurada e resumida da manifestação, geração e aterramento das espirais na mulher cíclica, quando somos nós a usar a saia. Nessa sinergia com a saia rodada, a brincadeira do ser e viver ritmando, sintonizadas com os tambores da cultura popular, nos faz transbordar a sabedoria de aceitar ser várias e habitar o centro da roda da saia, abrindo um portal de liberdade de expressão, travessia para o vir a ser, virar-se, ser SAIA. E tudo isso é um trabalho constante de firmar gentilmente a delicadeza desse encantamento, afinal, dançar nas espirais é poesia infinita a constantemente dinamizar as próprias encruzas. Como aponta Alissan (2019) ao refletir sobre o desenho do movimento espiral dos barrados encantados das saias das mulheres do candomblé ao dançarem:

O desenho vivo de uma espiral que é gestada pelo tempo, as linhas que progridem; capaz de gestar, progredindo existências na circularidade da maternidade; e, para as quais estão destinadas as maiores responsabilidades como guardiães dos mistérios, ora escondidos ora revelados, pelas dobras do tempo. A análise desta imagem em movimento está baseada na restauração de princípios de uma cosmovisão africana no Brasil, que compõem a performance de uma saia que, ao vestir o corpo o singulariza como território do sagrado, e que também é singularizado por ele, pois é ele que a faz movimento, afinal como postula Ligiéro (2011, p.131) o corpo é o centro de tudo nas performances de origens africanas. (SILVA, 2019, p. 17 e 18)

**Imagem 22: ENSAIADA, brincante Natália Sol. – dança no rito cênico *Ensaçada*, 2019.**



**Foto: João Paulo Vasconcelos de Andrade.**

### **1.7 Umbigo da Saia – portal de encantamento**

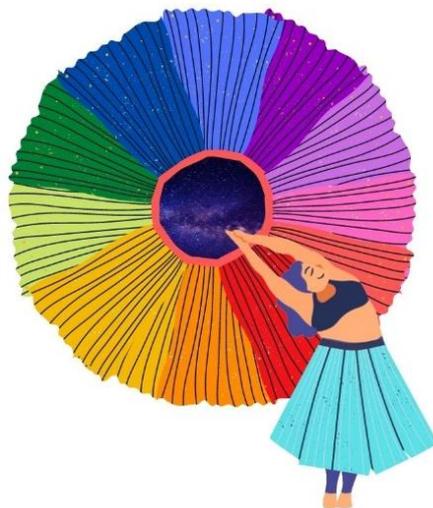
Mulher é linha curva. Curvo são os movimentos do sol e da lua. Curvo é o movimento da colher de pau na panela de barro. Curva é a posição de repouso. Já reparaste que todos os animais de curvam ao dormir? Nós, mulheres, somos um rio de curvas superficiais e profundas em cada palmo do corpo. As curvas mexem as coisas em círculo. Curvo é útero. Ovo. Abóboda celeste. As curvas encerram todos os segredos do mundo. (CHIZIANE, 2002, p. 4)

Chegou a ora de fazer a cintura. Juntar o umbigo da saia ao umbigo da mulher, pois é nesse encostar de linhas curvas que se formam rodas com a saia e se faz festa de enCRUZa<sup>39</sup>. Para assim, fazer acontecer o mergulho na saia e aprendizado de girar com ela, sem tontear. Pois a união desses corpos desperta uma ampliação de comunicação, que precisa constantemente se lembrar de sua *encruz-espíral*.

---

<sup>39</sup> Trato cruz como encontro de eix(u)s com ponto central comum, sem alusão a cruz como sofrimento crístico, mas como encontro de passagens.

**Imagem 23: Mergulho no umbigo da saia.**



A partir desse atravessamento na saia, a mulher que a veste vira o umbigo dela. Fechando o espaço de abertura central, ela ocupa o portal que antes estava aberto na saia. O umbigo da mulher complexifica a saia, que passa a ser a expressão de todo o conjunto de corpos: a saia como vestimenta, a mulher e a relação ampliada com os femininos; o território e símbolos que ela se ocupa em pertencer e representar. Sendo um corpo-saia; nesse ponto a mulher vira saia e a saia a correspondência corporal da mulher, como um só Ser. Um paralelo que faço com a reflexão de Alissan, no contexto das saias de axé, na perspectiva de ser corpo-saia (SILVA, 2019, p. 3).

Assim, ao me ensaiar viro o umbigo do corpo-saia, com centro *encruz-espiral* que sustenta e compõem a roda, feito flor com aste e pétalas. Onde antes era abertura para a travessia, um portal cósmico, agora é um universo manifesto a dar voz ao divino que herdo e afloro de meu umbigo – uma síntese da própria ancestralidade espiralar. *Ensaçada* adenso minhas raízes ancestrais debaixo da saia, junto a meu ventre e canal, o portal de criação, coroação e nascimento da vida, para a receptividade da gravidade da terra, em honra a ela e com sua guarnição física, enraízo-me. Mergulho na escuridão composta por luzes vibracionais, estrelas, vidas na dimensão do encantamento e da beleza, como chamas de velas no invisível que podem estar com a chama que gradua de grande a pequenina.

**Imagem 24: Corpo-saia feito árvore.**



Figurando as flores (que “metonimizam”<sup>40</sup> as árvores ancestrais), ao vestir a saia em minha cintura a proteger e expandir meu umbigo, deixo que à luz dos olhos o brilho do sol mostre meu caule, tronco e membros. Expando meu potencial de receptividade guiado pelo ritmo do coração que pulsa, fazendo a sabedoria invisível circular enraizada e nutrida pela energização do sol ou fonte de calor, e do aterramento acolhedor da terra. Nesse bailado, todo o universo sutil que silenciosamente habitava a saia e meu ventre feminino se unem em uma figura (com narrativa, música, movimentação, cores e vestimenta) a expandir o universo criativo de meu chakra umbilical – centro de força energética do corpo - da criação. Um trabalho que dinamiza as potências criativas do meu corpo, retrabalha o posicionamento e jogo de minha *encruz-espiral* e move os mistérios uterinos para o encantamento, materialização e parto de um ser Saia, como sinônimo de me compreender como corpo-saia.

Assim, sendo ENSAIADA sou também Saia a serviço das possibilidades de usufruir dessa vestimenta sagrada e potência de ciência das rodas. Partindo desse local para continuar o aprendizado de me conscientizar do poder feminino, ponho-me a costurar outras saias, para partilhar com outros umbigos essa expansão. De 2017 a 2022 costurei saias para yabás, pombogiras, ciganas, brincantes, dançarinas, crianças, etc., nos mais

---

<sup>40</sup> Brincadeira com a figura de linguagem metonímia que trocar a parte pelo todo, assim faço com o umbigo da saia para falar da mulher brincante.

diversos contextos (sagrados, teatrais e festivos). Algumas delas encomendadas, como a saia da Cabocla Amaralina<sup>41</sup>, feita na sintonia das brincantes de cavalo marinho e no encantamento das memórias dos cristais, para a brincante Letícia Coralina dançar no espetáculo Solares Brincantes (2019). Outras saias são do guarda-roupas da RodaDa Saia®, como as ciganas e das yabás, utilizadas nas vivências que facilito e também as empresto para ritos e apresentações no trabalho de outras irmãs. Com cada saia aprendo um pouco mais sobre a costura, cores, cortes, moldes, energias e entrecruzar das histórias humanas e divinas.

**Imagem 25: Cabocla Amaralina, brincante Letícia Coralina – Roda Solares Brincantes, 2019.**



**Fotos: Tatiana Reis.**

---

<sup>41</sup> Cabocla encantada, guardiã das sabedorias dos minerais e dinamizadora do fogo protetor das matas. Criação de Letícia Coralina.

Cada saia que costuro me convida a um momento de encontro e escuta da história e criações de uma mulher. Desta forma a costura me conecta e leva também aos coletivos onde elas giram suas sabedorias. Costurar saias é dançar com as mãos, materializar o exercício intuitivo e imaginativo em um Ser. Por vezes desenho antes de costurar, outras vezes vou direto para o tecido, mas sempre são elas que guiam todo o processo, ensinando-me a visualizar o que querem que seja feito. Trabalhar nessa dimensão de diálogo constante com o encantamento é prazeroso e extremamente meditativo. Mas principalmente alegre, quando vejo elas dançando nos quadris, ganhando vida e movimentando rodas, perfeitas como são, sinto-me plena. Também é um exercício de desapego, pois muitas vezes não é como eu acho que vai ficar, mas sim como tem que ser, afinal não estou fazendo algo para minha serventia, mas sim servindo, e mesmo sabendo do propósito inicial, elas vão criando outras histórias.

Como afirma Manhães em suas palavras ao dizer que a roda traz a interação e o diálogo entre quem dança, os elementos que geram o jogo da brincadeira, e o despertar do potencial criativo para o indivíduo nas tradições ou brinquedos afro-ameríndios (2014, 32). Percebo na roda, que forma a barra da saia ao girar e que também forma a grande roda das umbigadas e brincadeiras da cultura popular brasileiras, minha passagem para o mundo que brinco de criar, abrindo territórios expressivos, que a cinco anos venho chamando RodaDa Saia®, espaço de me florescer alimentado graças às escolas, mestras e brincantes. Entre elas, meu profundo agradecimento a brincante e pedagoga Luciana Meireles; a professora de dança cigana Isabel Couto; as mestras das costuras Maria Viegas e Maria Villar; a brincante e diretora Bárbara Ramalho; a percussionista Fernanda Vitória; a mestra Martinha do Coco; a artista brincante Lyris Catarina; a brincante Shaira Ribeiro; a brincante Rayane dos Santos; a brincante Isabela de Menezes; a brincante Sofia Carvalho; a brincante Tatiana Jubé, a percussionista Giovanna Paglia; a designer, inventora de histórias e brincante Vivian Campelo; a brincante Andressa Urtiga; a brincante Letícia Coralina; entre muitas irmãs e coletivos de roda.

Nessa passagem para o território encantado costuro aprendizados das rodas de samba pisado (Seu Estrelo e o Fuá do Terreiro), do jongo (Jongo do Cerrado), do samba de roda (de mestre Cide Aroeira), das oficinas de dança afro-cubana (com o mestre dançarino Melquiades Hernández); dança cigana (Grupo Cigana Esmeralda da mestra Isabel Couto), dança do ventre (da dançarina Jessika Ramos), juntamente a outras

manifestações populares brasileira, a convivência no terreiro universalista (FUDLC) e aos aprendizados no convívio de minhas raízes familiares.

Nesse encontro de Saias, a saia a que me refiro aqui é a das danças populares brasileiras, cujo cós marca a cintura e a barra se abre formando um grande círculo rodado. A saia de roda, carrega em si o símbolo da geração feminina, circular. Ela abre espaços para a vida se manifestar e ser vista, ela roda para ilustrar o movimento da mudança que o feminino provoca e que é provocado, abre novas passagens junto ao corpo da mulher. O mistério dessa saia está no que não podemos ver com os olhos, mas profundamente sentir, perceber e tocar nas danças de umbigada, a força que integra o potencial de vida em passagens de saia na mulher. Como falou o artista e professor Dr. Tiganá Santana na 76ª aPós Explorações do PPG-CEN /UnB<sup>42</sup>, o mistério é algo que se desconhece e que tem uma dimensão poética, encantada, intangível a compreensão, aquilo que é imperscrutável, insondável, é a ausência e buraco que gera movimento.

Esse mistério, marcado pelos eixos e rodas espirala no corpo-saia, é o *agbara*, que nos lembra da sabedoria e força de sermos também corpo terreno. Corpo criado com as mesmas matérias vivas das outras espécies terrestres, como as árvores, peixes, cristais, etc. Um complexo sistema de comunicação e trânsito que se reinventa para continuar a existir; um pequeno resumo de uma versão do universo, com toda a sua beleza e (in)perfeição. Aprendizado que recebo nos estudos teóricos e práticos ao longo dos desenvolvimentos mediúnicos na FUDLC<sup>43</sup>, somos partículas divinas da fonte, partes imperfeitas a serem melhoradas dentro da perfeição divina, seres perfectíveis, pontos de luz a se reascenderem, a corroborar para a evolução do universo. Tanto na matéria visível quanto na sutil, pois somos almas em desenvolvimento junto ao planeta.

Simbolicamente nossos umbigos de saias, eixos centrais que apelidei como *encruz-espirais*<sup>44</sup>, somos o movimento dos eix(u)s ocupando o centro das rodadas saias, como o símbolo astrológico da terra:

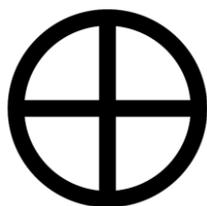
---

<sup>42</sup> <https://www.youtube.com/watch?v=Kmq4vA2NtjU&t=2045s>

<sup>43</sup> Estudos sobre mediunidade que são fundamentais em minha prática religiosa como médium e que levo para o reencantar a vida cotidianamente, compreendendo a diferenciação dos locais e formas de manifestação devocional e artística do sagrado.

<sup>44</sup> Termo inventado nesse trabalho para falar sobre centros de encruzilhadas, encontros de sabedorias e atravessamento que giram em ciclos de vida.

Imagem 26



Desenhado como um círculo com uma cruz ao centro. Eu poderia também dizer um X diagonal no centro, mas a cruz é um símbolo antigo importante que sintetiza o renascimento em várias culturas e o local do encontro das direções (as enCRUZilhadas), mas falarei sobre ela no próximo ponto, vamos continuar o diálogo com o círculo. Essa forma redonda, sem princípio ou fim marcados, que nos lembra o caminho universal da eternidade<sup>45</sup>, que além de uma expressão de infinitude é também a representação do útero-mãe, da forças encantadas, é abertura de espaço que carrega o mistério universal da antiga sabedoria da continuidade da criação, que dança com os tempos, na pulsão da vida em ciclos de renascimento, percepção e maturação.

O círculo ou roda é a forma que está presente em várias partes vitais da criação, é um contorno da abertura dos buracos (Santana) por onde se pode entrar ou sair, a passagem. Nem todo círculo tem a capacidade de receber e dar um mesmo material, mas pela lei divina sempre há uma troca – ação (dar ou causa) e reação (receber ou efeito)<sup>46</sup>. Sabemos disso, mesmo que instintivamente, e praticamos. Por esse motivo, sempre que queremos nos conectar intimamente ao sagrado redesenhamos ou apenas nos ligamos a forma-movimento circular, seja numa meditação, contemplação ou celebração – podendo ser apenas consigo mesma ou com outras em mesma vibração. Seu princípio é limpamos ou abrimos a mente de expectativas, em ação de esvaziamento, para intencionalmente receber/re-saber (com) o divino que tudo habita, a forma de energia que buscamos nos conectar. Abrimos espaço energético para nos conectar ao fluxo de vida e recebemos sua energia. Esse é o princípio que faz as danças de umbigada serem um local de festa e reencontro com as sabedorias ancestrais tocadas no ritmo dos tambores. Como me

---

<sup>45</sup> Referências de deidades que representam esse poder da Eternidade em mitologias: Nanã, Senhora das Calmas de Seu Estrelo, Energia potencial de criação no vazio da Roda Da Saia, útero universal, etc.

<sup>46</sup> Descritas por pensadores de diversos contextos como Isaac Newton (leis da física) e Hermes Trismegisto (leis Herméticas universais).

ensinou mestre Tico Magalhães, nas rodas populares abrimos umbigos de mundo que se intercomunicam, ascendem a vida encantada dos diversos mundos em um só.

A borda dessa roda, porém, não é sempre simetricamente redonda, mas sim circular, como os ciclos naturais – como a placenta que carrega a vida de uma criança a se mexer; o sangue que pulsa as veias e faz o sangue percorrer o corpo; feito as águas que caminham, nutrem e revitalizam a terra em seus movimentos contínuos de transformação, ou uma bússola/rosa dos ventos que mais ponteia para mostrar as proximidades circulares. É importante ressaltar que não estou inventando a roda da vida, mas sim profundamente refletindo e analisando o cruzamento dos ciclos da natureza junto as minhas danças e criações como ENSAIADA nas rodas.

### **1.8 Saia Brilhante – costura de sabedorias e cosmopercepções da Terra como inspiração do roteiro da *Ensaçada***

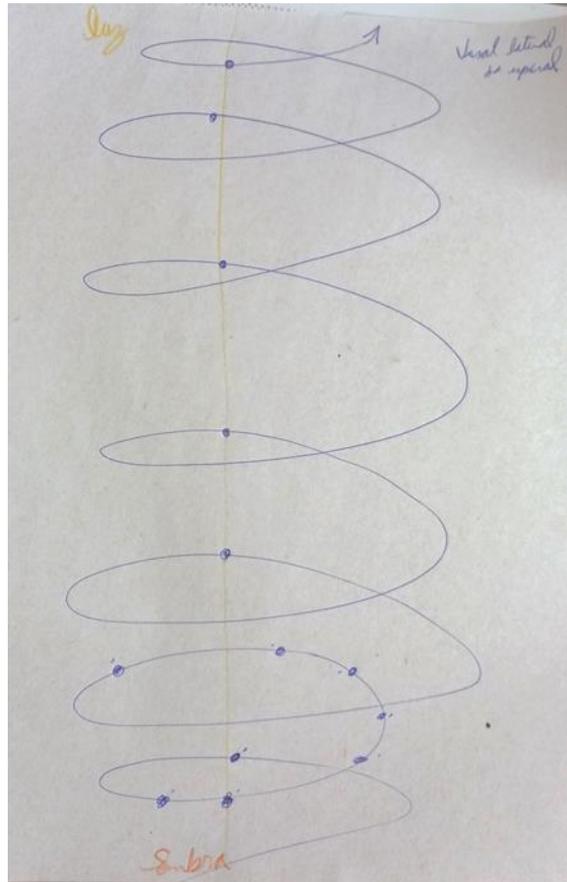
Agora vou trazer algumas imagens poéticas que remontam as inspirações que levaram à criação do roteiro da performance *Ensaçada*, mas também me inspiram a iniciar a criação da mitologia das saias na RodaDa Saia® (música3: aviso da Dama Brilhante). Te convido a ampliar o olhar, para contemplar a Terra como Saia, um *umbigo-mãe* da **Saia Brilhante** (imagem 11) que é nosso sistema solar. Ela, arredondada como é, não aguenta ouvir os sons frequências do sistema solar sem dar uma volta em torno de si mesma, em rotação. Nesse bailado, ela também realiza a translação junto aos outros planetas que dançam ao redor da Estrela Sol. Graças a sua dança e astúcia em voltas, a Terra vive as estações e suas gradações anualmente, semanalmente, diariamente e instantaneamente, pois, o tempo dos giros é uma espiral dentro-fora e afeta todos os corpos dela – onde me situo. E é aí que tudo se cruza: nos vários pontos que essa dança de rodas, com a luz do sol e a escuridão criadora, dá. Ela cursa encruzas traçadas na dança de seu umbigo ligado no eixo solar.

**Imagem 27: Sistema Solar ou Saia Brilhante com seus anéis planetários. Dança cósmica de eixos em giros.**



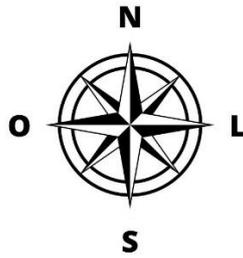
Sabendo que estamos sempre em múltiplos giros em um sistema que espirala pelo espaço escuro e iluminado de criação divina, vamos voltar aos cruzamentos do símbolo astrológico da Terra, representados pela cruz. Compreendendo-a como local de encontros, ela sintetiza a relação das saias com o corpo feminino brincante, sendo seu invisível eixo energético e coluna físicas, a *encruz-espiral* terrestre. Com essa forma em seu centro representada ela faz o movimento espiralar do alto para baixo, pela força magnética da gravidade, mas também do baixo ao alto, na sutileza energética que trabalha da inconsciência para a consciência, da sombra a luz. Dessa maneira, garante nunca deixar de promover o caminho circular, que faz seus habitantes terrestres passarem por pontos similares com toda a bagagem já adquirida, mas de uma nova maneira. Esse movimento de adensar e sutilizar é aquele primeiro eixo, mas na perspectiva da matéria densa (os corpos físicos e palpáveis), que marco como sombra-luz, sul-norte ou terra-céu. Nesse traçado, a Terra gira em seu próprio eixo, em exercício de autorregulação vertical pelo espaço, em rotação. Movendo-se em toda sua magnitude, gira os ciclos dos que nela habitam como participantes e pertencentes ao seu corpo, afinal, ela em si é um ser vivo, a cada instante morre e renasce.

**Imagem 28: Movimento espacial no sistema solar no universo.**



Junto a esse movimento está a entrada de luminosidade (dia) e sombra (noite) que chega a ela pelo sol, em seu movimento de translação. Esta dinâmica ganha nuances espetaculares, pois a Terra se dispõe graciosamente inclinada (segundo as imagens que temos dos planetas e eixos no espaço) nos anéis do sistema solar. Estar nesse deslocamento no eixo invisível a confere a integração horizontal junto aos outros planetas do sistema solar por sua própria perspectiva, na prática da coexistência e convivência. Assim em seu centro se encontra o segundo eixo, em um ponto de junção ao eixo vertical, formando novamente a cruz que mostra as direções terrestres, a base da rosa dos ventos (Sul, Norte, Leste e Oeste).

**Imagem 29: Rosa dos Ventos**



Junto a dança dos eixos com o sol, no umbigo terrestre vivemos também sob o auxílio da lua, que traz a luz as noites e regula as águas do planeta. Ela é como uma doula para a terra, ocupa-se em ilustrar a gravidade para todos os seres criados no ventre terrestre. Acredito que a Lua orbita para não acharmos que a escuridão é ausência de luz vista pelos olhos, ela é um grande espelho a nos lembrar mensalmente, e sazonalmente com o passar das estações do ano, que a luz é feita de gradações de exposição e retração (novamente o equilíbrio do dar e receber). Assim, a rota da lua nos indica os caminhos nos momentos de noite e dia que compõem nosso corpo terreno, mostrando como é favorável trabalhar com as energias cíclicas que nos movem nas relações com os seres que nos rodeiam. É um fato fisiológico e quântico, que nos faz perceber o tempo em outras perspectivas.

Aterrando e costurando essas sabedorias das fases da lua, o símbolo da terra e a rosa dos ventos, ainda encontrei cores que preenchem os vazios das entrelinhas da cruz ao estudar a roda medicinal xamânica – seguindo os estudos de Leo Artese<sup>47</sup> – indicando a dinâmica das direções nas quatro estações do ano, em correspondência aos quatro elementos da natureza e suas energias correspondentes<sup>48</sup> (a nos lembrar dos fractais de espelhamento da criação divina, na brincadeira de adensar a expressão para serem visíveis a nossos pequenos olhos humanos).

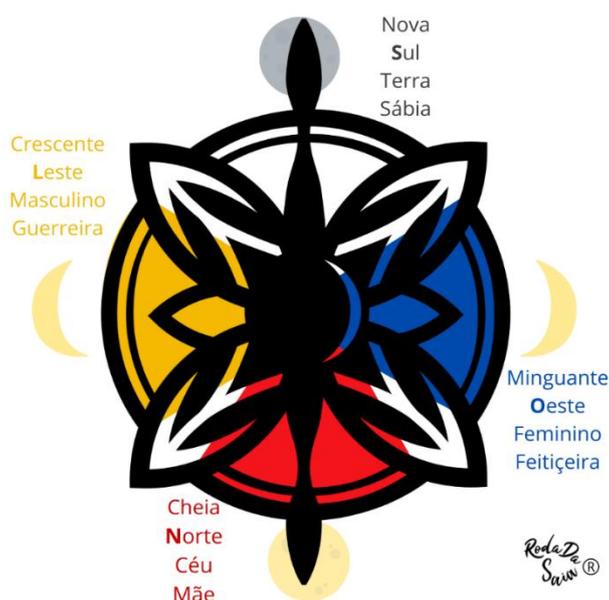
---

<sup>47</sup> Léo Artese é terapeuta holístico, estudioso do Xamanismo com iniciações no E.U.A., Peru e Brasil. Vem conduzindo cerimônias, ritos, grupos de estudos e oficinas de Xamanismo desde 1990. Fundador e Diretor do Espaço – Centro de Estudos de Xamanismo Vôo da Águia. Fundador e Presidente do Centro Eclético da Fluente Luz Universal Céu da Lua Cheia. Proprietário do portal: [www.xamanismo.com.br](http://www.xamanismo.com.br) .

<sup>48</sup> A roda Xamânica é um complexo estudo sobre os ciclos da vida, e não se restringe as combinações das estações e elementos da natureza, mas para esse trabalho faço esse recorte.



**Imagem 31: Roda dos ciclos da RodaDa Saia® - Criação autoral da costura das múltiplas referências das rodas, luas e eixos femininos que mapeiam o roteiro da *Ensaíada*.**



A saia, então, passa a ser a convergência desses vários ciclos da natureza. Por isso cada mulher que veste uma saia, costurada dentro dessas sabedorias, para dançar em consonância a seus ciclos exalta a expressão criativa e feminina das diversas culturas de Saias, reafirma-se divina. Ao mesmo tempo que é “apenas uma mulher dançando com uma saia”, em outra perspectiva é o universo dançando por ela.

Desse encontro de corpos é que brota a potência da criação cênica, a expressão das imagens ou faces arquetípicas femininas, que vejo nas danças e costuras de roda. Ao me ensaiar abro espaço para brincar com o encantamento:

[...] O encantado é aquele que obteve a experiência de atravessar o tempo e se transmutar em diferentes expressões da natureza. A encantaria, no Brasil, plasmada na virada dos tambores, das matas e no transe de sua gente cruza inúmeros referenciais para desenhar nas margens do Novo Mundo uma política de vida amada em princípios cósmicos e cosmopolitas. A noção de encantamento traz para nós o princípio da integração entre todas as formas que habitam a biosfera, a integração entre o visível e o invisível (materialidade e espiritualidade) e a conexão e relação responsiva/responsável entre diferentes espaços-tempos (ancestralidade). Dessa maneira, o encantado e a prática do encantamento nada mais são que uma inscrição que comunga desses princípios. (SIMAS e RUFINO, 2020, p. 07)

Ao ser corpo-saia sigo o caminho de autoencantamento que faço e ofereço também a outras mulheres nas oficinas e vivências de dança e costura, oportunizo a (re)criação desse sagrado espaço de interligação para o habitar do Novo Mundo que cocrio com elas. E cada mulher que se ensaia é um corpo-saia/Saia em si, revoluciona-se pelo se vestir da

força da sua natureza feminina em movimento consciente de vida. Uma vez Saia, ela (re)desperta suas potencialidades e se abre a escolha de cruzar os mundos para aprender a estar em equilíbrio dinâmico na espiral dos ciclos, ela se possibilita a autoaceitação e autoacolhimento. E cada Saia desperta é menos uma mulher esquecida, maltratada por violências, agressividades, doente ou esquecida de si, é mais uma mulher encontrada e amada em si.

Mas, como cada uma é em si um universo inteiro de vida, são infinitas as possibilidades de combinações que brotam de uma Saia. Fato que me ajuda a compreender a diversidade criativa que existe a cada novo instante, em cada mulher e em cada corpo-saia. Vejo a própria Deusa brincar em seres e estares, consigo compreender (aceitar, acolher, entregar e respeitar) que se trata de um mistério espelhado em corpos, é uma expressão transcendente, muito além do meu controle, é um fluxo. E quando me ponho de saia a dançar e brincar, enSaio uma expressão em conjunto com um contexto. Meu corpo enSaia, perForma e brinca de Deusa. Então viro Saia a ensaiar, giro as várias divinas expressões sendo presente. Escolhendo me ser e estar ENSAIADA, vivo uma maneira de ver o mundo pela ótica florida do infinito de possibilidades

Desse lugar e perspectiva, (re)transBordo nas rodas ao umbigar com outras Saias, num gesto que passa a ser um encontro de benção, emancipação, revigorar e dar força para a grande dança dos femininos não cessar. Pondo em prática o aprendizado da brincante Luciana Meireles que quando alguém entra na roda é para ofertar seu melhor aquela comunidade, expor, iluminar e dispor sua graça a todas, para o bem de toda a coletividade.

**Imagem 32: Oficina de dança do RodaDa Saia® no Espaço Renato Russo, 2019.**



**Foto: Lua Castro.**

## 2. Costura

### 2.1 Molde de saia rodada – o tecido cultural das brasilidades

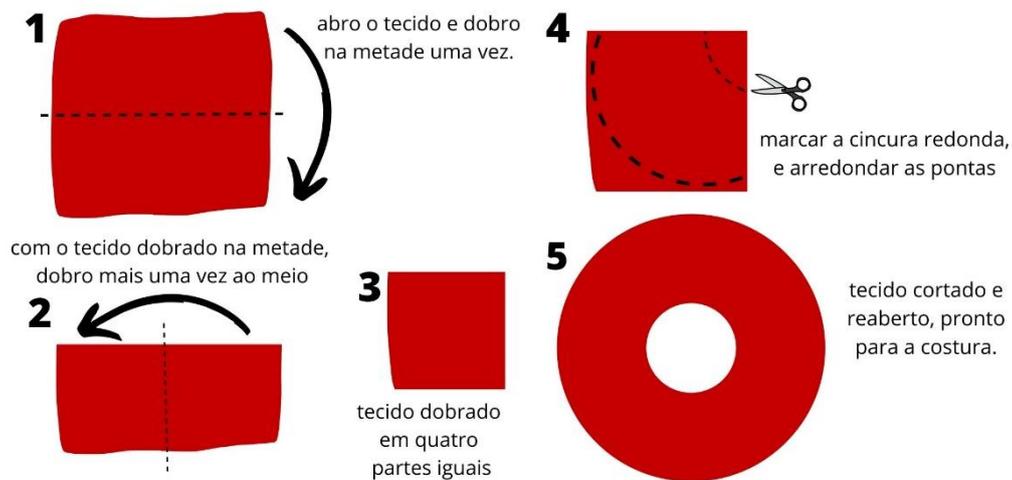
Partindo da perspectiva de saia como ser e passagem de reencanto pela integração com a natureza e roda que se veste, vamos começar a costura e discussão sobre os tecidos das danças e manifestações culturais brasileiras. Para esse momento ativemos uma postura de delicadeza para conseguir passar a linha na agulha e perceber os detalhes, observadora para marcar os pontos no tecido, assertiva para cortar o tecido com precisão e certeza, mas também de oração e cantos para avivar a costura pela percepção da ancestralidade. Te conduzirei nos vários círculos que o fio da costura dá. E já digo, que muitas vezes quando estamos mais tranquilas e sentindo prazer enorme, já será preciso desapegar, agradecer e cortar o fio, perpetuando apenas os aprendizados e memórias invisíveis dos movimentos dos corpos. Dito isso, vamos começar pelas dobras que iremos recortar.

Primeiro abrimos o tecido, na sequência vamos dobrá-lo ao meio duas vezes, para finalizar arredondaremos a barra e abriremos o buraco para a cintura, assim faremos o recorte da saia no modelo godê completo. Conforme aprendi pela explicação do mestre Lucas Bragança do Grupo de Carimbó Sancari (Belém do Pará)<sup>49</sup>, em uma aula sobre a saia típica para se dançar carimbó: “pega o tecido, dobra em quatro e corta a cintura, assim ela fica bem rodada”.

---

<sup>49</sup> Aprendizado oral em vivência realizada dentro da disciplina Artes e Ofícios dos saberes Tradicionais no departamento de artes cênicas da UnB em 2016.

Imagem 33



Com o molde em mãos vamos olhar, metaforicamente, para o tecido dessa saia: a brincadeira popular brasileira. Nos dando tempo de deleitar a quantidade de símbolos, cores, texturas e aparente simplicidade, diante de uma complexa trama de fios humanos. É importantíssimo lembrar que essa é a pele que se vestirá no fim da costura, lembre-se disso, mesmo que no meio fique cansada ou até pareça que o fio que costura se perdeu da agulha. Para esse caminho é preciso mais que atenção, é preciso carinho aos detalhes, como fala a costureira, brincante e doutoranda Maria Villar.

À brincadeira popular brasileira chamo aqui as aparições, folguedos, festas e práticas performativas que se ocupam do reencantar as histórias do povo brasileiro. Elas se realizam nas frestas do Brasil Oficial, ou seja, nas ruas e quintais da brasilidade - encontros que constroem sentidos de mundo e celebram a vida para quem a faz, como reflete Simas. Reconheço a brincadeira fundamentalmente por sua: ligação com uma linhagem ancestral (os mestres que viveram antes); pelo imaginário de uma comunidade (míticas, figurões, assombrações e a própria história); junto ao quarteto que o professor Dr. Zeca Ligiéro apresenta como cantar-dançar-batucar-contar; no compor poesias que comunicam o mundo com os encantados, e nos brincantes, aqueles que vão fazer toda cocriação ter vida e mover afetos. Assim como descreve a mestra antropóloga Helena Tenderine:

As brincadeiras são algo muito sério. Mas, são também divertimento. São expressões de impressionante complexidade, que, comumente, trazem em si uma dialogia entre seriedade e comicidade, entre o presente e o que passou, contando histórias situadas

num tempo remoto, dialogando com temas atuais e mostrando situações do cotidiano dos lugares onde elas acontecem. Desta forma, elas constroem também uma ponte estreita entre o lado do imaginário, onde ela está situada e o lado do real, onde se situam os que dela participam (...) Ela está na “fronteira entre a vida e a arte” [conforme atesta Mikhail Bakhtin] porque possibilita o trânsito entre as duas, expressando uma visão de mundo e até contando uma história que não é a dos livros nos quais aprendemos desde muito pequenos. (TENDERINE, 2003, p. 20)

**Imagem 34: Coração de Roseirinha - detalhes de figurino feito por Natalia Solorzano para a *Ensaíada*, 2020.**



**Foto: Tatiana Reis.**

Observe que esse é um tecido bem furadinho de tanta linha e cor colocada para conseguir se ver a beleza de tempos e povos originários e migrantes que passaram por muitas diásporas para a cocriação cultural do Brasil. É um tecido diferente, não se acha para comprar em qualquer mercado, é feito pelas mãos de gente e com o tempo. Artesania que encontra raízes na junção dos povos africanos, indígenas e europeus (dentre outros). Fruto de uma reinvenção de diásporas culturais. Para ser visto em toda sua beleza e autenticidade tem que esperar ele saltar os olhos para o enxergar. É também um tecido muito antigo, que traz em sua trama sapiências de múltiplas terras, por isso até um pouco transparente e meio degrade. Um tecido avermelhado, porque pulsa o sangue de muitas veias e muitas luas. Um tecido vivo. Como diz o brincante e pensador pernambucano Carlos da Fonte Filho:

As danças, os costumes e os divertimentos de um povo – seus folguedos, enfim, são preservados naturalmente pela própria comunidade, pelos próprios folgazões, graças à sua capacidade de resistência, exercida à custa de economias e sacrifícios quase milagrosas. (FILHO, 1999, p. 21)

Com o respeito que se deve ter por todo ser vivo<sup>50</sup>, vamos fazer a primeira dobra no tecido. Encontrando as pontas do praticar culturas reinventadas e da criação das manifestações culturais brasileiras performativas, podemos ver a complexidade humana traduzida em expressão, experimento e arte, que aqui trago no recorte das saias femininas. Este é um local, corpo de resistência, não apenas como luta de embate, mas jogo de reexistências e transgressões de formas, que gira para o encontro da presença que floresce o estilo pessoal, como aponta Manhães. Feitas e refeitas para celebrar, ritualizar, compartilhar, afrontar, contradizer, honrar e vivificar a vida de ser mulher brincante.

O brinquedo, na qualidade de prática de sociabilidades das brasilidades, é um incômodo para o Brasil Oficial, que não gosta de sua história inteira, pois traz à tona o ainda latente paradoxo de riqueza cultural e pobreza de condição humana das comunidades brincantes para o viver diário. É dissonante, pois a história vivida pelo povo é diferente da contada nos livros. A vivência de um brinquedo para aquelas que o dão vida é sempre um local de reconstrução de realidades, vivências e ritmos sincopados para driblar o sufocamento realizado pelo governo oficial, é um se reavivar pela presença e força de transformação, num constante exerSer<sup>51</sup> a resiliência das culturas afro-ameríndias formadoras do Brasil. É por estas vidas e culturas que se recriam incessantemente redes de proteção, legitimação social e visibilidade de corpos que foram marginalizados e invisibilizados. A brincadeira é a vida que se vive e traduz no brinquedo, para se recontar a história ancestral, não resumível a uma foto do momento de alegria de um carnaval, inúmeras vezes feito com a renda suada dos outros trabalhos dos brincantes, como corrupta e mascarada amostra do (não) apoio e (pouca) valorização da cultura brasileira por suas lideranças oficiais. Brinca-se para continuar a reexistir, para viver e poder abrir a possibilidade de re-criação do mundo, de seu mundo, com outras durações de tempo e valores. Como bem descreve Eleonora Fabião sobre a performance:

Trata-se de buscar maneiras alternativas de lidar com o estabelecido, de experimentar estados psicofísicos alterados, de criar situações que disseminem dissonâncias diversas: dissonâncias de ordem econômica, emocional, biológica, ideológica,

---

<sup>50</sup> Na perspectiva do Xamanismo Matricial, segundo a xamã, psicóloga e arte terapeuta Carminha Levy, vertente da tradicional filosofia que cura e honra a Mãe-Terra representada pela figura da Madona Negra, tudo no mundo tem vida e está na dança de encontro nos revelando e trazendo mais sobre o momento que vivemos.

<sup>51</sup> Uma licença poética a palavra exercer.

psicológica, espiritual, identitária, sexual, política, estética, social, racial... (FABIÃO, 2008, p. 237)

O festejo de um brinquedo só se pode compreender ao se escutar da boca de uma mais velha, ao colocar-se como fazedora, olhar a vida pelo viés do se fazer e ser brincante, brincadora de vida. Desnudando-se da “proteção” do olhar colonial, estabelecido na escolaridade de modelo europeu, é que se pode ver beleza além da utilidade para o bem individual, é preciso pôr os pés no chão, solo sagrado que verdadeiramente nos dá sustento para a envergadura do brincar, e ter fome do comer das outras partes da história e vida brasileira para conseguir entender as gramáticas plurais<sup>52</sup> (Simas) dos corpos e das transgressões do brincar. Afinal, onde estaria e está o espaço do riso e da inteligência de quem faz a história dos múltiplos brasis? Onde estaria e está a abertura para a vida, com graça? É graças a roda e ao cortejo celebrativo que se enfeita, oferecidos pelas criações culturais de quem faz as brincadeiras, que há espaço para todo dia nascer uma nova brincante e uma mais velha ganhar uma nova dobra em seu rosto sorridente, pois renasce a esperança de continuar, o perpetuar de seu brinquedo, sua história vivificada pela memória desse fio na trama do tecido.

De dobra em dobra vamos juntar agora a percepção da atriz, performer e comediante para dar conta de falar sobre a brincante.

Não me sinto confortável com a palavra “*performer*”, parece que ela não retrata fidedignamente o executor da performance. Não gosto de usá-la quando penso em um comediante popular como o Velho Faceta do Pastoril do Nordeste, este, sim, um verdadeiro “brincante”, um palhaço. (LIGIÉRO, 2011, p. 16)

O que dá poder e traz a força performativa da palhaça popular<sup>53</sup> é sua característica de fazedora das dores sociais e suas dores pessoais pontes de transformação, ela é a delatora das realidades de uma comunidade, a memória viva que se reconta, mas também aquela capaz de sonhar e criar outras formas de ser a si e de se mostrar a outras, podendo recriar e reencantar sua história. A brincante é brasileira como sua história, feita de dobras e frestas. Assim, seu eixo dramático está na autopoiesis e na sua inserção temporal, histórica e ancestral, com sua localidade e brinquedo. Ouso dizer que a brincante é uma

---

<sup>52</sup> Gramáticas plurais é um termo criado por Simas para falar sobre os plurais conhecimentos advindos das sabedorias e ciências dos diversos povos, corpos e formas de viver a realidade do povo brasileiro. Ampliando a percepção dos sentidos de vida e pertencimento, nas formas de agir, sociabilizar, exaltar e expressar a fé, comunicar, etc. Retratada em seu livro e curso O corpo encantado das ruas.

<sup>53</sup> Palhaça popular como um sinônimo de brincante e folgazã.

das vidas que não deixa a alma brasileira morrer de tédio com o constante ataque colonial midiático e comportamental, que ainda insiste em estar nas terras brasileiras.

Na realidade o que há de simples na brincadeira popular e em suas folgazãs é sua forma de viver. Pois seu diálogo encantador e aparência colorida foram minuciosamente feitas, ritualizadas, banhadas de fé e construídas para que quando venha a máquina fazer a costura e juntar os pontos do tempo humano em nova parte do tecido, nenhuma, ou o mínimo, se perca desse rico tecido de detalhes e saberes.

Para finalizar essa primeira etapa de dobras para o corte, vamos marcar o tecido para arredondar as pontas que formam a barra da saia e abrir o círculo no meio para a cintura. Marque a ponta que o tecido está todo dobrado, formando uma cruz fechada, sem aberturas (volte a imagem 32 das dobras). Com firmeza, corte as linhas abauladas. Pronto, abre-se assim o umbigo da saia. Perceba que a medida que corta e estica o tecido com as mãos as marcas das dobras somem, mas o formato redondo que as une fica. Essa é a encantaria do povo brasileiro. Ela abre espaço no cruzamento das dobras anteriores, tirando a cruz do centro do tecido, abrindo espaço circular para a cintura que será vestida pela saia, para a *encruz-espíral* feminina a vestir, para novos encontros de eix(u)s se cruzarem no toque dos corpos.

Para falar de encantaria, trago a fala do mineiro<sup>54</sup> John da Cabocla Jurema, no documentário sobre a história das três irmãs da Turquia no Tambor de Mina: " A encantaria é uma região tridimensional, aonde quem entra jamais pode voltar [...] a encantaria é algo tão fascinante que derruba todas as dores e toda inimizade, a encantaria é uma oportunidade das pessoas se confraternizarem e participarem na construção de um mundo melhor."

Por essa visão, ao arredondarmos a roda da borda da saia e abrir seu umbigo, ascendemos um portal, porta de travessia, encantamento, no qual se pode ter acesso a compreensões mais sutis do mundo pela brincadeira. Assim, a Saia – mulher ensaiada – que veste esse encanto não permanece a mesma, pois do tempo que se veste e vive uma

---

<sup>54</sup> Mineiro aqui me refiro ao devoto da religião Tambor de Mina.

experiência com essa vestimenta de rodas, já se modificou energeticamente, girou, virou-se. Por isso, percebo que, como falou John, não há volta.

Uma vez atravessada por esse portal se pode perceber que a abertura da barra traz toda esta beleza e atrai outras rodas para se juntarem ao seu umbigo, abre-se um diálogo circular. No centro, o umbigo da saia, convida quem a atravessar para um reencontro com sua própria encCRUZilhada, centralizando sabedorias ancestrais para se umbigar. De maneira que mesmo depois que a saia está pronta e vestida, continua se modificando e mudando quem a veste, é seu mistério e encantamento.

## **2.2 Tecido de estrelas – comer a estrela para rever o mundo pelo encanto**

Voltando um pouco meus fios de memórias, em 2014 despertei meu olhar para o universo da cultura popular brasileira, ao assistir pela primeira vez uma apresentação do grupo cultural brasiliense Seu Estrelo e o Fuá do Terreiro em sua sede na Vila Cultural em Brasília. Lá vi uma gente bonita, pintada e enfeitada com cores vivas, cantando e tocando para figuras - personagens míticos e do imaginário popular brasileiro, imagens arquetípicas, forças da natureza, sentimentos e invenções que ganham vida para a expressão de uma história nas brincadeiras populares – que saltavam e dançavam para dentro da roda marcada no chão, trazendo ali uma mensagem para todos os ouvidos escutarem. Um momento de ver beleza humana nascida e expressa bem aqui, em solo brasiliense. Desde lá meus olhos se abriram para novos mundos, o pulsar do ritmo sambapisado arrepiou meus poros e acordou meu corpo para a brincadeira.

Seu Estrelo e o Fuá do Terreiro é um grupo de cultura popular brasileira criado em Brasília, com o intuito de inventar uma tradição para a cidade, partindo do bioma cerrado. Rodrigo Magalhães, mais conhecido como Mestre Tico, trouxe suas vivências e referências pernambucanas do maracatu de baque virado, maracatu rural e cavalo-marinho, com as devidas bençãos de seus mestres, para inspirar a criação de um brinquedo brasiliense. Para isso canalizou<sup>55</sup> e escreveu o *Mito do Calango Voador e outras histórias*, histórias que são guias, exemplos de sentido, conduta e percepção de si no mundo, para sua comunidade brincante. Ao mesmo tempo que recebia o mito, inventou

---

<sup>55</sup> Recebeu por intuição, escreveu e transmitiu oralmente a comunidade pertencente.

um som, uma frequência para sintonizar esses seres encantados: o samba-pisado. Junto a ele, pois nada se faz só, estavam homens e mulheres – brincantes – que costuraram roupas para essas figuras, deram voz a elas, descobriram suas danças e formas de pisar o chão, tocaram e cantaram para chamar suas presenças para serem vistas a olho nu. Desde sua criação, em 2004, o grupo passou por várias formações e aprimoramentos. Essas pessoas dão vida e continuidade a essa tradição inventada, contribuindo também para a criação de novas figuras encantadas e suas míticas para o rito da roda continuar. Nesse sentido de construção e legitimação de cultura brasiliense, o rito de partilha da roda é o ponto auge de uma trajetória brincante, e a vivacidade presente no mito e em suas figuras, proporciona na brincadeira de Seu Estrelo o pulso dos encantamentos dos corpos, a vida, como refletiu Simas ao falar dos corpos encantados das ruas: “o mito justifica o rito”.

Desde que assisti aquele rito de partilha, a roda de Seu Estrelo, vi uma outra maneira de fazer teatro, falar, interagir, movimentar o corpo e presença cênica, diferente da que estudava e praticava dentro da graduação em Artes Cênicas na UnB. Esse *Teatro de Terreiro*<sup>56</sup>, como dizia mestre Salustiano (PE) e diz seu aprendiz, mestre Tico, é o nome dado a brincadeira que tem como sede e espaço de criação o terreiro, terreno de casa, quintal ou a rua, o quintal do mundo. Um teatro no qual vejo encantaria, feito para articular o mundo que se vive, o mundo que se deseja e um mundo onírico. Acredito que o Teatro de Terreiro de Seu Estrelo por ser sustentado essencialmente por brinquedos populares de base na fé – religiosa, cultural, social e vivencial – o faz ser também o que Zeca Ligiero descreve como Teatro das Origens:

O Teatro das Origens oferece ao pesquisador e ao devoto oportunidades raras de presenciar, por meio do seu uso preciso, a consagração do espaço e, como vimos anteriormente, por meio da utilização de uma narrativa mítica, de um repertório que comunga as diversas expressões dança, música, canto, criação de figurinos feitos pela comunidade. Tudo é construído coletivamente em espetáculos de rara beleza, enaltecendo e cultuando as divindades da natureza. As divindades, por sua vez, ao voltarem ao mundo dos vivos, encontram na arte a forma mais requintada de demonstrar o sagrado para os humanos. (LIGIÈRO, 2019, p. 88)

---

<sup>56</sup> Termo criado por mestre Salustiano para localizar o teatro do Cavalo Marinho e de Seu Estrelo. Como já citei em meu TCC – *Sagrado e profano, acadêmico e popular, A preparação corporal na formação da atriz e brincante*. UnB, 2017.

**Imagem 35: Izabé, Caninana, brincante Natália Sol. – figura encantada de Seu Estrelo, circulação da quarta Roda, 2016.**



**Foto: Tatiana Reis.**

Nesse pensamento percebo a brincadeira de Seu Estrelo como minha primeira escola de volta ao senso de comunidade. Nesta escola de brasilidades, o conteúdo contado é a formação de nossa cultura e identidade nacional, numa outra versão, para além do sonho bonito de Dom Bosco e Juscelino Kubitschek. Em partilhas, ensaios e estudos de roda, escutei e me identifiquei com as figuras que povoam a história e fazem desse chão união de povos de todo Brasil, local de encontro e trânsito de práticas culturais vivas. Com essa formação cultural, comecei a (re)olhar o mundo através da brincadeira, dando-me conta da, muitas vezes, dura realidade dos brincantes e foliões para uma festa acontecer. Mas também do poder de equilibrar o real pelo brincar, trazendo encanto e beleza para o mundo. Como me contou mestre Tico em entrevista:

Dentro da Cultura popular, quando você tem sua tradição: Maracatu, cavalo-marinho, Reisado, os mestres e quem brinca chamam isso de brincadeira. E é através da sua brincadeira que você realmente olha o mundo, que você se conecta com ele, procura entender ele. O que ele te dá, você, dentro da brincadeira, tenta se apropriar daquilo que aconteceu e dar uma resposta para aquilo. Isso é muito importante também, assim, a gente acaba trazendo na brincadeira essa fúria criativa. A brincadeira é um devolver na verdade. É tudo que o mundo me deu e tudo aquilo que me oprimiu, eu devolvo para o mundo através da brincadeira. (MAGALHÃES, entrevista realizada em 2004)

O grupo Seu Estrelo é uma importante referência de escola e casa do brincar em Brasília, um local de formação de seres pelo afeto, uma oportunidade de reaprender a escutar, as virtudes e feiuras do ser, bonitas e paradoxais. Além dos ensaios, os brincantes

do grupo oferecem diversas atividades formativas como oficinas de teatro, percussão, dança, criação de figurino, produção cultural, entre outras, que proporcionam também uma geração de renda para eles. Nelas são ensinadas não apenas o como tecnicamente tocar, cantar, dançar e botar figura, mas também o convite do mergulho que é se dar tempo para rever o mundo, o país, a nossa cidade, as relações e a si mesma, percebendo as vulnerabilidades e forças presentes nas construções que nos propomos a fazer. No grupo comecei a entender a dinâmica vivencial do terreiro, local onde “ nada se ensina e tudo se aprende”, como disse mestre Tico na oficina de dezembro de 2014, sobre a constante reflexão do viver, fazer, desenvolver ou devolver cultura popular à cidade.

Antes de entrar oficialmente para o grupo, fiz uma oficina de percussão e teatro popular com o mestre Tico Magalhães. Na querida casinha, o Centro Tradicional de Invenção Cultural<sup>57</sup>, sede do grupo. Escutei ele contar sobre os diversos povos originários que historicamente já viveram no cerrado, sobre as personalidades que marcaram a construção de Brasília e as energias e seres encantados que nasceram e guardam esse solo sagrado. Em meio a exercícios de dança, desenhos e declamação de poesias escutei o toque da alfaia, do agbê e dos diversos instrumentos musicais que me lembraram das forças vivas do rio, das flores, das borboletas, e tantas outras que estão presentes nas matas do cerrado, que já tinha visto e também que estava a olhar com a imaginação.

Um exercício em especial me marcou no fim daquela semana imersiva na casinha: a introspecção mística. Uma espécie de meditação ativa conduzida por ele para um mergulho no cerrado encantado dentro de nós. Fechei os olhos, respirei fundo e serenei o pensamento, os sons dos instrumentos traziam a presença dos elementos da natureza e a voz do mestre guiava para o encontro com a mata, como uma jornada xamânica conduzida pelo toque do tambor. No início, desenhei em meu imaginário um símbolo que me representava e o coloquei em uma bandeira para marcar o local de acesso para o início e fim da trajetória na mata. Ao dar os primeiros passos já pude visualizar meu guardião e guia, o lobo *Guaiá*<sup>58</sup> - encantamento do lobo guará - juntos caminhamos para o encontro com as figuras das águas, do ar, da terra e do fogo. Enquanto a viagem *sonhosa* acontecia,

---

<sup>57</sup> Avenida das Nações, 813 sul, Vila Cultural.

<sup>58</sup> Guaiá é um personagem, figura do *Mito do Calango Voador e outras histórias do Cerrado* de Tico Magalhães.

meu corpo ativo e vivo, dançava, sentia e tocava o imaginado. No fim da viagem, o mais desafiador foi voltar da mata, pois pela primeira vez em muito tempo me senti respirar e pertencer a um local. Ao voltar, olhos abertos, coração pulsante, ouvi as colegas da turma, os olhos de todas brilhavam mais, falávamos de um mesmo lugar (apenas com algumas diferenças imagéticas), foi quando entendi que o invisível toca, atravessa e pode conduzir o corpo em expressão quando todas estão numa mesma frequência e intento, encontrei o pulso invisível da brincadeira. Logo depois, aprendemos o nome dos instrumentos e experimentamos seus toques. Tudo parecia estranhamente natural, a sensação de estar em casa permaneceu na casinha, era assustador e encantador. Lembro de ouvir mestre Tico falar: “ Nós já conhecemos e sabemos tocar tudo isso, estamos apenas lembrando! {...} Está tudo dentro, nosso sangue carrega toda a memória de nosso povo e história”. Nunca me esqueci do arrepio que percorreu meu corpo ao escutar essas palavras, como se estivesse acordando.

**Imagem 36: Família Estrelada na Reinação Candanga, Salvador - BA, dezembro de 2016.**



Com o convívio na casinha e com a brincante Luciana Meireles, conheci e comecei a estudar a Pedagogia Griô<sup>59</sup>, que me ajudou a costurar os aprendizados culturais da brincadeira estrelada com a minha vida pessoal. Ao longo dos dois anos que estive no grupo, foram muitas as conversas com os brincantes Luciana Meireles, Judith Diogo, Júnia Cascaes, Maria Villar, Marina Olivier, Bárbara Ramalho, Alessandra Rosa, Davi Mello, Francisco Lopes, Dinho Lacerda, Isac Martins, Thiago Francisco, Alex Oliveira, Sarah Menezes, Isaac Nunes, Lela Cerrado, Francisco Oliveira Rio, Shaira Ribeiro, Júlia Carvalho, Rafael Toscano e Tico Magalhães<sup>60</sup> sobre ancestralidade e família. Passei a (re)olhar minha família de origem, ver os seres humanos que por muito tempo só reconheci nos papéis de mãe, pai, irmã, etc. Parei para reparar e entender de onde vim, permitindo-me perceber a riqueza de construção familiar de ser humana, de estar viva a cada momento e poder me colocar, de fato, disponível para o aprendizado nesse mundo que também COcrio e invento. É a partir do que já recebi da ancestralidade ao nascer Natália, com o sobrenome de duas famílias que se uniram, Lins e Solorzano, que tenho corpo e estrutura para a troca e caminho de aprendizado. Comecei a refletir sobre quantas famílias anteriormente se uniram, quanta história e sabedoria corre em minhas veias, vidas vividas me foram dadas para eu estar aqui nessa pele estampada. Percebi também minha cor branca, os privilégios e oportunidade de educação que antes eu acreditava serem para todos, até eu conviver com outras realidades, os vários brasis do Brasil.

A partir desse momento comecei a reconhecer o valor de minha mãe, Corina, como mulher, honrando sua história e escutando sua sabedoria, com o filtro geracional, pois nesse ponto a ingenuidade da mulher perfeita já declinava com o maturar do corpo. O mesmo com meu pai, avó e cada um da minha família. Assim, reencontrei internamente o valor do respeito pela vida, pela trajetória de cada corpo, mesmo pelos parentes mais preconceituosos, pois acredito que em algum momento eles também começaram a mais ouvir que falar. E pouco a pouco passei a compreender os vários presentes que a vida me

---

<sup>59</sup> A **Pedagogia Griô** é uma **pedagogia** criada, inspirada nos princípios da ancestralidade africana griô, pela educadora Lillian Pacheco, a partir da sua prática pedagógica no Grãos de Luz e **Griô**, Lençóis Bahia. Oferece uma iniciação pedagógica da escola e de **griôs** aprendizes para integrar mito, arte, ciência, história de vida e todos os saberes e fazeres tradicionais da comunidade. Coloca como centro do saber a vida, a identidade e a ancestralidade dos estudantes. A vivência, a oralidade e a corporeidade são referências do processo de elaboração do conhecimento; e os griôs e mestres protagonistas na educação da comunidade.

<sup>60</sup> Nome dos brincantes que estiveram na família estrela durante os dois anos em que estive em Seu Estrelo.

trouxe em oportunidades. Tanto pela família de origem, quanto a brincante e as várias histórias e convívios.

Aprendi nesse ponto a tomar para mim os vários presentes, que a força da brincadeira também está na presença constante, na disponibilização para o agora de cada brincante, membro da comunidade, a família social. Da presença no presente se cria a constância de estar e assim, se pode entender o tempo, que para mim, é uma composição ininterrupta de percepções pessoais e coletivas, mas também é uma divindade<sup>61</sup> e uma sabedoria. Digo isso pois observei, ao longo dos dois anos que passei em Seu Estrelo, que cada um oferecia sua presença, a sua força vital para os diversos momentos poderem se realizar. Ao dançar, cantar, costurar, limpar e preparar o terreiro, a comida e o festejar uma roda juntos, cria-se uma comunidade sustentada pela energia coletiva, que acredito ser a alma da brincadeira. Compreendendo esse outro tempo de pertencimento na comunidade como a formação de um coletivo, que junto partilha de um mesmo objetivo e valores para a realização de um bem maior, e nesse caso, para a expressão através da arte, como axé de expressão da beleza e da humanidade. Nos diversos momentos desse coletivo, vivenciei a potência do sonhar e realizar conjuntamente.

Nesta construção de presenças COMUnitárias, pude ver o poder da expressão artística da cultura popular brasileira, uma dança de multiculturalidade de sabedorias e tempos. E mesmo nas diversas etapas e correrias de construção da brincadeira, consegui olhar e admirar a força expressiva de cada brincante que também crescia pelos valores do grupo, cada um personificava uma força do coletivo pela constância e doação de sua presença – movimentar, transitar, falar, trocar e tocar suas habilidades para o todo. Afinal, a brincadeira toma corpo por meio do corpo que brinca, integrando e legitimando todos os corpos que brincam as energias e figuras. É como me disse dona Maria Navalha<sup>62</sup>, na roda da *Ensaíada*, “Alma precisa de corpo, se não como é que dança?”.

---

<sup>61</sup> Iroko, Iroco ou Roko (do iorubá *Íròkò*) é orixá cultuado no candomblé brasileiro pela nação Ketu, também apresenta na nação Jeje como Loko, e em Angola ou Congo como Tempo. É a divindade que tem o domínio da ancestralidade, tempo e espaço, senhor dos ciclos, representado pela árvore sagrada (PRANDI, 2001, 162 a 171). E também pelo nome Tempo, é uma divindade presente no Mito do Calango Voador, filho da Eternidade, irmão do Som e do Rio. (MAGALHÃES, 2020, 12 E 13)

<sup>62</sup> Entidade trabalhadora da linha dos exus e da malandragem nas umbandas, pomboriga, sabedoria encantada, energia sagrada, guardiã de mistérios femininos e das mulheres.

A potência da beleza da brincadeira está também na ligação com a natureza, que é cíclica e está na constância de seus movimentos e comunicações, possibilitando a nós, seres humanos, a lembrança que somos parte integrante da Terra, junto com todos os seres e forças naturais. E sendo o corpo um lugar sagrado, criado e criador de divindades, a brincadeira cria e consagra espaços de respiro, terroriza as trocas e afetos entre seres, pois não há separação. Ela sublinha os encontros de sacralização do profano e profanação do sagrado (SIMAS, 2019). De maneira a transbordar vida e culmina nos momentos de apresentação, os ritos de celebração e comunhão abertos aos que chegam no quintal. Refletindo sobre toda essa potência de vida e reintegração com a natureza no hoje, começo a entender o arrepio que senti a oito anos atrás como o adentrar o encantamento pela brincadeira.

Assim, vivenciar a brincadeira de Seu Estrelo me fez olhar, sentir e refletir sobre a diversidade das relações com cada elemento da natureza (as águas, fogos, terras e ares), valores culturais, compreensões de coletivo, ancestralidade e estados corporais (como a esperança, a reza, a inocência, etc.). Cada vez que brinquei na roda, pude trazer para a pele sentir a beleza do encantamento, mas também aquilo de feio que muitas vezes escondi de mim mesma, possibilitando de maneira lúdica o diálogo com as várias energias que sou, a maneira como me relaciono com elas e, a partir desse autoreconhecer-me, fortalecer-me pelos diversos caminhos da confiança para acolher minhas delicadezas e vulnerabilidades. Pois é a partir desse local de fortalecimento que posso verdadeiramente trocar com as comunidades brincantes que escolho pertencer e visitar. Como disse a brincante Júnia Cascaes durante uma oficina de agbê na casinha “quanto mais entrega, mais se integra”.

**Imagem 37: Véia Tiroiá, pela brincante Natália Sol. e outro brincante- figura encantada de Seu Estrelo que tira o mau-olhado. Foto de Vídeo da Reinação Candanga em Lagoa de Itaenga, 2016; e foto de sambada, 2013.**



**Foto: Pedro Rocha.**

Acredito que toda essa potência também se dá pelo próprio formato em que esse brinquedo acontece e chega até as pessoas: a roda. Círculo de reconexão, ferramenta de encontro das brincadeiras populares. Ela é um símbolo muito antigo, que nos lembra os movimentos e partilhas que passamos ao longo da vida, pertencendo a natureza cíclica do universo no qual vivemos. Por isso ela reforça o valor da união, da equidade. A roda materializa o elo invisível do pertencimento e reflete a abertura dos mundos, os portais. As rodas são os umbigos do mundo, como diz mestre Tico “quando um se acende todos ganham força, pois estão novamente conectados”.

Um fato que me encanta é que tudo passa na roda, o ensaiado, o improvisado, o transeunte que entra e muda a brincadeira, a criança que vem correndo, o cachorro que aparece e começa a latir, o senhorzinho que passa rezando o sinal da cruz dizendo que é

macumba, e a brincante/brincadora vivendo plenamente a comunicação dos vários presentes do quintal do mundo. O Teatro de Terreiro, de Origem é uma reinvenção, um lembrar de olhar o mundo e a si com contemplação e espantamento ou estranhamento, pois tudo que passa na roda, atravessa o corpo, nos acontece (Erika Fischer-Lichte, 2019, 49), modifica, gira. Num trânsito de SerEstares a pele de brincante é transpassada, se cola com a pele das figuras e divindades que habitam a história da humanidade, os mitos que compõem nosso imaginário e as imagens arquetípicas que somos dentro de nossos umbigos, presentificando e revivendo outras, para novamente ser a nós mesmas. Num grande giro de alteridade, empatia e emancipação, como aponta Andressa Urtiga em sua dissertação de mestrado:

Nesse vivenciar a *alteridade* pelo brincar, a criança (como ser social) constitui a própria subjetividade, com base em experiências (est)éticas viabilizadas pelo seu corpo, na relação com outros corpos (Maliolino, 2015) – corpo, este, que é “memorioso, sensível, impregnado de signos e sentidos, material semiótico e aberto ao mundo, ao outro [...]” (Magliolino, 2015, p.149). Essa *experiência estética* – de vivenciar a alteridade encarnada no próprio corpo – é essencial no desenvolvimento humano e diz respeito, principalmente, à *raiz dramática* (Smolka, 2009) da nossa própria constituição, observada aqui tanto no brincar (jogos de faz de conta) quanto na arte (criação teatral). (URTIGA, 2015, p. 57)

Reconheço no brinquedo a continuidade da criatividade, o reaprender a brincar com a atual criança interior. Pois ser adulto é tratar com ainda mais cuidado e carinho a necessidade de reexistir nos e com os mundos, interagir com as diversidades de recortes coletivos, como a criança faz naturalmente (quando não as entorpecemos com excessivos aparelhos e vícios tecnológicos). Possibilitando a compreensão de que não somos tão sérios assim, mas que cada escolha pode mudar todo o rumo da nossa história. Colocar-se nessa ação consciente é de um grande compromisso, porque o brincar trabalha aquilo que o mundo sempre está precisando: a habilidade de ter empatia pelo outro, confiando nos limites pessoais para a construção das relações. Assim, poder exercitar e amadurecer a alteridade ao se pôr na pele de uma figura é um verdadeiro exercício de aproximação com os seres e energias invisíveis, oportunidade de ver e entender por outros ângulos as relações. E a cada roda, uma nova oportunidade de retrabalhar o agradecer a vida ao se renovar em festa e giro.

Outra parte importante da brincadeira está na explicação do mundo, que em Seu Estrelo está no *O Mito do Calango Voador e outras histórias do cerrado*. Uma mítica inventada que conta por meio das passagens de forças da natureza e das figuras, a

trajetória de construção e criação do universo, da terra e do cerrado, do macro ao micro. Ao ler e criar pelo mito entendi que os seres e pessoas que vi dançar, cantar e tocar encantadoramente em um uníssono de forças naquela primeira roda, bebiam de uma fonte comum: uma mitologia, que nessa brincadeira é disposta pela passagem oral e escrita. Percebi a união energética e expressiva proporcionada por essa fonte, que fala com poesia e simplicidade sobre pedaços da história humana e divina. Como fala Ligiéro sobre as narrativas no Teatro das Origens, onde reconheço Seu Estrelo: “[...] a narrativa é épica, pois os episódios são trazidos em fragmentos numa elaborada construção estética que trança e reconfigura a criatividade individual com a consciência do coletivo” (LIGIERO, 2019,40).

Nessa reflexão do poder e exemplos de potencialidades dados pela narrativa mítica, compreendi seu importante papel na continuidade da uma tradição cultural, religiosa e social. Como disse Reginaldo Prandi<sup>63</sup> na *live* de lançamento do livro do Mito do Calango Voador em 2020, ao falar que o mito é uma tradição oral e/ou escrita que ensina sobre a origem, o porquê e como se faz o caminho da vida, a fonte onde se pode encontrar a inspiração e espelhar o conhecimento do divino na humanidade. Seguindo esse pensamento e observando as brincadeiras populares vejo que os mitos acompanham as passagens no tempo, falando das descendências afro-ameríndias do Brasil, e são contados, recontados e criados para essa manutenção viva: a ligação com o encantamento e animação de nossa ancestralidade no presente. O que o pensador indígena Ailton Krenak chama em suas palestras de habilidade de sonhar.

Hoje percebo, cinco anos depois de minha saída do grupo, que a medida que escutava, lia e dançava o mito e suas figuras, ao integrar o terreiro de Seu Estrelo oficialmente de 2015 a 2017, fui me permitindo adentrar aquela frequência encantadora de liberdade para criar, cantar, tocar, dançar e interpretar trazida por aquele brinquedo. Despertei também para contribuir com as histórias e suas divindades ao brincar com as

---

<sup>63</sup> Reginaldo Prandi, professor emérito da USP, é graduado em ciências sociais pela Fundação Santo André (1970), obteve pela Universidade de São Paulo o título de especialista em demografia (1971) e, na área de sociologia, os de mestre (1974), doutor (1977), livre-docente (1989) e professor titular (1993). Aposentado em 2005 como professor titular do Departamento de Sociologia da USP, é atualmente professor sênior do mesmo departamento e pesquisador sênior do CNPq. Foi um dos fundadores do Instituto Datafolha, órgão de pesquisa do jornal Folha de S. Paulo, participou do Comitê de Ciências Sociais do CNPq, coordenou o Comitê de Sociologia da Capes e foi membro do Comitê Acadêmico da Anpocs.

figuras nos ensaios e nas rodas, para a continuidade da tradição estrelada, ofereci minha presença das chaves de compreensão sobre o brinquedo e o brincar – o comer a estrela do encantamento da árvore de Seu Estrelo no mito do calango voador, que proporciona a quem a come a força do encantamento para continuar a batalha do brincar dentro de um mundo de desencantamento.

No período de dois anos de mergulho na brincadeira em Seu Estrelo, tive a rica oportunidade de viajar com o grupo e participar de intercâmbios culturais: com o SESC São Paulo; com os mestres e berços culturais de Tico em Recife – Maracatu Estrela Brilhante do Recife, a rainha Marivalda, mestre Walter, Maracatú rural de Mestre Salustiano, Manuelzinho Salustiano, entre outras referências - apresentações em Salvador; além de participar da circulação da quarta roda em São Paulo, no DF e em diversos eventos culturais no DF. Nas vivências com esse coletivo de brincantes recebi a permissão, o axé da (re)invenção da minha realidade, em consonância com as tradições e mundo material em que vivo. Em Seu Estrelo aprendi que quando chamo por uma força para brincar, passo a conviver com sua presença, aprendo com ela. Quando canto, danço e expresso seus gestos por meu corpo ela modifica tudo ao meu redor e me faz refletir, sentir, pensar e viver o mundo atraindo experiências e novos registros vindos por essa frequência. As figuras encantadas, possibilitam a maturação do ser. E quanto mais acredito, tenho fé que elas me guiam pelo melhor caminho de aprendizado, mais elas vão se apresentando e circulando um trajeto de complexidade psicológica, emocional e corporal diferenciado de percepção da minha vida. Cada figura encantada tem sua função, todas de igual importância, assim como cada brincante no terreiro popular. O sagrado nas manifestações brasileiras está em sua vivência, criação de laços, afetos, fé, intimidade e estranhamento com as energias cultuadas em seus terreiros, suas bases e crenças estruturantes que falam de cada comunidade.

No terreiro de Seu Estrelo comi uma estrela da frondosa árvore sagrada do mito, foi um grande presente e iniciação para mim, tanto como brincante, como ser humano e espiritual. Sinto que lá toquei com a arte o sagrado, minha própria cura, meu caminho. Dalí em diante assumi ser brincante, escolhi brincar na vida ininterruptamente, viver nesse local de passagem e transformação.

Olhar de dentro da brincadeira, porém, é enxergar a complexidade de se trabalhar com o corpo integral de seres humanos, com toda sua beleza e toda complexidade das relações. Uma tradição tem muitos pormenores e delicadezas, pois trata-se do convívio com relações diversas que perpassam muitos poderes e responsabilidades. Para além de uma perspectiva acolhedora de se relacionar com o mundo, muitas vezes me decepcionei ao esbarrar com olhares e atitudes machistas e patriarcais disfarçados, competitividade, egocentrismos e brigas dentro do próprio grupo por espaços já conquistados ou nunca ocupados.

Acabei por sair, sabendo que muito aprendi e pude contribuir no momento em que estive no grupo. Porém, uma vez que passei por essa brincadeira tudo mudou, pois ela nunca sairá de mim. Assim, continuei a conviver e visitar mestres e outras brincadeiras, sempre apaixonada pelas rodas e danças das figuras de saias longas e encanto. Pois acredito que se dispor brincante é um eterno aprendizado e recriação de si para poder contribuir para o todo, um exercício de compaixão e paciência.

A medida que os anos foram passando, desde meu afastamento de Seu Estrelo no início de 2017, fui de fato entendendo o que experienciei. Transmutando as dores e frustrações em relação as pessoas que conduziram os trabalhos com vivacidade, mas também me decepcionaram profundamente e comigo mesma, por ter acreditado que tudo era apenas beleza. Confesso que quase deixei de acreditar no brinquedo popular nessa época, pois acredito que o sustento de uma tradição é a sua verdade e quando me deparei com a barreira da não transparência na comunicação, com a falta de abertura para a real partilha dentro do coletivo e com muitos melindres não consegui estar mais ali, pois me senti usada, vulnerável e insegura, desorientada e exposta. Compreendo que todo ser humano tem seus paradoxos, mas quando se vive para o encanto, não se pode deixar apodrecer com o excesso de brilho material. Acabei optando por sair quando a decepção foi maior que a alegria, mas ainda antes de deixar de acreditar em tudo que vi, vivi e aprendi, entendendo que aquele era apenas mais um momento, esperançosa das feridas abertas um dia se curarem.

Nesse tempo de desligamento, o mito continuou a se contar e revelar em meu interior, lembrando-me que existem as figuras e energias que trabalham para o crescimento bom e outras que trabalham para testar o caráter e índole de todo brincante,

a luz e a sombra que dançam incessantemente para a existência de pulsos de vida, todas ensinam, mas a condução e manifestação de cada uma é segundo a verdade do coração de cada um. Assim, senti-me amparada por algumas figuras do mito, energias para além do coletivo que o brinca. Cantei as músicas que chamavam as sabedorias e graças de sinhá Laiá – filha da Mata, mãe de Seu Estrelo, amada sereia do Rio e intercessora das causas, causos e complicações das cabeças, corações e memórias dos seres; Tiroiá - velha feiticeira que tira o mau-olhado, a sereia mais bela do Rio, a que guarnece os corpos contra as invejas, a que planta flores belas; Izabé ou Caninana – filha do dono do circo, a que traz amor, pureza e faz brilhar o Circo Solar, amada de Tonho, encantada pelo rio em cobra caninana; Luzbelo – filho da Mata, irmão de Laiá, senhor encantador dos sonhos, aquele que tem pés de nuvem, guerreiro encantado; Seu Estrelo – neto da Mata, filho de Laiá com o Rio, guardião das matas e criador dos bichos do cerrado; Caliandra – flor do cerrado nascida das gotas do sangue menstrual de Laiá, a feiticeira do cerrado que conhece o segredo de todas as plantas e raízes; entre muitas outras figuras, para me fortalecer e reencantar, escutei seus conselhos e consegui seguir em paz, perdoar o passado para seguir a dança com o tempo. Por elas, sempre me sinto guarnecida, de maneira que ainda permito pulsar dentro de mim o encanto da mata que experimentei com tanta verdade. Continuo a acreditar no Mito do Calango Voador e em todas as figuras da Celestina (local de suas moradas), pois as senti e volta e meia ainda as ouço tocar minha pele em antigas e novas roupagens.

“Ô Caninana, todo amor pra quem te ama  
Ô Caninana, todo amor pra quem se ama  
Plantei uma flor, no jardim do bem me quer  
Fulô de amor, vou levar pra Izabé.”  
Canção pra Izabé, de Tico Magalhães

**Imagem 38: Ensaio fotográfico *Corpo Mente* – Caninana, brincante Natália Sol. no galpão da Nós no Bambú, 2015.**



**Foto: Júlia Salustiano.**

### **2.3 Saia para dançar – Coletivo que abre rodas de empoderamento**

"Brincar é alegria! Se você estiver com o coração puro, livre, você brinca! Mas, se estiver amarrado... aí não tem graça!"  
Tia Maria do Jongo

Eis que o tecido da brincadeira ganhou nova cor quando entrei para dançar a cadência de velho, na roda de jongo do grupo de estudos e práticas Jongo do Cerrado em meados de 2017. Um outro brinquedo, com narrativa enraizada no legado trazido e vivenciado pelo povo africano que compôs uma grande parte das manifestações populares dos brasis no Brasil. Foi o chamado do toque dos tambores, que fez meu coração novamente se alegrar e minha saia rodar reencanto.

Mas para chegar e me deleitar no jongo, foi-me necessária abraçar a criança ferida, a brincante descrente e as alimentar com muita coragem, autopermissão e memória da história brasileira a que também pertencço e sou batalhadora, para assim conseguir readentrar o círculo do coletivo e me reabrir para “saravar a terra que piso”<sup>64</sup>, permitir que ela fizesse a cura que eu procurava pelo balanço do jongo. A primeira vez que vi o Jongo do Cerrado, sete anos atrás quando ainda estava em Seu Estrelo, não tive a coragem de entrar nem na borda da roda. Era tão intensa a presença do balanço dos casais que dançavam, cada um que entrava parecia se transformar, lavar-se ali dentro, tinha cheiro

---

<sup>64</sup> Expressão de ponto cantado do jongo.

de lavanda e rosa branca no ar. Tão forte o som dos tambores e a energia daquela gente, era como estar vendo o mar dançar, mas eu só conseguia admirar de longe. Ouvir e ver Apoena Machado Cunha, Marcos Emanuel Lisboa de Andrade, Shaira Ribeiro, Francisco Lopes de Sousa, José Espedito da Silva Júnior, Isabella de Meneses Rocha, Tatiana de Almeida Jubé, Vivian Campelo, Maria Regina Mendes Salgado, Rayane dos Santos Pereira, Victor Hugo Gonçalves Pacheco, Raisia Nunes Mesquita, Kenya Ricarte, Luís Felipe Gebrim Alves e todo o coletivo me tocou profundamente, como um abraço na alma, uma nova oportunidade. A família jongueira me acolheu, trouxe novas amizades, amores e experiências. Aprendi a pisar no chão de-va-gar e me sentir à vontade nesse espaço de auto expressão. Conseguir resgatar a Natália brincante, que não apenas dança uma personagem ou figura, mas que é um corpo vivo, presente e disponível à troca, ao jogo dos instantes.

**Imagem 39: Família jongueira – viagem cultural do Jongo do Cerrado, 2018.**



**Foto: acervo pessoal.**

O jongo é uma manifestação cultural brasileira descendente dos povos bantus, de Congo e Angola na África, que vieram escravizados para trabalhar nas lavouras de café e cana de açúcar do Brasil no século 19. Para sua cultura e memória viverem nos tempos do cativo, os negros se reuniam para cantar, dançar e bater seus tambores a trocar versos ou pontos para metaforicamente poderem se comunicar e celebrar a vida, sem serem compreendidos pelos donos dos engenhos. Essa cultura de resistência passou de

geração em geração, hereditária e oralmente nas regiões do sudeste do Brasil (São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais e Espírito Santo). Com o passar dos anos a tradição jogueira passa a compor as celebrações de colheita nas festas populares, no 13 de maio (celebrando os pretos velhos e a abolição da escravidão) e nas festas juninas. O jongo é patrimônio imaterial da cultura popular brasileira, registrado pelo IPHAN<sup>65</sup>. Essa manifestação é berço de muitas rodas de umbigada no Brasil e traz em sua graça o reconhecimento dos saberes ancestrais como inteligência que compõem o corpo e a mente social, herdados da mãe África.

Nas rodas, ao soar dos pontos cantados e dos ritmões dos tambores – tambu, caxambu e candongueiro – a dança acontece na borda da roda coletivamente e no centro com um casal. Todos podem entrar na roda para dançar, para essa passagem interna o cumprimento feminino é a umbigada – encostar ou movimentar de encontro de umbigos – e o masculino – abraço fraterno. As mulheres vestem-se tradicionalmente com saias longas e rodadas para trazerem a beleza e balanço do corpo cíclico feminino, enquanto os homens dançam de calça trazendo sua firmeza e enraizamento. Todos de pés descalços, saudando e se conectando como o chão, a terra, como faziam os ancestrais. Dançamos para fortalecer a troca energética da roda e louvar a terra que dá sustento a todos, sem distinção. No jongo, não se busca o expressar por uma figura, mas sim a si mesmo, ser a protagonista de seu centro, fortalecida por sua presença e valorizando a vida de todas e todos que compõem o círculo. Há alguns passos ensinados pelos mais velhos, como o famoso amassa-café<sup>66</sup> que ritma nos pés o tempo forte dos tambores, mas cada um é livre para compor sua dança na roda.

Aqui os impulsos e desejos mais profundos expandem a marca do desenho coreográfico feito anteriormente, ou mesmo a forma do movimento corporal aprendido com a tradição do próprio brinqueado, dando-lhes, então, na busca de um estilo próprio de dançar, algum outro sentido, desde que não saia do ritmo e não desafine no movimento. (LIGIERO, 2019, p. 131)

No jongo aprendo que para acessar a liberdade que herdei das tradições brasileiras e me reinventar enquanto corpo brincante, primeiramente preciso saravar – dar as boas-vindas – pedir a benção e licença dos mais velhos e dos mais novos, para então,

---

<sup>65</sup> Registrado no dia 15/12/2005:

[http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/Jongo\\_patrimonio\\_imaterial\\_brasileiro.pdf](http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/Jongo_patrimonio_imaterial_brasileiro.pdf)

<sup>66</sup> Passo típico das rodas de jongo, nomeado pelo Jongo da Serrinha (RJ), em que se pisa um pé depois o outro no chão, como se costumava fazer na época da escravidão nos cafezais, para amassar o café.

reconhecendo essa ancestralidade coletiva - que no jongo chamamos de *povaria* – experimentar-me sendo o corpo ancestral que dança no presente. Com essa consciência, a dança, os passos e a saia passam a transbordar meus seres e estares na roda, oportunizando-me, compreender a expressividade das energias cíclicas criativas do meu corpo feminino em cada roda.

O grupo Jongo do Cerrado começou em 2014 quando nosso jogueiro mais velho, Apoena Machado ficou curioso para descobrir outros jogueiros do DF e acabou por reunir diversas pessoas interessadas no estudo do jongo. Sem a intenção inicial de ser um grupo, os encontros se transformaram em oficinas, vivências, viagens culturais e trocas com comunidades tradicionais<sup>67</sup> do sudeste, os jogueiros velhos – como mestre Jefinho do Tamandaré (SP), Tia Maria do Jongo e Lazir Sinval da Serrinha (RJ), entre outras e outros – e com grupos novos de jogueiros do centro oeste. Atualmente o Jongo do Cerrado é um grupo de estudos e práticas que busca conhecer a história do jongo, suas significâncias e heranças culturais, o aprendizado dos toques, pontos e danças, além do afeto e implicações terapêuticas geradas pela comunicação e axé dos integrantes do grupo no encontros e rodas.

**Imagem 40: Roda de jongo do grupo Jongo do Cerrado no Beco, Taguatinga (DF), 2016.**



**Foto: Shaira Ribeiro.**

---

<sup>67</sup> As comunidades tradicionais de jongo se caracterizam por sempre ter pelo menos um integrante que é herdeiro direto dessa tradição, ou seja, que tem raiz em ancestrais que vieram de África escravizados para trabalhar no Brasil.

Com pessoas de experiências e origens diversas, o Jongo do Cerrado traz muita criatividade no aprendizado e cria novos pontos, além de cantar os das comunidades tradicionais. Assim ao aprender a cantar-dançar-batucar o jongo, os jongueiros novos afloram no cerrado a autenticidade de suas expressões ao cantar sobre a beleza do cerrado, dos elementos de sua natureza, das figuras históricas, das entidades espirituais que louvam, falar da resistência e re-existências da vida na cultura popular e de situações cotidianas de seus integrantes. Sempre em conexão espiritual e com muito respeito, os corações ritmam a força ancestral e a vivacidade da tradição em solo cerratense.

Como o balanço do mar, o grupo é itinerante, fazendo pouso em espaços culturais e terreiros diversos. Cheguei para dançar com a *povaria* quando eles estavam no espaço Kifanda de capoeira angola no Conic, e seguimos logo para a FUDLC<sup>68</sup> (lugar que tanto me encantei que acabei por entrar para trabalhar na casa), os encontros de estudo de jongo aconteciam semanalmente a noite. Mestre Apoena Machado chegava para abrir o espaço e trazia os tambores, depois cada uma e um de nós chegávamos e logo a grande roda estava formada. Mulheres e homens se encontravam para partilhar da força da roda de jongo. Aprendi sobre as origens afro-cafeeiras, o encantamento das falas cantadas pelas metáforas melodiadas nas vozes e nas viradas dos tambores, os toques e o significado do Tambu, Caxambu e Candongueiro, sobre a proximidade com a espiritualidade e falange dos pretos velhos que essa manifestação cultural traz consigo, a condução dos pontos e suas funções no fluir da roda, o fundamento da igualdade do círculo, a reverência e respeito aos mais velhos e a partilha do axé que se cria coletivamente com cada presença na roda, visível e invisível. Muito entendi pela escuta da fala do mestre e dos irmãos da família jongueira, mas principalmente pela vivência das rodas, observando as mais velhas e mais velhos, os olhares, o balanço dos corpos, a umbigada feminina e comprimento masculino nas passagens dos pares, no aproximar de meus guias espirituais pelos arpejos e mudanças de postura, além na sensação de ter me banhado no mar, que a roda deixa no corpo. Na costura da oralidade e da vivência, a sabedoria popular trabalha, ou seja, é pela fluência da energia, da vida e experiência que um corpo – com toda sua história – transmitindo um conhecimento para o outro corpo, juntamente a recepção de toda a informação que toca e adentra tanto quem oferta quanto quem recebe. A oralidade é

---

<sup>68</sup> Fraternidade Universalista da Divina Luz Crística.

passagem horizontal da verticalização de cada corpo, anel de comunicações encruzilhadas, pois é em seu cerne a prática da partilha e troca de COnCiências corporificadas.

Cada encontro é único, cada dia de roda tem seu desafio e sua beleza, bem assim, como a vida é. Com o jongo reencontrei meu corpo dançante, meu espaço, e consegui reavivar o fogo da vida, junto a segurança de um pertencimento brincante onde pude voltar a confiar nos coletivos. Ponto a ponto pude sentir a presença da ancestralidade iluminando minhas veias e rememorar o pulso da cultura brasileira, pelas histórias de re-existências e força de transformação do quinteto cantar-dançar-batucar-contar-compor. Pude admirar a cena viva que se cria ao reunir corpos em torno de um pulso e vontade comum de encontro, uma realidade que eu tanto estava com saudade. Um canto muito forte, que fala sobre esse encanto do jongo, marcou-me na primeira roda que tive a coragem de participar:

Um dia eu vi vovó cambinda, rodando sua saia ao luar, cantava velhas ladainhas, louvando aos seus ancestrais, as estrelas do céu a ouviam e faziam ela brilhar muito mais, e cobriam de luz o terreiro, ao som do caxambú, ao som do candongueiro. O jongo começou, respeito no terreiro, toca o caxambú, toca o candongueiro, Cambinda me ensinou, o jongo é feiticeiro, toca o caxambu, toca o candongueiro. E na batida do jongo rasteiro, lembro o cativeiro, faz a dor passar e na batida do jongo rasteiro dou ao meu terreiro forças pra lutar. O jongo começou, respeito no terreiro, toca o caxambú, toca o candongueiro, Cambinda me ensinou, o jongo é feiticeiro, toca o caxambu, toca o candongueiro.

Abel Luiz<sup>69</sup>

Saravá vovó Cambinda, Maria Conga e toda a falange das pretas e pretos velhos. Ancestrais, anciãs e sábios que trabalham pela luz e guarnição da memória do jongo no plano espiritual. Como já disse anteriormente, não há brinqueado sem sustendo da espiritualidade, pois todo corpo que brinca tem raiz e história milenar, assim como suas eternas almas que aprendem cadências de vidas e muitas histórias. A espiritualidade jongueira é herança dos povos bantus e nos presenteia com a roda de encontros e reencontros com pessoas e ancestrais de nossas histórias longínquas. O corpo brasileiro que brinca, pulsa a memória histórica, social, religiosa e ancestral afro-ameríndia dos povos que compuseram importante parte da cultura que se reinventou nas manifestações culturais. O jongo, como um legado cultural da África aflora a espiritualidade que está no corpo de todo aquele que pisa e dança em reverência e comunhão à terra, independente

---

<sup>69</sup> Músico, compositor da música *Jongo Rasteiro* de seu álbum *Deixa o samba ir* de 2011.

de sua religião, pois reverencia e celebra a vida e os ciclos da natureza, e a capacidade de se transformar e reinventar a linguagem, cantada, dançada, tocada e contada. No pulso da roda o ouvido dos poros de nossa pele estampada é capaz de fazer o corpo lembrar o que outrora – por sua ancestralidade ou em outra vida – já dançou. Abre-se espaço para o respeito pela rede de proteção oferecida pela roda e para a legitimidade da presença e potência de cada umbigo, como espiral ancestre, que compõe a roda para o pertencimento, memória e celebração da vida. É importante dizer que o jongo não é nem está necessariamente ligado a uma religião, dentro de uma roda há participantes com várias crenças. A ligação com os pretos velhos, caboclos, orixás, santos populares e guias espirituais presentes na umbanda e em outras religiões afro-brasileiras, são presentes como guarnição e louvação à memória das culturas negras que vieram antes e nos dão chão.

Para mim o jongo é permissão divina de reencontrar os irmãos, amigos, amados e saber como estão. Como conta a própria história do jongo, no tempo antigo quando famílias foram separadas e o desencanto atentava contra a existência, eram nas rodas de jongo que se podia olhar, cuidar, conversar e até casamento acontecia. É a roda da vida, espaço para a dinâmica, desafios, superações, rezas, fortalecimentos, brigas e resoluções acontecerem e girarem o mundo inteiro de cada umbigo. O jongo traz a oportunidade de emancipação dos corpos e o firmar do respeito aos tempos pessoais, honrando as histórias e narrativas experienciadas.

**Imagem 41: Umbigada de Natália e Regina, dança de Natália na roda de jongo do encontro de jongueiros, Catalão (GO), 2019.**





**Fotos: Shaira Ribeiro.**

No toque do tambú (tambor grave e grande) e do candongueiro (tambor pequeno e agudo), de pés descalços e saia rodada eu relembrei com toda a minha coluna, eixo de *encruz-espiraias*, o pulso cadenciado do tempo e a alegria de ter uma história cultural, ancestral e pessoal para contar. Rememorei que tenho o presente para continuar a brincar com todas as variações inventivas. Sem um passo marcado, a condução do ritmo me levou a sintonizar a frequência do tambor que bate em meu peito com a tocada pelas mãos de outros corações, para assim me juntar e compor a barra da roda e seu centro, novamente me encontrar com a força da união, uma dança de ondas frequenciais e narrativas umbigadas a terreirizar um espaço. Comunidade, comum unidade, foi no jongo que reencontrei a diversidade maestrada pela música dando corpo a uma coesão de seres que zelam por um bem cultural.

**Imagem 42: Tambores do jongo do cerrado: tambú, caxambu e candongueiro.**



**Foto: Apoena Machado.**

Todas e todos dançam pela condução rítmica dos mais velhos, os instrumentos, pois carregam a ligação com a espiritualidade que verdadeiramente conduz a roda. Eles são feitos tradicionalmente de elementos da natureza: corpo de madeira, pele animal e ligamentos de metal. Com sua estrutura aberta, um lado com pele e outro sem, um tambor que em terreiro se diz que é para chamar uma força para dançar em terra. Acredito que por também sermos composição elementar da Terra é que somos atravessados pelos toques que trazem estas memórias. Corpos abertos aos fios de narrativas dos tempos.

A condução humana da roda é feita por aquele que mais ouve a voz dos ancestrais pelos tambores, o jongueiro velho, que no grupo Jongo do Cerrado está nas mãos de Apoena Machado e Francisco Lopes. A eles cabe saber a sequência desse rito em roda por meio das cantigas ou pontos que vem a firmar o início, meio e fim da partilha. Eles fazem os corpos vibrarem em uníssono pelos tambores, a roda com diversas pessoas em resposta canta e a energiza com suas palmas. Assim, a circulação da energia se completa: as vozes chamam com os tambores a força da sabedoria ancestral, enquanto as palmas, danças e coros responsivos alimentam o sustento da roda. Ao mesmo tempo que se eleva a energia circular, os corpos dançam com os pés batendo no chão e intencionando a direção da bacia para a terra para se descarregarem do cansaço e das atividades mentais desenvolvidas durante o dia e naquele instante, aterrando tudo o que não cabe mais estar. Assim se abre espaço para a presença e a recepção da energia transformada, o reciclar natural que a Terra faz nos corpos brincantes na cultura popular. Uma verdadeira celebração de vidas.

A cada roda, que pode acontecer em lugares diferentes, uma magia responde, pois quando se brinca e toca a história popular, tão cheia de encantamento – dado ao fato dos povos afro-ameríndios que nos deram vida serem conhecedores e praticantes dos ritos de comunhão com os ciclos da terra – se abrem portais para o encontro com o divino a que se está celebrando. E foi assim também que o jongo me fez conhecer a casa espiritual em que trabalho, a querida FUDLC. Na vivência e costura do praticar a compreensão de divino como estado de graça, troca e presença com a fé na coexistência com e para algo maior e melhor que o encantamento brincante me levou a devoção e mergulho nos chamados que tanto ouvia e sentia na pele ao jogar. Essa passagem me ofereceu a conexão, pela expressão do divino em coletivo, de ser umbigo da energia divina ancestral

a me reascender como imagem e semelhança da Deusa, criatividade infinita de rodas ligada à Terra, como ensina Mãe Carla na FUDLC.

**Imagem 43: Vivência de Jongo com Jongo do Cerrado na Fraternidade Universalista da Divina Luz Crística, 2018.**



**Foto: João Freire.**

O jongo também me deu caminho e bênçãos para encontrar o meu trabalho com as saias que tanto amo. Aconteceu despreziosamente, em uma conversa no fim de uma roda, como é de costume na convivência com os homens e mulheres com quem eu brinco e umbigo, que ouvi uma reclamação da jongueira Regina: “Estamos precisando de saias novas, saias longa, bonita e bem rodadas! As nossas não rodam. Precisamos de saias para dançar!”. No mesmo instante um sininho soou dentro de mim e com toda a firmeza, espontaneidade e naturalidade eu disse que sabia costurar e que abriria uma oficina de costura de saia para podermos ter as desejadas para dançar. Então, em 17 de outubro de 2017 nasce o movimento RodaDa Saia® – brincadeira de ensaiamento feminino, que se anunciava pela primeira oficina de costura de saia. Com essa ação entendi de vez o meu corpo como espaço contínuo de expressão do meu ser uma artista múltipla de linguagens, ou como diz um ditado popular “ me encontrei encontrada”.

Imagem 44: Flyer da primeira oficina da RodaDa Saia®, 2017.



Sigo no grupo e família jongueira, sempre aprendendo. Mas aqui deixo registrado meu agradecimento profundo a esse coletivo tão empoderador de suas brincantes e artistas. Um espaço de encantamento do mundo que abre rodas para outras rodas brotarem, somando forças a espiral de criação divina que vem de cada umbigo da comunidade. Meu amor a esse coletivo que me tocou, deu forças para parir a minha roda de brincar e ir da borda ao centro de meu corpo, reconhecendo e valorizando minhas potencialidades para me reinventar e reencantar, feito mironga.

## 2.4 Corpo-terreiro – o corpo como templo que brinca

“A própria ação de encantar-se também é o próprio mistério”  
Tiganá Santana.

Ao passar pelas vivências e ser aprendiz das ciências encantadas (SIMAS) dos terreiros culturais e religiosos, giro a roda e volto sempre ao umbigo da saia: o corpo. Matéria que é flor a desabrochar corporeidades encantadas, encarnadas, sutis, irradiadas, corporificadas e incorporadas. Todas essas passagens que dão giro a vida são nuances de expressões que usam o mesmo corpo para objetivos distintos em ocasiões distintas, mas sempre para chamar ao diálogo do encantamento.

Quando estou em uma roda de apresentação artística e brinco com uma figura ou saia criada para homenagear uma ancestral minha, o meu objetivo é a troca pela brincadeira e pela arte. Minha energia sutilmente se aproxima da energia dela, sou irradiada por ela e corporifico, no sentido de colocar, botar no corpo a forma que escolhi construir artisticamente essa homenagem (uma forma de andar, falar, mover, pensar, etc.) a partir de meus talentos pessoais desenvolvido até o momento. Por exemplo, quando abro uma roda de partilha da *Ensaçada*, crio e visto uma saia para brincar a partir de estruturas textuais e corporais previamente ensaiadas, sempre com os espaços para o improvisado, mas dentro de uma narrativa pré-estabelecida na troca com outras brincantes e com o público. No jongo, danço irradiada pelos ancestrais dessa manifestação cultural, de maneira que me sinto inspirada a cantar, mexer e pensar como os antigos faziam, mas no meu corpo consciente e presente, em relação de escuta e troca com os outros jongueiros. Diferente dos trabalhos de caridade no terreiro religioso (FUDLC), onde eu recebo os guias espirituais em meu corpo, entrego-me ao mistério divino para que por amor e misericórdia outras pessoas possam receber a ajuda que vieram buscar, sou canal direto da espiritualidade, meu corpo é meio, aparelho de outras vozes e consciências que o movem para a luz. Nesses momentos trabalho incorporada, ou seja, estou dentro de um ritual aonde chamamos a luz dos mistérios ancestrais para trabalhar por intermédio de meu corpo e usar de suas habilidades para o auxílio caridoso. Numa troca que mesmo eu estando consciente que estou ali trabalhando, não fico com o registro das expressões ou conduções de afetos que o consulente traz para eu reagir ou jogar junto, muito pelo contrário, na maior parte dos trabalhos ao fim nem me lembro quem ou quantas pessoas foram auxiliadas pela entidade que trabalhou por meio de meu corpo, ficando gravado em minha mente e corpo apenas os aprendizados que também me servem, ditos ou pensados pelo guia espiritual com quem trabalhei.

A preparação e treinamento corporal que faço quando vou brincar e quando vou trabalhar na religião são diferentes, pois os objetivos são distintos. Mas seria muita ingenuidade minha dizer que uma prática não ajuda a outra, no sentido de que o corpo está em aprendizado de se dispor em presenças e estados de graça para a interação com outros corpos por bastante tempo, mesmo compreendendo a diferenciação dos estados e forças mágicas que cada fazer solicita. A arte cabe a magia de encantar e adentrar os sentidos pela manipulação da duração das ações e modificações do corpo, conduzidas por

um roteiro previamente criado pelos artistas. Já a magia do terreiro, o que posso dizer é que se sabe que uma força maior, ligada a energia criadora/Deus/Deusa, está ali para ajudar na vida pessoal de cada um, a história é a de quem chega e a magia é a fé. Todas as rodas de terreiro são experiências que ensinam, um grande treinamento de disponibilidades corporais para as relações e afetos, diferentes formas da percepção do mundo no corpo. Fato que me possibilita o entendimento do corpo como local para o manifestar do terreiro, sendo o meio que junto ao objetivo da troca flui para uma manifestação prática.

Aqui faço um importante adendo, como bem disse Luciana Meireles em entrevista realizada em 2022, nem todo brincante tem a ligação com o sagrado ou a prática espiritual, mesmo sabendo de sua existência, o que não o impede de fazer sua arte com excelência, mas aqueles que encontram o sagrado também ao brincar, trazem uma outra dimensão a brincadeira. Reforço que os procedimentos corporais e energéticos da manifestação artística e da religiosa se distinguem, no que diz respeito a força mágica que se chama, junto a intenção e função de cada rito. Mas que tudo passa e atravessa o centro *encruz-espinal* do mesmo corpo, ponto de encontro dos caminhos sagrados e artísticos, faz girar as percepções para se encontrar e encorporar, no sentido de integrar, as práticas às forças na construção de uma narrativa pessoal de passagens com presenças e vidas. Assim passo pelas rodas das saias para ascender a roda interna de meu umbigo, fluir em expressão de construção e manifestação ancestrais (passado-presente-futuro) na dança com as disposições energéticas. Este local onde tudo passa é o corpo-terreiro.

**Imagem 45: Roseirinha, brincante Natália Sol. – encantada da RodaDa Saia®, 2020.**



**Foto: Tatiana Reis.**

Nas várias rodas a ancestralidade está presente em tudo, direta ou indiretamente, acredito que na realidade é ela que brinca por nós, para nos reensinar a graça da criação. Assim, quando brinco em sua homenagem, ela, que já é próxima, chega ainda mais perto. Como diz a artista Dra. Aninha Moraes em sua pesquisa sobre o Corpo-Encostado, na qual ela discute a presença irradiada e o amadrinhamento das forças ancestrais (entidades) nos fazeres artísticos, que se põem a tratar de suas energias (seja um orixá, um guia, um elemental, etc.). De forma que quando brincamos nunca estamos sós.

Assim, o que me é fascinante é esta possibilidade de trânsito poético e manifesto do corpo-terreiro, de ser fonte infinita como a própria criação divina, que a todo momento se recria e expressa, por dom cíclico. De forma que ao mesmo tempo é canal de expressão e usa a expressividade como canal de comunicação do mundo que se é, que se cria com os visíveis, invisíveis e ancestrais. O corpo que dança é encantado em si, assim como também é quem faz da prática do brincar o seu terreirizar, sua possibilidade de reexistir no ato de fazer brilhar seus dons, suas graças em diálogos de mundos e universos. Como também aprendo com mãe Carla (FUDLC), o interior do corpo é o universo e toda a realidade que se vive é uma escala menor do todo. Nessa costura de visões compreendo que toda a brincadeira que faço acontecer fora, mora dentro de mim. Está situada no território do meu corpo-terreiro, como também fala mestre Tico Magalhães sobre o brincar:

Brincar é muito poderoso. Dentro da cultura popular é esse espaço em que a gente abre para a conexão com esses outros mundos também. Então, o brincar dentro da cultura popular ele carrega, além do meu vínculo com o mundo, o meu vínculo com os outros mundos também, que ao mesmo tempo também é esse mundo aqui. O brincar na cultura popular ganha essa dimensão, porque eu posso brincar de qualquer coisa, não só estando dentro da tradição ou dentro de uma brincadeira popular. O brincar é esse vínculo que pode ser alcançado em qualquer lugar, mas dentro da cultura popular ele me vincula com o que eu faço, com a minha parte inteira aqui e com esse outro lugar dos outros mundos, ele tem um além. É essa coisa que está fora e que é dentro também. (MAGALHÃES, entrevista realizada por mim em 30 março de 2021)

Esse mover o mundo pelo corpo e o corpo no mundo é o que percebo que acontece comigo depois de atravessar o portal da saia e virar seu centro, um umbigo espiral de corpos relacionais. Adensando sutilezas e sutilizando a matéria, na dança poética com a natureza e sua ciclicidade. Fazendo nas danças como Saia um levantar das pétalas, do chão até o topo da cabeça, um ato de expressar minha sinergia, essência que cocrio por minhas escolhas, encontros e minúcias de Ser. Por isso, tenho consciência que a saia é

uma das infinitas chaves de acesso as trocas e disponibilidades para o corpo. Ela é meu fundamento do giro e transformação do corpo-terreiro feminino. E por isso, um instrumento de poder da mulher que escolhe se vestir de seu movimento para expressar o seu terreiro corporal. Por ela contar as histórias de suas corporeidades encantadas encarnadas.

Meu corpo-terreiro de mulher brincante também aterra no brincar ensaiada o reflexo de uma sociedade, cultura, história familiar e pessoal, com pensamento embasado em uma educação, oportunidades de experiências diversas, estrutura espiritual e psicológica. Ou seja, tenho que estar atenta ao mover inicial, dado a partir de diversas imagens mentais e codificações do como ser e criar a realidade, um padrão social normativo, para dialogar, jogar, brincar com outras visões mundanas. Ao me exercitar dentro das culturas populares de terreiro, encontro a oportunidade de modificar, reolhar, redescobrir e firmar, entre outras ações, as crenças que até então estruturaram meu corpo em novas percepções e crenças, renovar-me e me alimentar dessas inspirações e atravessamentos.

Esse giro me oportuniza também a compreensão prática de um ensinamento que recebi na FUDLC, que somos seres espirituais passando por uma experiência material. Assim, mesmo com todo o entorno da matéria criada, ainda sou expressão espiritual unitária, e esse maturar das minhas expressões corporais acontece pela inspiração e convívio com a ancestralidade no terreiro e nas criações artísticas. É por meio das imagens, símbolos e linhas de ação que consigo entender qual é a direção de ação a que meu corpo me chama para dialogar. Assim, abro espaço para ver, tocar, sentir e criar com outros mundos e pessoas, consciências, sempre retomando os questionamentos: Para que serve e como vivenciar inteligentemente a multiplicidade de papéis sociais e estares de uma mulher? Qual a vibração energética ressonante do meu corpo no agora? Em que lua estou? Em que contexto estou? Quantas e quais faces femininas compõem o meu ser mulher? Quais as qualidades do feminino? Qual a minha energia do momento? Como usar todas essas informações em fluxo de criação equilibrado e desapegando de um resultado? Me autoconhecendo e centrando, para mais uma vez poder ser comUnitária e praticar mundos que dialogam os corpos sutis e encarnados com mais escuta e firmeza.

**Imagem 46: Catatumba, brincante Natália Sol. – encantada da RodaDa Saia®, 2020.**



**Foto: Tatiana Reis.**

Percebo que pelo encontro de sabedorias que se abrem no corpo-terreiro é que se apresentam os mistérios. Não como um local distante ou intangível, mas como princípio de vida em constantes ensaios e entendimentos das narrativas do mundo que se cocria. É a possibilidade de atravessar a escuridão criadora do inconsciente e trazer a luz da consciência um aspecto a ser dialogado por meio da expressão do corpo das personagens, figuras, encantados, entidades, divindades, saias, entre outras nomenclaturas. Sempre com muito respeito e atenção, pois se trata de uma experiência séria e comprometida com o amor, com o objetivo de dar espaço às melhorias. Somente assim se deve aproximar ou afastar das formas de vida em atravessamentos corporais, as ondas energéticas. Pois nem tudo que existe foi feito por e para o bem, por isso escolho e atento sensivelmente para saber o objetivo das trocas e o que se troca ao abrir uma roda. Esse, porém, é o eterno ensaio e estudo das potências de seres – inventadas ou já existentes – que se afinizam, inspiram e ensinam sobre as possibilidades de expressão divinas.

Assim, o corpo-terreiro é um coletivo de consciências e sabedorias vividas, que muito sente, pensa, toca, aprende, vê e move. Espaço e temp(l)o de divina cocriação, que em manifestação abre mundos para se habitar fisicamente. Então, situo meu brincar de ser terreiro, feito criança crescida que sonha, imagina e materializa sua realidade inspirada por diversas formas, com compromisso e paixão. Essa saia que brinco também é terreiro, pois em suas dobras carrega tudo o que expõe e não expõe para outros olhos verem. O

meu corpo-terreiro de saia é um mistério que anda. Mistério como diz o doutor e filósofo Tiganá Santana:

Aqui a ideia de mistério vai no sentido de que os desvelamentos, eles apresentam algo que não se conhece, digamos assim, os seus buracos negros, e assim as suas matérias escuras. Então nesse sentido, quando eles se revelam, eles se revelam nesse duplo sentido, de manifestação e de velar de novo, re-velar. Revelar é manifestar ao mesmo tempo em que é velar de novo.

É como um piscar de olhos, que se olha dentro e logo se compartilha o olhar com o outro. Uma sabedoria nata que carregamos sobre a ciência do inconsciente, em que a revelação do mistério criativo da introspecção jamais poderá se revelar por completo na luminosidade da percepção, mas ela precisa estar em seu local para a dinâmica de luz-sombra continuar a nos ensinar a viver, pois uma não pares. Essa é a imagem do Tao ou Yin e Yang que habita o centro cíclico do corpo-terreiro, o pulso de movimento. É justamente nessa brincadeira de me reinventar pelas saias que traduzem compreensões de meu corpo-terreiro onde está a graça, ou o encantamento. É o movimento da troca criativa e das inspirações luminosas que gracejam o mar interior, e não a busca por um fim ou definição, pois a morte é apenas uma passagem para a renovação. Nesse sentido, venho apontar um caminho de comunicação sagrada com o mistério que me move a ser uma com a natureza. Para essa compreensão, trago uma visão do conceito de terreiro, segundo Simas e Rufino no livro *Fogo no mato: a ciência encantada das macumbas*:

Assim, os terreiros inventam-se, a partir do tempo/espço praticado, ritualizado pelos saberes e as suas respectivas performances. Essa consideração não despreza a referência dos terreiros a partir de sua fisicalidade, mas alarga o conceito para as dimensões imateriais. Aquilo que damos conta como a materialidade de um terreiro perpassa pelos efeitos e cruzamentos do que pensamos como o saber praticado. O que a noção de terreiro abrange é a possibilidade de se inventar terreiros na ausência de um espaço físico permanente. Assim, abrimos possibilidades para pensar essa noção a partir do rito. As práticas passam a ser a referência elementar. A perspectiva mirrada a partir do rito expõe as possibilidades, circunstanciais e imprevisibilidades postas nas dinâmicas de se firmar terreiros (SIMAS e RUFINO, 2017, p. 41)

O corpo-terreiro é esse local do praticar culturas, sabedorias e corpos aprendidos com nossas ancestrais e brinquedos, a partir da corporalidade arquetípica (posturas e danças das entidades encantadas), do fluxo mais rápido ou lento de ação e conversa (a maneira, assuntos, tom de voz e velocidade da fala), e principalmente da filosofia que orienta o agir ético na gira, na vida. Ao entrar como trabalhadora na FUDLC observei que nada dentro de um terreiro está à toa ou é enfeite. Absolutamente tudo tem um significado, é simbólico, tem localização e rito que torna possível a comunicação com o sagrado. O

terreiro é um local de profunda ciência e organização. Dentro de minha prática religiosa universalista com fundamento na umbanda aprendo diariamente sobre a ciência e compreensão que há na encantaria. Não apenas no local do extraordinário, do conseguir me comunicar com um mistério, que é por si uma força maior da natureza, mas também da sabedoria que ouço e intuo, onde posso, com muita humildade em minha pequenez, aprender a pertencer ordinariamente. Assim como fala Tiganá Santana: “ É fundamental que não percamos a dimensão do encantamento, e desse encantamento que está no ordinário. O extraordinário tem como radical ordinário, o ordinário, não propriamente o extra.”<sup>70</sup>.

Justamente nesse paralelo entre o transitar de sabedorias no local religioso e na construção artística da *Ensaçada*, percebo o exercitar a alteridade de ser outras (agora de um local mais maduro de prática e consciência de distinção de objetivos), quando, por exemplo, aprendo a receber em meu corpo físico, terreno, uma força da natureza ou estou construindo um corpo para homenageá-la. Assim, quando danço, falo, canto, ando e sento consciente do que passa em meu corpo no transe religioso, sei que não estou no comando da nave, não organizo e articulo meu corpo momentaneamente. Nesse contato aprendo a confiar no além, que para mim é o aprendizado pelo amor. Aprendo a transitar, estar e não estar, por instantes ser uma expressão outra. Uma entrega similar à quando estou brincando com uma saia, que também é uma força da natureza estruturada em uma forma de energia e movimentação. Mas com a diferença que ao brincar, mesmo estando irradiada ou em um transe leve, estou a mover meu corpo em ações ensaiadas previamente, exercitando um transbordar das ações para dar vida corporificada a uma criação. De forma didática, o transe religioso chega de fora para dentro e o do brincar na *Ensaçada*, de dentro para fora. Neste exercício de alteridade aprendo com as diversas camadas de transe a transbordar-me, ciente de que estou apenas passando, impermanente, por saberes expressos por formas de manifestação divina. Entendo que o transe - o estado de meditação, o “sonhar” ou viajar a outras dimensões acordada - é a chave para compreender as nuances de minhas emoções e relações com outras nos mundos que habito. Como fala Ligiéro: “[...] o transe é uma visita acompanhada ao mundo dos arquétipos como desdobramento de um longo aprendizado e conhecimento.”. (LIGIÉRO,

---

<sup>70</sup> <https://www.youtube.com/watch?v=KmqzatrovA2NtjU>

2019, p. 46). Uma chave preciosa nessa ligação corporal da expressão e expansão artística e da religiosa.

No local encantado para a cena do sagrado religioso, assim como no sagrado artístico, há o aprendizado desse tempo de contemplação de estares, oportunizando o maturar do ser. Ao praticar o terreiro em meu corpo, percebo como o sagrado é sábio em sua oportunidade de CONstrução PA(Z)ciente, que ensina e relembra as pulsões de vida e equilíbrio, os momentos do dentro e do fora, do silêncio e do som, da escuta e da fala. O que na cultura popular chamamos de dinâmica de terreiros, esse tempo em que a percepção das ações cotidianas e o tempo mundano do relógio não são os fundamentos da nossa compreensão como passagens de vida, divinas. Por isso muito sinto o que antes apenas ouvia dos brincantes e de algumas entidades: “O tempo aqui é outro”. É justamente pela transgressão do tempo e do espaço que as ciências encantadas das macumbas operam. Não está pronto o ser humano, assim como não existe uma definição para o ser mulher, é uma constante experiência, uma vida inteira para se deleitar e se descobrir ser. Nessa dinâmica, a cena em apresentação passa primeiramente dentro, ao se colocar dentro de um espaço, depois vem o mantê-lo pelo limpar e harmonizar, para então instaurar o início do rito de partilha, chamar os ancestrais para a boa orientação, e chegar ao coração da troca mais estreita com as encantadas, afim de reascender e alimentar a chama que mostrará o caminho do brincar de cada ser.

Também é preciso, agora falando da coletividade mundana externa ao próprio corpo, compreender o local do coletivo como primeiro protagonista, que só é possível pela presença fundamental de cada brincante e devoto para a construção da grande partilha ofertada por sua comunidade. A paciência que é necessária para se ser corpo-terreiro e praticar sua fé, abrir espaço para as manifestações sagradas, está justamente nessa compreensão que a ação individual do fazer nem sempre é necessariamente o estar em destaque ou a frente o tempo todo, essa é uma das funções dentro do todo. Quem cozinha, costura, limpa o terreiro, vende os ingressos, chama outras pessoas, entre outras muitas funções são fundamentais para os que brincam na ponta – no interagir com o público – conseguirem o espaço e alegria de trazerem suas graças. Somente ao se dispor assim, com humildade e igualdade, fraternamente, é que se consegue dançar com os pés no chão, descalça da vaidade do brilhar a qualquer custo e constantemente como se fosse possível fazer algo coletivo sozinha. É lembrar dos plantios comunitários, dos momentos

de recolhimento, das muitas mãos que fizeram a preparação e manutenção que possibilitam a cada uma brilhar em seu lugar, disponibilizando seu dom desenvolvido. Assim tudo funciona com perfeição e todas são valorizadas.

**Imagem 47: Trupe Cigana da *Ensaíada* – músicas, brincantes e diretora, 2019.**



**Foto: João Paulo Vasconcelos de Andrade.**

Na coletividade o ciclo natural acontece, floresce-se o umbigo do corpo-terreiro ensaiado. Na compreensão da CONstrução da expressão da luz de cada uma pelo alimento constante dos pequenos atos que fazem com que toda a sua comunidade brilhem, todos tenham espaço para se desenvolver e contribuir com seus dons luminosos. Dando abertura para a admiração da diversidade de seres que se há em uma comunidade. Uma tem boa escuta, outra é boa no cozinhar, outra no cuidado para as velas estarem acesas, outra na vendinha do terreiro que ajuda a sustentar a casa, etc. Cada uma na sua função, sendo um ponto na costura da roda, não se dá espaço para a competição, pois mesmo com dons parecidos se pode entender que se está ali é para somar. Assim aprendo a devolver ao quintal e solo sagrado que piso, a minha presença e força vital, viva e (re)encantada na colaboração. Como também apontam Simas e Rufino dentro da noção de encantamento:

A noção de encantamento traz para nós o princípio da integração entre todos as formas que habitam a biosfera, a integração entre o visível e o invisível (materialidade e espiritualidade) e a conexão e relação responsiva/responsável entre diferentes espaços-tempos (ancestralidade). Dessa maneira, o encantado e a prática do encantamento nada mais são que uma inscrição que comunga desses princípios. Para nós, é muito importante tratar a problemática colonial na interlocução com essa orientação. Entendemos que a matriz colonial é uma das chaves para pensarmos a

guerra de dominação que se instaura entre mundos diferentes. Se de um lado temos a integração dos sistemas vivos, a conexão entre as dimensões materiais e imateriais e a ética ancestral, do outro lado está a separação e a hierarquização Deus/Estado, humanos/herdeiros de Deus e natureza/recursos a serem transformados em prol do desenvolvimento humano. (Simas e Rufino, 2020, p.7)

Esse esforço contínuo de lucidez encantada é também para fazer jus a tecnologia divina que é esse corpo humano maravilhoso. Por essa via, posso praticar a humanidade a partir da noção de terreiro, templo que habita vida, que tem em seus fundamentos a ligação com o divino, é costura da Deusa, expressão de tempos. Nessa perspectiva diariamente (re)aprendo que o tempo não pertence a ninguém, mas é em si uma divindade que ajuda na manutenção das rodas, para a dança rítmica dos encontros cósmicos acontecerem. Nada acontece do dia para a noite apenas, tudo é processual. O tempo do Tempo só vemos, a maior parte das vezes, nos marcos de início e fim de uma roda, gira. Porém, a vida é a própria travessia, o entre. Cabendo a este corpo-terreiro que brinca, não o seu controle completo, mas apenas ampliar as brechas da magia do tempo dos mundos e organizar os encontros terrenos nos vários presentes.

Então eu sinto que o papel desse brincar da cultura popular, do mesmo jeito que um arquiteto vai construir, que um juiz vai *juizar*, do mesmo jeito que cada um vai fazer algo, o papel da gente brincando é juntar esses mundos, fazer com que tudo isso esteja conectado - esses encantados, o encantamento - então, também é uma função. A brincadeira faz com que a gente se mantenha conectado com esses encantados, trazer também esse outro alimento da alma, que não é só o alimento físico. (MAGALHES, entrevista realizada por mim em 30 de março de 2021).

Nessa prática de brincar e trabalhar no terreiro popular a costura é esse momento de reencontro com os encantados, mas também de me reencantar e crer que a vida é um além e é aqui também. Acredito que esta constante construção é aparente nas práticas e ritos porque é feita por corpos. E ao acompanhar e vivenciar o terreiro na esfera religiosa e na popular é que posso entender que o que passa dentro de meu umbigo, afinal, também vejo o fora com meus próprios olhos. É o universo/força criadora/Deusa brincando com as dobras ou espelhamentos de suas saias.

Bailando a costura dos entre-mundos amplio a visão do corpo-terreiro para compreender suas corporeidades. Para adentrar o conceito do corpo que encarna o terreiro, olho para a constante processual de sua forma, como tratou o filósofo Baruch Espinosa e aponta a artista e doutora Eleonora Fabião:

Espinosa propõe que um corpo não é separável de suas relações com o mundo posto que é exatamente uma entidade relacional. O corpo espinosiano não está, e nunca estará, completamente formado, pois que é permanentemente informado pelo mundo, ou, parte de mundo que é. Inacabado, ou ainda, inacabável, provisório, parcial, participante – está, incessantemente, não apenas se transformando, mas sendo *gerado*. Tenho particular interesse na resposta espinosiana pelo grau de abstração e a amplitude daí decorrente. Se do entendimento de forma, função, substância e sujeito passamos às noções de infinitude, movimento, afeto e entre-meios, nos tornamos potência-corpo antes mesmo de corpo sermos, pois que “corpo” não “é”. (FABIÃO, 2008, p. 238)

Percebendo o corpo como essa *entidade relacional*, no praticar terreiro como fundamento de minha formação física, sensível e intelectual, fica ainda mais latente a minha investigação consciente das relações e energias que me passam quando me ponho ENSAIADA. Com esse corpo consigo desapegar da necessidade linear de costurar a vida com a ilusória linha da perfeição, abrindo espaço para a constante gestação de estares. Os ritos das rodas ganham mais importância para minha compreensão de como melhor ser e expressar minha personalidade em diálogo com outros corpos, em coexistência de manifestações no brincar e nas diversas práticas expressivas, pois experiencio as relações por eles.

O Corpo-terreiro, porém, não é o corpo apenas da Natália. Pois, quando me disponho ENSAIADA ou incorporo uma entidade, meu corpo passa a ser – mesmo que temporariamente – o corpo das encantadas também. Por isso que sem elas não há brincadeira ou terreiro. Como diz a pombogira Maria Navalha: “Alma precisa de corpo. Se não, como é que dança? Não dança.”. E a cada dança aprendo mais sobre as capacidades e possibilidades desse tempo que habito, como alma encarnada.

Aqui entra então uma parte primordial da preparação para o praticar e ser encantaria das saias, essa consciência constante da própria energia do corpo e do fluxo impermanente (psicologicamente, emocionalmente, energeticamente) que naturalmente vivo em meus ciclos, enquanto ser encarnada, individual. Para saudavelmente conseguir perceber quando as frequências ressonantes e magísticas de uma figura, saia ou entidade se chegam. E aqui revisito a humildade de desenvolver a delicada habilidade de reconhecer os traços energéticos e as mudanças corporais propostas por elas. Afinal, não há dentro e fora desse corpo, apenas belas e boas energias, tudo são relações e formas de comunicar. Por isso é novamente com a costura do tempo ampliado no desenvolver dos ensaios que reconheço o “com o que” – que energia e frequência – brinco e chamo, dignando a

presença da luz e da sombra, em duplo sentido, para escolher por onde e como vou continuar. E o mapa desse terreno está nas sensações e fluxo de pensamentos que são provocadas no meu corpo, de carne e osso, encarnado. Assim, com essa disponibilidade de dinâmico equilíbrio corporal, dado pela confiança aprendida no deslizar pelas frequências, (re)olho, sinto, acolho, toco e falo relacionalmente o meu brincar. Firmo a necessária empatia nas relações de afeto como caminho em movimento. Entendo a empatia aqui como irmã da alteridade, ambas são (re)educadoras do intelecto, do sensível e do ego, juntas são o próprio exercício da compaixão e autoamor para me dispor corpo-terreiro de saias brincantes. Fazendo do desenvolver dessas virtudes uma parte essencial da construção criativa das saias e de meus giros.

**Imagem 48: ENSAIADA, brincante Natália Sol – giro de saia no ensaio fotográfico *Instantes de Mulher*, da RodaDa Saia na UnB, 2018.**



**Foto: Flávio de Carvalho.**

## 3. Saia

### 3.1 Figuras – Saias encantadas da RodaDa Saia®

“A lua casou com o Sol no luar do meio dia  
É ela quem vem vindo, a Lua Branca, Ave Maria  
A lua casou com o Sol no luar do meio dia  
Ela é quem vem vindo, a Lua Branca, com as Marias  
A lua casou com o Sol no luar do meio dia”  
Ponto de Ensaíada de Natália Sol.

Pela dança que é a minha caminhada pelos terreiros populares e religiosos, percebo que na cultura está o sentido e cognição de pertencimento social, ao me afastar dela me esvazio e o estado de graça do corpo em equilíbrio com a ancestralidade que transborda criações cênicas é rompido, desencanta meu ser. As escolas da cultura popular são lugares que me oferecem possibilidades de ligação do corpo com a manifestação espiritual e com outros corpos. Nas escolas e rodas das encruzas e quintais do mundo vejo a vida acontecer, troco e toco pelo artístico o sagrado, sinto a magia ganhar corpo, e por isso, danço-canto-batuco-componho-conto. Pela arte honro a natureza de ser corpo junto ao ventre cíclico da Terra, que me pariu por pétalas em festa de rodas de saia. Aprendi que meu corpo que umbiga como corpo-saia centrado em ser corpo-terreiro, tem em si a potência libertadora e criativa de ser *encruza-espiral* com as memórias históricas, sociais e espirituais corporificadas, pois é abençoado pelas sabedorias ancestrais da roda, o encontro dos umbigos de sabedorias que ilumina vidas e espalha luz no rodar das saias.

Meu corpo-terreiro ensaiado também brinca nos sagrados palcos dos teatros e salões, do quintal do mundo ao interior da caixa preta. Afinal, o que é o palco e a cena se não uma encruzilhada, ponto aberto criado para o acontecimento. Foi bem nessa costura que nasceu a apresentação e rito cênico *Ensaíada* em 2019, apresentada no galpão e espaço cultural Casa da Árvore, na Vila Cultural de Brasília. Fazendo uma grande costura de figuras e saias que eu já brincava desde o início do RodaDa Saia® – como a Rosa Cigana – com outras que apareceram durante o processo criativo da peça, como a Saia Branca, Fiandeira, Roseirinha e Catatumba – e mais algumas que são homenagens a entidades que trabalham para a luz nas umbandas e macumbas, que eu já tinha tido contato ou conheci durante a construção da peça; sendo essas últimas pombogiras que digo, com suas devidas permissões, como reencantadas na roda da *Ensaíada* – Dona Maria Molambo,

Maria Padilha das Almas, Rosa Caveira e Maria Navalha – que são madrinhas desse trabalho.

Saias encantadas da e na RodaDa Saia®, guardiãs da brincadeira que vieram dançar no espetáculo *Ensaíada*. Forças que materializei costurando suas saias, mas também na criação de motrizes (LIGIERO, 2019, 198) de movimentos corporais e energéticos, na composição de músicas e falas na construção dessa roda em solo. Não digo que foi um solo artístico pois a última coisa que eu estava era sozinha em cena, haviam muitas saias e músicos brincantes na cena também, mas foi sim em solo, como roda de enraizamento, materialização de florescimento do meu umbigo de ENSAIADA – como chamo meu corpo-saia – do meu centro encruzilhado na roda da brincadeira, que é ponto de encontro de tempos e encantamentos, espiral de passagens. Dessa maneira, todas as linhas em movimento de giro, da barra da saia a ponta dos dedos que costuram o ar, ensinam-me a dançar os mistérios da criação, assim como descreve Alissan (2019) sobre o giro espiral da barra das saias de axé no candomblé:

O desenho vivo de uma espiral que é gestada pelo tempo, as linhas que progridem; capaz de gestar, progredindo existências na circularidade da maternidade; e, para as quais estão destinadas as maiores responsabilidades como guardiães dos mistérios, ora escondidos ora revelados, pelas dobras do tempo. A análise desta imagem em movimento está baseada na restauração de princípios de uma cosmovisão africana no Brasil, que compõem a performance de uma saia que, ao vestir o corpo o singulariza como território do sagrado, e que também é singularizado por ele, pois é ele que a faz movimento, afinal como postula Ligiéro (2011, p.131) o corpo é o centro de tudo nas performances de origens africanas. (SILVA, 2019, p. 17 e 18)

A *Ensaíada* nasceu como um espetáculo de celebração da vida em coexistência no universo criativo, espírito de festividade e encontro com femininos, mas também foi um rito cênico no formato de primeira apresentação compartilhada. Uma grande roda onde as figuras ou saias, como chamo dentro da brincadeira, entraram uma a uma para apresentar narrativas, danças e poesias do fio que costura os vários momentos de minha história como brincante. Apresentação artística e autocasamento, fruto do estudo das nuances de imagens arquetípicas presentes na minha trajetória de Saia ao longo dos dois primeiros anos no movimento RodaDa Saia®, junto a influência das outras rodas, famílias e pessoas que me alimentam de sabedorias e vivências com povos ciganos, africanos, indianos, indígenas e brasileiros. Para alargar as compreensões das saias nos diálogos de terreiros, reinos e formas de crer e viver no mundo.

O exercício aqui é, assumindo a não fronteira na relação entre sujeito e objeto - somos uma: corpo-saia - desenvolver uma relação de investigação que é lúcida em relação aos seus limites e alcances, mas tendo a própria experiência como disparadora de análises que consideram a existência de suas sujeitos. (SILVA, 2019, p. 3)

Assim, num jogo de saias que saem de dentro de outras saias, saias que se vestem por cima de outras, a brincadeira *Ensaiada* tem como cerne a *encruz-espinal* de meu corpo-saia, sendo meu umbigo o elemento fixo a mover os encontros, enquanto as saias, com suas cores e personalidades apareciam e remontam as relações, com o cenário e outras saias dispostas nele; com os outros brincantes que compunham a banda; com o ambiente e com o público. No jogar com essas mudanças pelo trocar das saias e na forma como elas apareciam, tudo acontecia em cena, sem coxias além dos sumires a apareceres dentro das próprias saias, tudo aparente aos olhos, como uma só saia que se desdobrava em várias. Uma puxava a outra, nascia da outra, num jogar sutil de diálogos de luz – o yang ou masculino, no sentido de estar coma direção energética pra fora - e sombra – referindo-me ao aspecto do inconsciente, do yin, da escuridão, do emocional profundo e daquilo que está oculto – exaltando a potência criativa dos encontros, como os aspectos de aparição das fases da lua no céu. O roteiro foi criado como esse desdobrar de passagens da lua cheia vista da luz (a que vemos no céu), fazendo uma volta completa em suas faces e voltando ao seu ápice de cheia, mas de uma perspectiva do lado oculto que sustenta a luz (a luz da lua que ilumina a escuridão da noite ou seu estar nova em outras perspectivas da Terra), representadas pelas saias que dançam esses aspectos.

O que começou com o desejo de voltar a cena e contar histórias de mulheres e saias acabou por me florescer e maturar a dinâmica circular de criações e ancestralidades rodantes em meu umbigo. E para costurar suas aparições, entre o vestir, tirar e fazer aparecer saias, o roteiro da peça foi inspirado no diagrama de meu ciclo menstrual juntamente as energias expressivas das fases da lua, a roda dos ciclos (imagem 30). Trazendo a expressividade de três saias que brincam na luz, três que transitam e quatro que dançam na sombra. As apresentarei por meio de uma breve descrição de cada uma, mas me aprofundarei apenas sobre a criação da Saia Branca no próximo ponto dessa sessão.

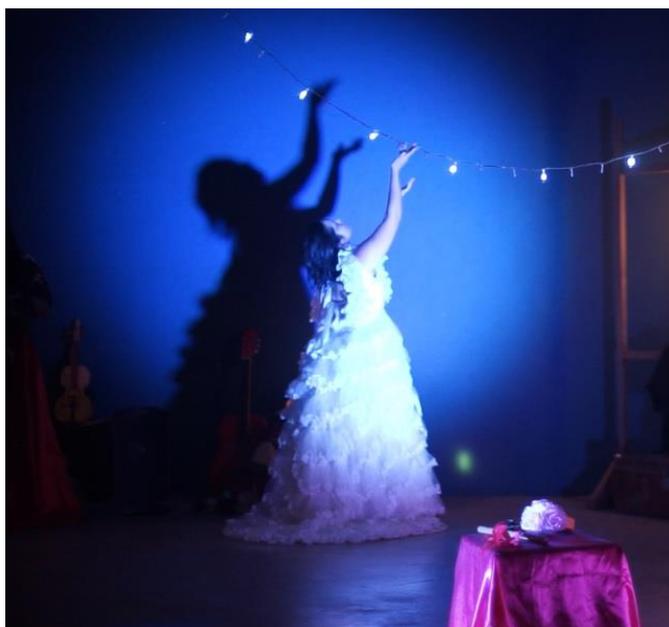
Saias que dançam a luz dos olhos:

### **Saia Branca**

A noiva do mar,  
Ela me mandou chamar  
A noiva do mar  
Ela me mandou cantar.  
A noiva do mar, é de Saia Branca, rendada  
De soleira branca, pintada  
Para me beijar.  
E no seu altar, Ô sereia  
Vem me serenar, Ô sereia  
Venha saravar, Ô sereia  
O meu caminhar  
A saia rendada, Ô sereia  
É para eu me casar, Ô sereia  
Com o bem querer, Ô sereia  
Do meu me amar.

Música autoral de Natália Sol.

**Imagem 49: Saia Branca, brincante Natália Sol, 2019.**



**Foto retirada de registro de vídeo da apresentação da *Ensaíada*, brincante Natália Sol..**

Também chamada de Noiva do Mar, ela é a lua cheia, encantada que vem na abertura da apresentação, ela veste um vestido de noiva volumoso branco com muitas camadas de renda em cascata. Suas anáguas são todas as outras saias, que adentram por sua passagem. Ela é o encanto das águas, aquela que conhece todo segredo, sentimento e memória dos corpos. Alusão a grande mãe, a Iemanjá, a energia da lua branca ou cheia, a que partilha e ensina.

## Fiandeira

**Imagem 50: Fiandeira, brincante Natália Sol., 2019.**



**Foto retirada de registro de vídeo da apresentação da *Ensaíada*, brincante Natália Sol..**

Senhora conhecedora dos caminhos e destinos cósmicos, sua dança e movimentação trazem como inspiração o tear e costurar os fios invisíveis desde as estrelas aos destinos de cada ser na Terra. A Fiandeira é a guardiã dos fios da vida e do respeito ao livre-arbítrio das escolhas dos caminhos, um grande oráculo. Sua saia é feita do matiz das cores do arco-íris em retalhos unidos por fitas coloridas, traz consigo o xale cigano da sabedoria e do feminino ancestral. Sua dança traz a força das raízes e é inspirada nas danças flamencas espanholas.

## Roseirinha

Rosa Roseirinha, rosa, roseira  
Roseira bonitinha,  
Pé de rosas.

Rosa Roseirinha, rosa roseira, roseira bem branquinha, pé de rosa amarela.  
Roda Roseirinha, roda a roseira  
Roseira bonitinha no meu pé de roça.

Música autoral de Natália Sol.

**Imagem 51: Roseirinha, brincante Natália Sol. – ensaio fotográfico das Saias da *Ensaída*, 2020.**



**Foto: Tatiana Reis.**

Roseirinha é ciganinha, menina curiosa, encantada que brinca pulando no vento e inventando música no pífano, traz a pureza, alegria e movimento para a roda. É ela quem desfaz os nós dos destinos colocando pétalas de flores no lugar. É quem faz os pés flutuarem na terra e no ar, fazendo redemoinhos de cor. Traz a força da seca, do sol e do vento. Sua saia é de camadas de tecidos leves e soltos que ela adora fazer voar, traz em sua tiara e blusa as cores e flores que gosta de brincar.

Saias que transitam nas gradações de luz:

### **Catatumba**

Catatumba velha, carregada de fulô  
Catatumba velha, ta cercada de fulôr  
Lá na casa dela, só se veste amor  
Lá na casa dela, só se veste amor.

Música autoral de Natália Sol.

**Imagem 52: Catatumba, brincante Natália Sol. – ensaio fotográfico das Saias da *Ensaçada*, 2020.**



**Foto: Tatiana Reis.**

Saia guardiã das passagens, traz a força da terra e da noite, a ceifadora, aquele que recolhe para a transformação da terra, seu corpo é feito árvore de galhas em ramas que brotam rosas de todas as cores. Sua saia é a costura de tecidos que representam o tempo de vários caixões e estampas de paletós. Seu mistério é dos portais e encaminhamentos para os renascimentos dos corpos. Traz o encerramento, a morte para o renascer dos seres em amor, é o encerramento do ciclo para a roda da vida mais uma vez poder girar.

## Rosa Cigana

Se eu soubesse que era moça,  
Eu vinha só de flor  
Se eu soubesse que era moça  
Eu vinha, só de flor  
Lá na casa dela, só se cheira amor  
Lá na casa dela só se sente amor.

Música autoral de Natália Sol.

**Imagem 53: Rosa Cigana, brincante Natália Sol. – ensaio fotográfico das Saias da *Ensaiada*, 2020.**



**Foto: Tatiana Reis.**

Saia que traz os encantos, cuidados e ensinamentos das ciganas estelares, conhecedora da magia do feminino e das flores. Caminhante das estradas, colhedora e trocadoras de histórias em prol da valorização e reencontro dos caminhos do amor. Costureira e dançarina dos fios brilhantes do tempo. Traz em sua movimentação e dança a firmeza e delicadeza da presença das flores. Sua saia é bem acinturada, tem as sete cores do arco-íris em um tecido floral e bem rodado.

## Nathália

**Imagem 54: Nathália, brincante Natália Sol. – Chá das flores, encontro de celebração da chegada do verão na RodaDa Saia®, 2019.**



**Foto: Adele Texeira.**

Saia humana, mulher que dança seu feminino florescendo encontros sobre autovalorização. Costureira aprendiz de Rosa Cigana e das Saias de roda. Corpo ancestral e artístico que cria e expressa encantamento. Na apresentação da *Ensaíada* me brinco de ser saia também, renascida como ENSAIADA, trazendo o questionamento sobre autoamor e autovalorização.

Saias que iluminam a escuridão da noite e da alma:

Aiai, se eu pudesse amar  
Chamaria a todas Marias para dançar.

Chamaria Rosa dos Ventos,  
Para no cruzeiro dançar;  
Chamaria Rosa Amarela,  
Para o meu bem amar  
Chamaria Roda Caveira,  
Para me ensinar;  
Chamaria Rosa Cigana,  
Para aqui celebrar.

Ponto de pombogira, composição de Natália Sol.

## Molambo

**Imagem 55: Molambo, brincante Natália Sol. - Reencantada na RodaDa Saia®, ensaio fotográfico das Saias da *Ensaçada*, 2020.**



**Foto: Tatiana Reis.**

Saia que homenageia ao corpo de conhecimentos da pombogira dona Maria Molambo, é reencantada na *Ensaçada*. Vem abrindo a percepção para as escolhas dos caminhos e heranças a que se quer seguir, da memória de ser e saber quem se é para saber o que se quer. Sua saia é feita de três camadas, todas com cortes e estampas diferentes, muitos fios pendurados e detalhes em tons de terra, ouro, cobre e prata. Traz consigo uma capa disfarçada em echarpe.

## Das Almas

Espelho Das Almas,  
Espelho D'Álma  
Espelho Das Almas  
Espelho D'Álma  
Eu quero é me encontrar  
Eu quero é me encontrar.

Música para Das Almas, composição de Natália Sol.

**Imagem 56: Das Almas, brincante Natália Sol. - Reencantada na RodaDa Saia®, ensaio fotográfico das Saias da *Ensaçada*, 2020.**



**Foto: Tatiana Reis.**

Saia em homenagem a pombogira Maria Padilha das Almas, reencantada na *Ensaçada*. Ela vem trazendo a relação com o reconhecimento das feições pessoais. Sua saia é de base roxa e renda vermelha transparente. Ela guarda os mistérios do cuidado com a rosa vermelha, do maturar do corpo nas passagens de tempo e da intuição feminina. Senhora do espelho das almas.

## Rosa

**Imagem 57: Rosa, brincante Natália Sol. – Reencantada na RodaDa Saia®, ensaio fotográfico das Saias da *Ensaíada*, 2020.**



**Foto: Tatiana Reis.**

Saia guardiã das histórias da humanidade e da igualdade, Rosa é uma homenagem a pombogira Rosa Caveira. Reencantada na *Ensaíada*, ela vem falar sobre a beleza da alma, além da juventude do corpo ou do vestir-se enfeitada de brilhos. Sua saia traz simplicidade e a vitalidade do vermelho do sangue da vida, feita de tule bordado com flores pretas. Na brincadeira ela também usa um véu ou tule preto no rosto.

## Navalha

Imagem 58: Navalha, brincante Natália, 2019.



Foto retirada de registro de vídeo da apresentação da *Ensaíada*.

Homenagem a pombogira e malandra Maria Navalha. Reencantada na roda da *Ensaíada*, ela vem para finalizar a apresentação, falando sobre a necessidade de se cuidar e valorizar o corpo físico também, primar pela vida e assim se poder fazer carne para a dança da alma. Sua saia é vermelha e branca com uma fenda mostrando o torneado de uma perna.

### 3.2 Saia Branca - o vestido e a benção de mãe

Cristalina Ser, desperto é o coração  
Na cabeça abro os olhos, para enxergar a imensidão.  
Escutai com o coração e deixa o amor entrar.  
Cristalina é a água, diamante a brotar.  
É a forma que se olha, o coração a celebrar.  
Entra entra meu amor  
Entra entra cá brincar  
Entra entra, fora a dor  
Entra só o amor adentra  
Entra entra só o amor  
Para assim, se escutar.  
Canção autoral de Natália Sol.

**Imagem 59: Saia Branca, brincante Natália Sol., 2019.**



**Foto retirada de vídeo da *Ensaíada*.**

Saia Branca<sup>71</sup>, presente de mãe, passagem de água, saia de renda, vestido de noiva, saia do mar, noiva do mar. Ela é a primeira Saia, quem vem abrindo passagem para todas as outras brincarem na *Ensaíada*. Ela é o marco dessa apresentação artística como um rito de autocasamento, do meu me aceitar e do me partejar, romper para ir além. Agora descrevo o caminho de encantamento dessa Saia.

Em minhas caminhadas pessoais, artísticas e espirituais a grande mãe do mar, Iemanjá sempre vinha em meu auxílio – por sonhos, visões, jogos de búzios, oráculos, etc. – me pedindo para eu aprender a me amar mais, dizia que eu deveria ser meu maior amor e me ter sempre como prioridade. Bom, com palavra de mãe não se pode fazer surdez, mas só fui compreender o que ela me convidava a entender depois de uma grande decepção amorosa, um casamento acabado em desgaste, falhas na comunicação, anulações pessoais, maus tratos emocionais, mentais e psicológicos e muitas dores no corpo. Hoje tenho consciência que escolhi, por teimosia, aprender pela dor, mas o que eu mais queria era criar e viver os ciclos e trocas com amor e leveza. Mas a mãe divina é misericordiosa e quando consegui perdoar tudo, olhar também para os bons momentos e assumir as minhas parcelas, escolhas e erros na relação, toquei o chão com humildade e ela estendeu seus braços para me ensinar. Nesse contexto de me reerguer pessoalmente,

---

<sup>71</sup> Vídeo do ensaio aberto da *Ensaíada* (2019), Saia Branca de 00 a 5:59 minutos: <https://youtu.be/IOE63ODp660>

no balanço, ninar e aprender com a mãe divina, veio o nascimento do espetáculo *Ensaíada*, uma costura do me compreender mulher, das escolhas e responsabilidades de ser adulta, do ser artista, do aprender a dançar com minhas energias ancestrais e do brincar, que me fizeram e fazem me levantar todos os dias para viver.

Para isso uma peça de roupa chave, o vestido de casamento que herdei de minha mãe carnal. Vestido que eu tinha ganhado ainda menina e sonhava um dia usar, que por muitos anos guardei. Acredito que ele é que estava me esperando na realidade.

**Imagem 60: Minha mãe, Corina, no dia de seu casamento com meu pai. 1984.**



**Foto: acervo da família.**

**Imagem 61: Eu experimentando o vestido da Saia Branca após alterações, outubro de 2019.**



**Foto: acervo pessoal.**

O Vestido original (imagem 54) tinha mangas de renda e decotes fechados com renda também. Para a performance, porém, fiz algumas alterações, pois ele foi feito para vestir um corpo magro e o meu corpo é mais carnudo (imagem 55). Então, retirei as mangas para abrir mais espaço para a movimentação dos braços, retirei a renda dos decotes da frente e das costas e refiz todo o acabamento com fita. Adicionei uma renda perolada ao decote frontal (imagem 56) para cobrir o colo e conseguir amarrar o vestido com um laço de fita no pescoço, e coloquei fitas no meio das costas para fechar ele atrás, possibilitando a dança e facilitando o tirar o vestido para a mudança das Saias em cena. Essas alterações no vestido também o banharam simbolicamente para ser a abertura do

rito, pois os cortes passaram a expor partes expressivas de meu corpo (braços, costas e colo), além de um rompimento dos padrões mentais das crenças do casamento perfeito, da mulher pura que é presenteada a um homem, no amor ultraromantizado a custo da saúde e natureza feminina, para ser abertura ao devir expressivo das várias camadas e pétalas de meu ser.

**Imagem 62: Eu experimentando o vestido da Saia Branca após alterações. Detalhe de aplicação de renda ao decote ababadado do vestido, 2019.**



**Foto: acervo pessoal.**

De acordo com Schechner (2003), performances artísticas, rituais ou cotidianas são feitas de comportamentos restaurados e estes são a chave para que determinado evento seja performance. São comportamentos duplamente exercidos - ações performadas que as pessoas treinam para desempenhar. Performar é, então, mostrar-se fazendo, apontar, sublinhar e demonstrar uma ação que nunca é desempenhada pela primeira vez mesmo que se pense puramente original. As ações seriam constituídas por recombinação de pedaços de comportamentos aprendidos, observados, já exercidos pelo sujeito em variados momentos de sua vida e até mesmo por outros indivíduos e, portanto, impregnado de significados e significações. (SILVA, 2019, p. 12)

Como reflete Alissan (2019) a partir da visão de Schechner (2003) sobre as performances, a construção da Saia Branca traz justamente o ressignificar de minha história pessoal do me casar, do próprio vestido de noiva antes usado por minha mãe, para a realização de uma ação cênica da figura que vem falar e mover sobre o autoamor. Um transformar memórias dolorosas do passado em alegrias e forças movedoras do presente,

para o transbordar de significados e significações dos corpos para o amor, passagens da vida.

Na construção da Saia Branca uni o amor e ensinamentos de minhas duas mães, carnal e espiritual, meus úteros ancestrais. Ressignificando o local de ser noiva, o casamento, as histórias de amor, o que é o romance ou construção de partilhas de vida, as várias nuances de uma mulher, as diversas temperaturas e densidades das águas emocionais, as possibilidades de criação e potências femininas. Juntamente ao aprender a ser mais paciente e calma para poder sentir e desfrutar dos momentos, sem pressa para que nada aconteça a qualquer custo ou passando por cima daquilo que estou capaz de vivenciar no momento presente de minha vida.

Para isso acontecer, durante os ensaios, a diretora Bárbara me conduzia ao encontro de movimentações das águas do mar. Nem sempre mansas, nunca estática, reverberando emoções e logo desaparecendo. E ao passar por algumas memórias e experimentar movimentações fluidas, fui descobrindo um local cada vez mais distante das minhas emoções pessoais e cada vez mais imersa e sendo um corpo de água. Nesse local de matriz de movimentação fui conseguindo visualizar a saia branca, a encantada de corpo de água, a mensageira do mar, aquela que ao sair das águas não deixa rastros na areia, pois seu corpo é parte e é o mar. Assim fui entendendo que a saia branca lava as dores e abre passagem para o amor passar. E nesse encantamento, cada vez que eu ensaiava os detalhes do vestido faziam mais sentido no encontrar com os mistérios das águas que ela carrega: a cauda comprida que se arrasta pelo chão, lavando o passado; os babados em renda como as ondas que movimentam as águas comunicando o ir e vir das informações e quebrando a ilusão da linearidade do horizonte e futuro, etc.

Nesse deslocar do pessoal e direcionar para a escuta do encantamento – nos momentos de brincadeira, os ensaios foram na direção da fina escuta do invisível que me toca no agora – praticando terreiro (SIMAS). Assim a criação ou ensaiamento da Saia Branca foi também uma prática da ampliação da compreensão da natureza, deslocando o olhar antropocêntrico e percebendo meu corpo relacional como local de expressão desse ser encantada ou divina para além de uma forma em si fechada. Nesse caminho, fui estudar mais sobre Iemanjá e suas manifestações, de onde veio muitas inspirações para fazer essa ponte de compreensão. Ela é uma imagem arquetípica da mãe divina nutridora,

mas também a própria água e mar com todas as vidas e intempéries de toda a extensão corporal multiforme, toda a memória que há no aquático, com a força de limpar, receber e direcionar o que é necessário, a comunicação telepática, o portal de vida e morte, guardião de todo segredo, superfície, meio e profundidade, calunga grande (cemitério das almas). Ela é uma força, um mistério. Nesse local de compreensão da divindade como expressão da natureza, encontrei o espaço de encontro com a forma de mover e pensar corporalmente a Saia Branca, como um comunicar e aprender com uma diversidade de formas da manifestação divina. Performando a natureza, brincando no encontro das irradiações energéticas da grande mãe, seguindo a lógica do encantamento de Simas e Rufino:

Nesse sentido, o encantamento dribla e enfeitiça as lógicas que querem apreender a vida em um único modelo, quase sempre ligado a um senso produtivista e utilitário. Daí o encanto ser uma pulsação que rasga o humano para lhe transformar em bicho, vento, olho d'água, pedra de rio e grão de areia. O encanto pluraliza o ser, o descentraliza, o evidenciando como algo que jamais será total, mas sim ecológico e inacabado. (SIMAS e RUFINO, 2020, p. 9)

**Imagem 63: Saia Branca, brincante Natália Sol. – figura da RodaDa Saia®, 2019.**



**Foto de vídeo do rito *Ensaíada*, acervo pessoal.**

Aqui entra a brincadeira com o tecido também. A vestimenta da Saia Branca é um vestido que pesa corporal e materialmente por ter muitas camadas de renda. Uma estrutura delicada e forte, que traz a dimensão das confidencialidades e sensualidades ao corpo, o que me convidou também a refletir sobre o me render, não como um entregar de pontos, mas me entregar a primazia das sutilezas. Um vestido inteiro de renda que me veste, renda o corpo de água, encanta-me como corpo-saia de Saia Branca para dançar o movimento

do saber receber, transmitir e transformar as informações impressas. Afinal, o vestido também parte de uma herança de mães, também de uma fisicalidade de renda ganhada, de tecido importado, da representação da mulher no que deveria ser um grande momento de alegria e companheirismo com um outro ser, o casamento, e a cor branca como a lua cheia que clareia as noites. O que me levou de volta a pergunta: Como usar todas essas informações em fluxo de criação equilibrado e desapegando de um resultado? Sabendo que a resposta para isso estava justamente no compor a Saia Branca, deixando que ela me mostrasse o próximo passo, CONfiando que o que eu precisava saber já estava dentro de mim e caminhando ao meu lado.

Ao dançar com ela reencontrei o deleite do corpo, como a própria renda, escama aberta, poros sensíveis ao todo. Sentindo o vestido como um delineado corporal para essa energia de água, reencontrei o prazer ao me unir a essa energia, o do sentir com calma o deleite do corpo dançar, ao tocar de uma mão que passa pela outra e sente o próprio toque, do vestido que se move junto ao ar e as outras camadas de saia embaixo dele a formar ondas, e do som das vozes que cantam para ela vibrarem meu corpo ao me tocar. Num encostar sinestésico do mover que beira o transe, um entremeio das energias da grande mãe, dos aprendizados com as vivências, das heranças carnais, e do simples estar presente na ressonância macia das águas. A Saia Branca é o encanto que costura tudo isso. Brincando com ela descubro que também posso cocriar o espaço para escutar com os poros da pele e recontar minha história e de várias mulheres e saias pelo encantamento de compreender outras maneiras e passagens do amor, como manifestação da relação entre as criações divinas. Assim, ela me ensinou a soltar os ressentimentos e mágoas, abrir espaço de saia para criar outras realidades reencantadas pela brincadeira ou invés de me apegar a magia do irreal, para assim conseguir abrir o coração e transbordar-me em amor (como em meu canto no início desse ponto: Entra entra, meu amor; Entra entra cá brincar), como as camadas de renda dessa saia (Para assim se escutar).

## 4. EnSaio– reflexões finais

*No tempo de menina brincava com o tempo, dançava com as nuvens e com o vento a risada da brisa que me contava como chover.*

*No tempo de velha me vi descansada, desavergonhada não pensava se parava ou se continuava a prostrar.*

*No tempo de mãe me vi redonda, amor em revolta com o tempo que não tinha me contado como era estar fora e não dentro do mar.*

*No tempo de mulher, cá estou...inventando quem sou, deixando as rodas do tempo girarem minhas saias, umbigos de amor. É chegado o tempo da ENSAIADA.*

Natália Sol., diário da saia, 2018.

### 4.1 Acabamento – fechamento dessa roda de saias

Eita que somos Saias bonitas em nossas múltiplas diversidades e aparições. Vou finalizando por aqui, fazendo o acabamento dessa costura de saberes e brincadeiras, sabendo que esse não é o fim da pesquisa, muito pelo contrário, essa foi a primeira flor da árvore que brotou em escrita. A muito a refletir sobre o brincar ou performar, criar, costurar e dançar as Saias, mas fecho essa roda para que outras possam se abrir.

Te convido a ouvir de olhos fechados a prosa das flores Rosa Vermelha e Rosa Amarela. Dê uma espreguiçada, fecha os olhos e respira bem devagar. Lembra do caminho, desde o toque da sua pele com a flor que te acompanhou lá do começo da roda até aqui. Te agradecemos por sua escuta e troca. Também te convido a agradecer a sua vida e a tudo que te fez chegar a esse momento.

Ouçã a Prosa de Rosa:

[https://www.youtube.com/watch?v=BzIIQaVf05A&list=OLAK5uy\\_n65vhu5p16f9Z8SqOCG5XSKpRtbU7ufs&index=3](https://www.youtube.com/watch?v=BzIIQaVf05A&list=OLAK5uy_n65vhu5p16f9Z8SqOCG5XSKpRtbU7ufs&index=3) (música 4)

**Imagem 64: Lavanda/Bela-flor, brincante Natália Sol. - figura da RodaDa Saia®, 2020.**



Foto por Adele Texeira.

E nesse mundo de muito pano para as Saias rodarem, finalizo dizendo que a porta do grande jardim-guarda-roupas das saias – terra encantada das saias do RodaDa Saia® – está dentro de todas nós. Foi uma alegria dançar essa roda contigo. Fica aqui o meu desejo que você se ilumine pelas saias e se permita ascender o umbigo em luz e amor, honrando as existências e experiências com a natureza na arte e em toda parte, por onde caminharem suas rodas. Pois abençoadas já fomos, com a vida.

Até já. Asé, Salve. Optchá. Laroyê.

**Imagem 65: Rosa Cigana, brincante Natália Sol. - figura da RodaDa Saia®, 2020.**



**Foto: Tatiana Reis**

## Lista de Músicas:

Músicas do EP – Prelúdio de Saia, gravado em 2020 por Natália Solorzano dentro da RodaDa Saia®.

- **1 - 7 Saias:**  
[https://www.youtube.com/watch?v=a2IWcfwNDtI&list=OLAK5uy\\_n65vhu5p16f9Z8SqOCG5XSKpRtbgU7ufs&index=2](https://www.youtube.com/watch?v=a2IWcfwNDtI&list=OLAK5uy_n65vhu5p16f9Z8SqOCG5XSKpRtbgU7ufs&index=2) página 4.
- **2 - Chamada das Flores:**  
[https://www.youtube.com/watch?v=4l6Xskw4NHU&list=OLAK5uy\\_n65vhu5p16f9Z8SqOCG5XSKpRtbgU7ufs](https://www.youtube.com/watch?v=4l6Xskw4NHU&list=OLAK5uy_n65vhu5p16f9Z8SqOCG5XSKpRtbgU7ufs) página 15.
- **3 - Aviso da Dama Brilhante:**  
[https://www.youtube.com/watch?v=UjPRgcqOjy0&list=OLAK5uy\\_n65vhu5p16f9Z8SqOCG5XSKpRtbgU7ufs&index=5](https://www.youtube.com/watch?v=UjPRgcqOjy0&list=OLAK5uy_n65vhu5p16f9Z8SqOCG5XSKpRtbgU7ufs&index=5) página 41.
- **4 - Prosa de Rosa:**  
[https://www.youtube.com/watch?v=BzI1QaVf05A&list=OLAK5uy\\_n65vhu5p16f9Z8SqOCG5XSKpRtbgU7ufs&index=3](https://www.youtube.com/watch?v=BzI1QaVf05A&list=OLAK5uy_n65vhu5p16f9Z8SqOCG5XSKpRtbgU7ufs&index=3) página 143.

## Glossário de palavras:

**Corpo-terreiro** – compreensão do corpo como templo e local de morada e manifestação divina no Ser.

**ENSAIADA** – nome que criei para me rebatizar como mulher brincante das saias na RodaDa Saia®;

**Ensaçada** – Performance teatral e rito pessoal realizado em outubro de 2019;

**Ensaio** – processo de criação para habitar o centro das saias, empoderar pelo vestir as saias como sabedorias e culturas;

**Escriz-espinal** – Termo inventado para falar do corpo como centro de encruzilhamentos de encontros dos pontos dos eixos cardeais e suas sabedorias de giros espirais, juntamente as inspirações das entidades femininas e masculinas chamadas Exus.

**RodaDa Saia®** – brincadeira e movimento de ensaio feminino;

## Bibliografia

- CARVALHO, Ana Claudia Moraes. *Corpo-encostado*. Repertório, Salvador, nº 25, p.37-40, 2015.
- CHIZIANE, Paulina. *Niketche, uma história de poligamia*. 2. ed. Lisboa: Ed. Caminhos outras margens, 2002.
- DUARTE E SAGGESE, Sonia e Sylvia. *Modelagem Industrial Brasileira*. Editora Gurda Roupa: 5ª edição, Rio de Janeiro, 2010.
- FABIÃO, Eleonora. Artigo: *Performance e teatro: poéticas e políticas da cena contemporânea*. São Paulo, Revista Sala preta, 2008.
- FAUR, Mirella. *Círculos Sagrados para mulheres contemporâneas*. São Paulo, Pensamento: 2011.
- FILHO, Carlos da Fonte. *Espetáculos populares de Pernambuco*. Recife, Edições Bagaço, 1999.
- FISCHER-LICHTE, Erika. *A estética do Performativo*. Lisboa: Orfeu Negro, 2019.
- GRAY, Miranda. *Lua Vermelha: as energias criativas do ciclo menstrual como fonte de empoderamento sexual, espiritual e emocional*. São Paulo: Pensamento, 2017.
- HOOKS, Bell. *Teoria Feminista - Da Margem ao Centro*. São Paulo: Perspectiva, 2019
- JUNG, C. G. *Aspectos do Feminino*. RJ: Vozes, 2019.
- LIGIÉRO, Zeca. *Teatro das Origens: estudo das performances afro-ameríndias*. Rio de Janeiro: Garamond, 2019.
- MAGALHÃES, Tico. *O Mito do Calango Voados e outras Histórias do Cerrado*. Brasília: Teixa Gráfica e Editora, 2020.
- MANHÃES, Juliana Bitencurt. *Um convite à dança: Performances de Umbigada entre Brasil e Moçambique*. Tese (Doutorado em Artes Cênicas) – PPGAC, Centro de Letras e Artes, UNIRIO. Rio de Janeiro, 2014.
- MARASHINSKY, Amy Sophia. *O oráculo da Deusa: um novo método de adivinhação*. São Paulo: Pensamento, 2007.
- OLIVEIRA, Eduardo David. Epistemologia da ancestralidade. In: Entrelugares: Revista de Sociopoética e Abordagens Afins, v. 1, pp. 1-10, 2009.
- OLIVEIRA, Érico José Souza de. *A Roda do mundo gira: um olhar etnocenológico sobre a brincadeira do cavalo marinho estrela de ouro (CONDADO – PERNAMBUCO)*; Doutorado acadêmico. UFBA 2006.
- OLIVEIRA, Érico José Souza de. *Por Trás da Máscara: Transculturalidade em Vsevolod Meierhold e Jacques Lecoq*. UDESC: DAPesquisa, 2014.

- PAVIS, Patrice. *Dicionário da performance e do teatro contemporâneo*. São Paulo: Perspectiva, 2017.
- PRANDI, Reginaldo. *Mitologia dos Orixás*. São Paulo, Companhia das Letras, 2001.
- QUILICI, Cassiano Sydow. *O ator performer e as poéticas de transformação de si*. São Paulo: Annablume, 2015.
- ROLNIK, Suely. *Esferas da insurreição, notas para uma vida não cafetinada*. São Paulo: n-1 edições, 2019.
- RUFINO, Luiz. *Pedagogia das Encruzilhadas*. Rio de Janeiro: Mórula Editorial. 2019.
- SILVA, Alissan Maria da. *Minha saia gira: complexidades costuradas na barra da saia*. Anais da Abrace, 2019.
- SILVA, Alissan Maria da. *Minha saia gira: complexidades costuradas na barra da saia*. Rio de Janeiro: PPGAC - Unirio. Licenciatura em Teatro, IFFluminense; Profª EBTT; CAPES (prodoutoral docente). Performer e macumbeira. Orientador: Zeca Ligério. 2019.
- SIMAS, Luis Antônio. *O corpo encantado das ruas*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019.
- SIMAS, Luis Antônio e RUFINO, Luiz. *Encantamento, sobre política de vida*. Rio de Janeiro: Mórula editorial, 2020.
- SIMAS, Luis Antônio e RUFINO, Luiz. *Fogo no Mato: a ciência encantada das macumbas*. Rio de Janeiro: Mórula editorial, 2017.
- Stewart, Iris J. *A dança do Sagrado Feminino: o despertar espiritual da mulher através da dança, dos movimentos e dos rituais*. Pensamento. São Paulo, 2016.
- TENDERINE, Helena. *Na pisada do galo – Cavalinho na fronteira traçada entre brincadeira e realidade*. Dissertação (Mestrado em Antropologia). Recife: Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Pernambuco, 2003.
- URTIGA, Andressa. *”Brincante é um estado de graça” : sentidos do brincar na cultura popular*. Dissertação de mestrado. 2015

## Videografia

Jongo do Cerrado – História do Jongo:

[https://www.youtube.com/watch?v=f55wuMYuH\\_4](https://www.youtube.com/watch?v=f55wuMYuH_4)

Aula Epistemologia das Macumbas: <https://youtu.be/ciQLWs7xVCw>

Live de lançamento do livro do Mito do Calango Voador e Outras Histórias do Cerrado: <https://www.youtube.com/watch?v=h7bikcvRulc&t=quatroquatro>

Reinação Candanga de Seu Estrelo:

<https://www.youtube.com/watch?v=ADZXNXyWkew>

<https://www.youtube.com/watch?v=ZewYyG7YWIQ>

Ao Coração da Cidade sonhosa, circulação da quarta roda de Seu Estrelo:

[https://www.youtube.com/watch?v=-6Xp0g\\_Reo](https://www.youtube.com/watch?v=-6Xp0g_Reo)

Documentário sobre a história das três irmãs da Turquia no Tambor de Mina:

<https://www.youtube.com/watch?v=xjSABZwnquatroOquatro&t=1018s>

## Sites:

- Fraternidade Universalista da Divina Luz Crística:  
<https://www.divinaluzcristica.com.br/>
- Projeto Mãos de Flores – rumos sustentáveis:  
<https://www.facebook.com/M%C3%83OS-De-Flores-Rumos-Sustent%C3%A1veis-2261879630737427>
- Pedagogia Griô - <http://graosdeluzegrio.org.br/pedagogia-gri%C3%B4/#:~:text=A%20Pedagogia%20Gri%C3%B4%20%C3%A9%20uma,e%20fazer%20tradicionais%20da%20comunidade>.
- RodaDa Saia® - movimento de ensaiamento feminino:  
<https://natalialinssolorza.wixsite.com/rodadasaia>